



# Vegetação Urbana e Afeto: Uma experiência no Grajaú/RJ

Taís Alvino da Silva

**Taís Alvino da Silva**

**Vegetação Urbana e Afeto:** Uma experiência no Grajaú/RJ.

**Orientadora |** Ivete Mello Calil Farah

Dissertação de Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Paisagística da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU - na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ -, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Arquitetura Paisagística.

**Projeto Gráfico |** Bárbara Rocha

**Revisão de Texto |** Prof. Dr. Neusa dos Santos Tezzari



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

FAU  
UFRJ

**prourb**  PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM URBANISMO

SILVA, Tais Alvino da

S586v Vegetação Urbana e Afeto: Uma experiência no  
Grajaú/RJ / Tais Alvino da Silva. - - Rio de Janeiro, 2017.  
143 f.

Orientadora: Ivete Mello Calil Farah.  
Dissertação [mestrado] - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Paisagística,  
2017.

1. Arquitetura Paisagística. 2. Projeto Paisagístico. 3. Paisagem  
Afetiva. 4. Vegetação Urbana. 5. Grajaú. I. Farah, Ivete Mello Calil, orient.  
II. Título.

Aprovado por

---

Professora Dra. Ivete Mello Calil Farah  
[Orientadora PROURB - FAU/UFRJ]

---

Professora Dra. Raquel Hemerly Tardin Coelho  
[PROURB - FAU/UFRJ]

---

Professora Dra. Maria Elisa Maragondi Feghali  
[EBA/UFRJ]

Rio de Janeiro, 21 de Novembro de 2017.

# Agradecimentos

Aos meus pais, Elenita e Neildo, que mesmo de coração partido, entendem e apoiam a minha necessidade de desbravar o desconhecido e de buscar conhecimento e paixões.

Às ‘meninas do Rio’, Ileda, Ivete e Danielle, pela acolhida cheia de cuidado, preocupação e carinho. Espero um dia conseguir retribuir todo o apoio dos últimos dois anos.

À minha orientadora, Ivete Farah, pela dedicação, pelo olhar atento e cuidadoso e, especialmente, pela delicadeza durante toda a construção dessa dissertação.

6

Aos docentes do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística do PROURB-FAU/UFRJ que, constantemente, me impulsionaram e instigaram a investigar e a pensar/repensar a Paisagem.

Aos funcionários da secretaria do PROURB-FAU/UFRJ pela presteza durante os processos burocráticos e também pela gentileza no cotidiano.

À UFRJ, enquanto universidade pública, gratuita e aberta, por proporcionar um ambiente de desenvolvimento pessoal e profissional de alta qualidade.

À Corvinus University [instituição e docentes] pela experiência acadêmica e profissional dedicada à arquitetura paisagística, a qual foi decisiva para a escolha do mestrado profissional.

Ao programa Ciências Sem Fronteiras pela oportunidade de

intercâmbio cultural e acadêmico e assim o contato direto e significativo com a Arquitetura Paisagística.

Aos colegas de turma do mestrado que mostraram que a união e a solidariedade entre profissionais pode construir resultados brilhantes.

À Bárbara Rocha, pela colaboração empenhada na produção gráfica e artística.

À minha tia Neusa Tezzari, pela gentileza e cuidado na revisão do texto.

Aos amigos, Larissa Lima e Gabriel Pedrotti, pela presença e apoio constante nessa vida carioca pouco amigável.

À Máisa Joanni, Gabriela Galiza, Déborah Quinderé, Luciana Barros e Nathália Marques, pelo apoio, incentivo e estímulo, mesmo à distância.

À todos os entrevistados, principalmente Alberto Santos, Rafael, Plínio, César e Flávia, pela disponibilidade e atenção.

7

“Você quer saber o que se passa no interior das coisas e se contenta em considerar seu aspecto exterior; você quer saborear a medula e se fixa à casca.”  
[Franz Von Baadar, apud FARAH, 2008]

# Lista de Figuras

**Figura 01** | Diversos valores e significados atribuídos à vegetação urbana

**Figura 02** | Ilustração conceitual sobre a Dimensão Simbólica

**Figura 03** | Ilustração conceitual sobre a Dimensão Memorial

**Figura 04** | Ilustração conceitual sobre a Dimensão do Lugar

**Figura 05** | Contexto Urbano Bangkok

**Figura 06** | Bangkok - Proximidade ao rio

**Figura 07** | Masterplan Projeto Metro-Forest

**Figura 08** | Relação água e vegetação

**Figura 09** | Vegetação como organizador do espaço

**Figura 10** | Processo natural de crescimento da vegetação

**Figura 11** | Percurso e vegetação

**Figura 12** | Ambiência de floresta tropical

**Figura 13** | Ciclo da água na floresta tropical

**Figura 14** | Masterplan Memorial Esterwegen

**Figura 15** | Contexto geral do Memorial Esterwegen

**Figura 16** | Reconstrução dos percursos

**Figura 17** | Efeito promovido pela vegetação na reconstrução

**Figura 18** | Reconstrução dos quartéis

**Figura 19** | Sensação proporcionada pela vegetação com os percursos e quartéis

**Figura 20** | Reconstrução dos portões

**Figura 21** | Reconstrução das torres de vigia

**Figura 22** | Praça ULAP em destaque em amarelo no contexto urbano do século XIX

**Figura 23** | Praça antes da intervenção- antigo acesso à feira - na porção leste onde a vegetação teve crescimento espontâneo

**Figura 24** | Praça após intervenção

**Figura 25** | Marcas da pré-existência

**Figura 26** | Vegetação inserida - uso da cor

**Figura 27** | Proposta de intervenção - ponto focal

**Figura 28** | Localização do bairro Grajaú no Rio de Janeiro

**Figura 29** | Grajaú e bairros adjacentes

**Figura 30** | Localização da Rua Borda do Mato e Rua Botucatu

**Figura 31** | Localização dos principais marcos de formação do bairro Grajaú

**Figura 32** | Avenida Engenheiro Richard (longitudinal) Rua Júlio Furtado (transversal)

**Figura 33** | Exemplar arquitetônico de valor patrimonial

**Figura 34** | Exemplar arquitetônico de valor patrimonial

**Figura 35** | Exemplar arquitetônico de valor patrimonial

**Figura 36** | Pontos distintos Av. Eng. Richard

**Figura 37** | Vegetação constante na Avenida Engenheiro Richard

**Figura 38** | Direções das vias na Avenida Engenheiro Richard

**Figura 39** | Esquema da Corte Longitudinal

**Figura 40** | Corte transversal ilustrativo

**Figura 41** | Relação entre a Reserva e Avenida Engenheiro Richard

**Figura 42** | Malha linear e retilínea e a vegetação

**Figura 43** | Relação entre a Reserva e a Avenida - Esquema ilustrativo

**Figura 44** | Verticalidade e monumentalidade da vegetação

**Figura 45** | Copas das árvores e o efeito de cobertura

**Figura 46** | Destaque para as aberturas da cobertura

**Figura 48** | Configuração sensação de proteção e abrigo - Esquema ilustrativo

**Figura 47** | Pontos de sensação de amplitude

**Figura 49** | Conformação sensação de amplitude - Esquema ilustrativo

**Figura 50** | Mapa geral da Avenida, a divisão em trechos e usos relevantes

**Figura 51** | Dois principais efeitos causados pela copa das árvores

**Figura 52** | Interrupção da continuidade dos Tamarindos

**Figura 53** | Presença de destaque do Pico do Papagaio no trecho 01

**Figura 54** | Flamboyant, Pau-mulato no trecho 02

**Figura 55** | Enquadramento do Pico do Papagaio

**Figura 56** | Praça Edmundo Rego em primeiro plano e montanhas e vegetação em segundo plano

**Figura 57** | Ilustração botânica Tamarindo; Flor; Fruto

**Figura 58** | Efeito túnel dos Tamarindos

**Figura 59** | Fotografia - Tronco e Copa das árvores

**Figura 60** | Força da estrutura dos troncos

**Figura 61** | Potenciais relações na Avenida

**Figura 62** | Principais marcas da Avenida

**Figura 63** | Estrutura formal e os ambientes de sensibilização

**Figura 64** | Divisão da Avenida em trechos e usos relevantes

**Figura 65** | Sentidos do fluxo do tráfego e divisão das quadras - situação atual

**Figura 66** | Sentidos do fluxo de tráfego e divisão das quadras - proposta

**Figura 67** | Planta baixa geral da proposta

**Figura 68** | Esquema explicativo da construção da proposta para o trecho 01

**Figura 69** | Proposta - Trecho 01

**Figura 70** | Perspectiva - Cenário de sensibilização - Redes.

**Figura 71** | Perspectiva - Ambiente de sensibilização - Bancos tradicionais

**Figura 72** | Perspectiva - Quiosque de flores e plantas.

**Figura 73** | Perspectiva - Ambiente de sensibilização - Bancos

**Figura 74** | Perspectiva - Acesso às redes

**Figura 75** | Esquema explicativo da construção da proposta para quadra 01 do trecho 03

**Figura 76** | Proposta - Quadra 01 do Trecho 03

**Figura 77** | Perspectiva - Utilização do morrote

**Figura 78** | Perspectiva - Elemento água como limite

**Figura 79** | Ambiente de sensibilização relacionado à Praça

**Figura 80** | Ambiente de sensibilização dedicado ao lúdico

**Figura 81** | Perspectiva - Cenário de sensibilização dedicado ao lúdico

**Figura 82** | Esquema explicativo da construção da proposta para a quadra 02 do trecho 03

**Figura 83** | Proposta - Quadra 02 do Trecho 03

**Figura 84** | Espaço de sensibilização - Idosos

**Figura 85** | Transição entre trechos

**Figura 86** | Perspectiva - Ambiente de sensibilização marcado pelo Grajaú Clube

**Figura 87** | Esquema explicativo da construção da proposta para o trecho 04

**Figura 88** | Proposta - Trecho 04

**Figura 89** | Perspectiva - Cenário de sensibilização - Acesso à Avenida.

**Figura 90** | Perspectiva - Espaço de sensibilização proporcionado pelos Tamarindos

## Resumo

A abordagem da paisagem urbana, a partir das questões sensíveis, consiste na busca pela construção de uma paisagem detentora de características que favoreçam a criação de elo afetivo entre suas partes integrantes – usuários e meio físico – na perspectiva de alcançar o conceito de paisagem afetiva. Essa dissertação propõe indicar direcionamentos metodológicos para o projeto paisagístico que tenham como base as características da paisagem afetiva, a partir da vegetação urbana pelo seu caráter de destaque na paisagem como elemento de atribuição de diversos valores e significados pela população. Em meio a complexidade da pluralidade de valores e significados transmitidos pela vegetação, o caminho metodológico se deu através de três dimensões (simbólica, memorial e do ambiente) como suporte teórico, da análise de projetos contemporâneos (com enfoque sensível) como repertório de estratégias projetuais e do ensaio projetual na Avenida Engenheiro Richard no bairro Grajaú como estudo de caso. A opção por esse recorte resultou do destaque pela extensão, pelo porte notável, pelo valor histórico de relevância para o bairro Grajaú, pelo destaque paisagístico e pela expressividade do conjunto vegetal, mas, principalmente, pelo reconhecimento da riqueza psíquica e ambiental desse conjunto para o bairro e a seus usuários. Sendo assim, a dissertação apontou sutilezas da vegetação que incitam a construção de laço afetivo entre a população e a vegetação, revelou diferentes condutas sensíveis na concepção do projeto paisagístico e experimentou decisões projetuais a partir da vegetação como elemento forte na paisagem afetiva.

**Palavras-chave** | Vegetação Urbana, Paisagem Afetiva, Projeto Paisagístico, Grajaú.

## Abstract

The urban landscape approach, based on sensitive issues, consists in the search for the construction of a landscape that has characteristics that favor the creation of an affective link between its integral parts - users and physical environment - in the perspective of reaching the affective landscape concept. This dissertation proposes to indicate methodological orientations for the landscaping project based on the characteristics of the affective landscape, from the urban vegetation by its prominent character in the landscape as an element of attribution of diverse values and meanings by the population. In the midst of the complexity of the plurality of values and meanings transmitted by vegetation, the methodological path was given through three dimensions (symbolic, memorial and environmental) as theoretical support, from the analysis of contemporary projects (with a sensitive focus) as repertoire of the design essay at Avenida Engenheiro Richard in the Grajaú neighborhood as a case study. The option for this cut resulted from the prominence of the remarkable size, the historical value of relevance to the Grajaú neighborhood, the outstanding landscape and the expressiveness of the vegetation, but mainly for the recognition of the psychic and environmental richness of this set for the neighborhood and its users. Thus, the dissertation pointed out subtleties of the vegetation that incite the construction of an affective bond between the population and the vegetation, revealed different sensible behaviors in the design of the landscape project and experimented with design decisions from the vegetation as a strong element in the affective landscape.

**Keywords** | Urban Vegetation, Affective Landscape, Landscape Design, Grajaú.

## Sumário

Resumo	8
<hr/>	
Introdução	13
Objetivos	18
Objetivo Geral	18
Objetivos Específicos	18
Metodologia	18
<hr/>	
1 Vegetação urbana: valores e significados	23
1.1 Dimensões e seus direcionamentos	28
1.2 Dimensão Simbólica	30
1.3 Dimensão Memorial	34
1.4 Dimensão do Ambiente	38
<hr/>	
2 Projetos paisagísticos contemporâneos e o apelo sensível	43
2.1 Projeto Metro Forest	48
2.2 Memorial Esterwegen	56
2.3 ULAP - Universum Landes Ausstellungs Park	62
2.4 Projetos contemporâneos e suas abordagens	66

<hr/>	
3 Grajaú: Leitura Afetiva e do Meio Físico	69
3.1 Compreensão e apreensão do meio físico	72
3.2 Imaginário Avenida Engenheiro Richard	82
<hr/>	
4 Ensaio Projetual: Afeto e os Tamarindos	95
4.1 Princípios Paisagísticos	98
4.2 Proposta Paisagística	102
<hr/>	
Considerações Finais	129
<hr/>	
Referências Bibliográficas	135
<hr/>	
Anexos	141



# introdução



A paisagem urbana pode ser compreendida como fruto da configuração social e espacial associada aos processos naturais em um contexto geográfico, histórico e cultural. Ou seja, é uma construção em constante processo de transformação, com a ação de agentes diversos envolvendo múltiplos campos disciplinares, alcançando expressão na forma de vivência cotidiana das pessoas. De acordo com Joan Nogué [2009, p.22], “nós vivemos emocionalmente através da paisagem não somente porque existem elementos tangíveis nela, mas porque existem construções sociais e culturais impregnadas com denso conteúdo intangível geralmente acessível somente pelo mundo das emoções.” Isto a torna composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas, sobretudo, por aquilo que se esconde em nossas mentes, o imaginário social.

O imaginário social consiste em representações do mundo real, tendo como perspectiva os saberes sociais, trazidas pelos sentidos de forma a compreender a realidade e percebe-la desta ou daquela forma. Essas representações abarcam os sonhos, os desejos, os temores, o inalcançável e também o real de forma a ter um forte poder de qualificar o mundo. É, então, o agente de atribuição de significados, atuando como o propulsor da ação do homem ao longo da sua existência [PESAVENTO,2007].

Seguindo o mesmo raciocínio, o imaginário urbano caracteriza-se como uma forma subjetiva e grupal de ver, de viver e de habitar a cidade. Um conjunto de ideias e representações coletivas, a seleção de um contexto construído a partir de diferentes pontos de vista e permeado pela bagagem cultural, estética e simbólica, que pode desvelar os significados da cidade. Significados estes compreendidos como uma soma hipotética de diferentes visões [SILVA, 2001].

Esse conjunto está inserido em uma dimensão de trocas

constantes, em que o físico produz efeitos no simbólico pela sua relação entre o físico, sua vida social, seu uso e representação. Da mesma forma, as representações afetam, conduzem seu uso social e modificam a concepção do espaço [SILVA,2001].

De acordo com James Corner [1990], a arquitetura paisagística é a disciplina que sempre teve uma posição privilegiada na sociedade, a partir do seu papel de mediador entre natureza e cultura e pelo seu caráter intencional necessariamente simbólico. E a sua atuação, a partir dos aspectos sensíveis da paisagem, favorece a exploração dos valores e significados atribuídos pela população.

Nessa mesma perspectiva, Lúcia Costa [2015] destaca o uso da vegetação na prática profissional da arquitetura paisagística como agente ativo e transformador da experiência paisagística contemporânea. De acordo com Costa [2015, p. 271], a vegetação tem papel central como “infraestrutura para novas experiências urbanas e territoriais, expansão de biodiversidade, e definição de formas urbanas” de forma a materializar a complexa interação entre sociedade e natureza. A dificuldade de lidar com esse imaginário advém de que ele pertence ao campo da metáfora e da poética e não ao raciocínio objetivo e de equações algébricas, sendo geralmente banalizado em um mundo no qual os valores pragmáticos de eficiência e utilidade são predominantes. Contexto marcante do século XX em que “os conhecimentos técnicos da ecologia substituem a poética do morar, a atitude excessivamente estética afasta o conteúdo simbólico, o historicismo paródico substitui a história e a tradição, o regionalismo nostálgico opõe-se à modernidade contemporânea, o movimento fundamentalista da natureza desloca as representações artísticas e culturais, e o dogmatismo acríptico de diferentes campos do conhecimento substitui o diálogo.” [CORNER,1990, p.75].

Em meio a esse contexto de pragmatismo, há uma tendência

por optar-se na concepção do projeto paisagístico, convencionalmente, por aquilo que é passível de racionalização [análises topográficas, densidade urbana, rede viária, abastecimento de água potável, energia elétrica, telefone, gás, redes de esgotamento, condições do solo, etc]. Estas ações são importantes e necessárias durante o desenvolvimento do projeto, porém, não devem se restringir única etapa do processo. A conscientização da necessidade de se tratar questões sensíveis da paisagem leva ao questionamento dessa conduta pragmática, de forma a direcionar a arquitetura paisagística ao seu caráter de atribuição de significado à existência humana por meio da construção do conceito de lugar marcado por sentidos positivos de pertencimento, proteção e segurança. Em outras palavras, na construção de um lugar que possibilite a criação de elo afetivo com ele, uma paisagem afetiva, “aquela que tem a capacidade de atrair, envolver e emocionar os habitantes urbanos” [FARAH, 2006, p.02].

Há, então, uma mudança de paradigma da exclusividade de investigação a partir da ótica positivista para a abertura de um olhar voltado para os aspectos de revalorização dos potenciais sensíveis, buscando os significados da paisagem que fortaleçam os elos com as pessoas. Essa mudança se dá a partir de abordagens pautadas em perspectivas como por exemplo a de Norberg-Schulz [1980]. Perspectiva essa que compreende a arquitetura como um meio para conceder uma base existencial ao homem, e, portanto, encara a necessidade humana de experimentar as situações da vida cotidiana como providas de significado. Ou seja, uma lente de observação que tem como propósito transformar o meio físico, a partir da revelação dos seus potenciais significados ali construídos pela sociedade.

Considerando a concepção de uma paisagem afetiva urbana, observa-se a existência de uma pluralidade de paisagens potenciais em um mesmo lugar, que de acordo com a singularidade de cada pessoa

em envolver-se e emocionar-se, elegem e se deixam afetar em um dado dia por uma dessas paisagens (SANSOT,1995 apud FARAH, 2006). Entre a pluralidade de paisagens e a singularidade das pessoas, a vegetação urbana, “pela sua capacidade de se moldar a diversas expectativas, suscitar significados os mais variados, evocar associações, despertar lembranças”, proporciona uma gama de possibilidades na construção do laço afetivo. Dentre as diversas possibilidades, a presença da vegetação e dos elementos naturais promove prazer através da experiência sensorial [capaz de abarcar os cinco sentidos], agrega temporalidade através da relação tempo e transformação biológica e possibilita equilíbrio psicológico e social pela qualidade estética, oportunizando que o ambiente urbano se transforme sensivelmente aos sentimentos humanos e facilite a comunicação entre as pessoas e a cidade (FARAH, 2006, p.02).

16

Alguns autores como Furtado e Dalcin (apud FARAH,1997) têm apontado que a presença da vegetação está geralmente associada aos benefícios do âmbito físico e biológico, desconsiderando vantagens que não podem ser medidas numericamente. É pouco e/ou parcialmente explorado o impacto psicológico da vegetação sobre as pessoas, tais como o sentimento de bem-estar, a sensação de abrigo, a relação entre o ciclo de vida da vegetação e o ciclo de vida humano, o caráter de orientação, o valor simbólico de veneração, o valor simbólico de conexão com o cosmo, dentre muitos outros. Estudos desenvolvidos pela psicologia da paisagem por autores como Appleton (1975), Ulrich (1990) e Lewis (1990) foram fundamentais na elucidação destas importantes contribuições.

Essa potencialidade afetiva é inerente à vegetação, porém, é necessário que os projetos paisagísticos considerarem os valores e significados atribuídos pela população, de forma que essa potencialidade seja melhor explorada. Cabe ao arquiteto paisagista compreender

como ocorre o laço afetivo entre a população e a vegetação urbana para, então, identificar os elementos que devem ser incorporados na concepção do projeto, a fim de conceber uma paisagem enquanto “veículo de acontecimentos emocionalmente fortes” (TUAN, 2012, p.136), permitindo, assim, que a afetividade e os laços estabelecidos com o ambiente culminem em uma paisagem que reflita essa sociedade criadora de significado.

Entende-se o afeto, nessa dissertação, diferentemente da noção romântica de sentimento terno de afeição por algo ou por uma pessoa. Admite-se a perspectiva de Tuan (2012) do afeto enquanto sentimento de resposta aos estímulos sensoriais do ambiente material que acomentem os seres humanos. A noção de afeitividade como “manifestações específicas do amor humano” (2012, p.135) fruto daquilo que nos afeta prazerosamente na vivência do espaço urbano.

Outro importante ponto a ser explicitado é que, nessa dissertação, o olhar em relação à vegetação urbana destina-se aos diferentes extratos de exemplares vegetais (arbóreo, arbustivo, herbáceo) que a compõem no meio urbano. Entendendo assim a vegetação urbana enquanto elemento de composição do espaço urbano, no qual podem ocorrer situações de destaque ao exemplar arbóreo e/ou arbustivo ou destaque ao conjunto. Sendo assim, os estudos que levam em consideração especificamente o exemplar arbóreo, como por exemplo os realizados pela Farah e Rival, são interpretados como possíveis ampliações à compreensão do conjunto vegetal também.

Acrescento<sup>1</sup> ainda a vivência particular - especialmente motivadora para a construção desse estudo - do relato expressivo, intenso [emocionalmente] e constante [de familiares e amigos,

<sup>1</sup> Neste trecho, em função do caráter particular do relato, optou-se pela adoção da primeira pessoa do singular. No restante do texto, manteve-se a terceira pessoa do singular.

especificamente] da experiência da paisagem a partir da presença, do reconhecimento e do relacionamento com a vegetação. Ao longo da minha trajetória pessoal, esses relatos, em geral, ocorreram em momentos de descontração em família e/ou entre amigos. Em família, a figura marcante foi o meu pai que, ao transmitir um pouco da sua história, se deliciava ao imergir naquele universo em que a vegetação revelava momentos marcantes, pessoas especiais e sensações significativas. Por exemplo, ao relatar o cotidiano do meu avô no sítio, meu pai reconstruía o ambiente e estruturava a sua narrativa a partir do Juazeiro [*Ziziphus joazeiro*] que possibilitava sombra aos rotineiros momentos de sonoco pós almoço. Essa árvore guiava a lembrança dos outros componentes daquele espaço e daquela experiência. A partir dela reconstruía os elementos ao seu redor como cercas, pasto e casas vizinhas.

Enquanto que, entre amigos, a amiga potiguar é o destaque com a sua habilidade de reconhecer inúmeras espécies frutíferas da zona da mata nordestina e a relação dessas espécies com seus diferentes espaços de morar e com o laço afetivo entre ela e o pai. A título de exemplificação, a Mangabeira [*Hancornia speciosa*] marcava a narrativa que retratava a memória infantil. A partir desse exemplar vegetal, determinava essa fase da vida e a residência que foi a sua moradia durante a infância. Além disso, foi importante na construção de uma relação permeada por forte conexão entre pais e filha. Os diversos momentos no jardim de casa entre os dois oportunizou essa relação significativa de forma que ainda mantém essa troca de conhecimentos e vivências.

Nesses relatos, as experiências de vida mostravam-se emocionalmente ricas de significado a partir da associação entre espaço, vegetação e vivência. Os momentos da vida pessoal, as relações interpessoais e os espaços da cidade [ou até mesmo as cidades distintas]

eram narrados, fortemente, a partir da presença da vegetação em um contexto [emocional e perceptivo].

A presença da vegetação se caracterizava como determinante para a experiência em si e para a sua inserção no espaço físico. Ela era o ponto de partida para a restauração desses momentos. De forma geral, as descrições se davam com o reconhecimento da vegetação e o vínculo dela com o espaço físico específico, ou com a presença da vegetação e a lembrança de experiências pessoais a partir dessa influência, ou com o relacionamento entre a vegetação urbana e os momentos marcantes e significativos da vida pessoal, ou ainda outras tantas possibilidades. Em meio a essa riqueza de olhares, vivencio a minha formação como Arquiteta e Urbanista e Tecnóloga em Construção de Edifícios, que teve uma base extremamente tecnicista que reafirma a ótica pragmática e pouco explora a relação do usuário com a paisagem através da vegetação. De forma que gerou o questionamento pessoal de como aproximar-se desse campo e explorar as suas oportunidades nas intervenções paisagísticas. De como encarar a subjetividade e a particularidade do usuário como estratégia para a construção de uma paisagem afetiva urbana, sendo, objeto de estudo dessa dissertação de Mestrado Profissional.

Em meio a esse contexto de construção da paisagem detentora de significados e admitindo a particularidade de atuação do arquiteto paisagista, a dissertação busca compreender esse universo afetivo e, ainda, realizar o ensaio projetual a partir dessa compreensão. Ensaio este que consiste na experimentação dos aspectos sensíveis e teóricos em um espaço físico na intenção de ordenamento da paisagem, a partir de uma demanda qualitativa em detrimento ao quantitativo e de uma visão de construção da paisagem afetiva pela população, com foco no uso e valorização da vegetação. O espaço físico selecionado para o ensaio projetual foi a Avenida Engenheiro Richard, no bairro Grajaú, zona

17

norte do Rio de Janeiro/RJ. A opção por esse recorte resulta do destaque do conjunto arbóreo existente na avenida. Destaque pela expressividade e extensão do conjunto vegetal, formado por 110 exemplares, mas, principalmente, pelo reconhecimento da riqueza psíquica e ambiental desse agrupamento para a cidade do Rio de Janeiro e a sua população. Portanto admite-se, previamente, a existência de uma relação de vínculo entre a vegetação e os usuários da Avenida.

Além disso, de acordo com Ana Fani Alessandri Carlos (2007), a rua é a dimensão concreta da espacialidade urbana no nível do vivido, na qual o homem comum expõe sua vida cotidiana, dando, assim, pistas e ampliando a perspectiva de análise sobre a vida, os usuários, suas histórias, suas perspectivas, seus significados. A autora encara a rua enquanto evento sobre o qual é possível apreender o imprevisto, a improvisação, o espontâneo. A partir dessa visão, considera-se a escala da rua como favorável à experimentação das questões sensíveis.

### Objetivos |

**Objetivo Geral |** Contribuir para a apreensão e aplicação dos elementos que corroboram para a construção da paisagem afetiva com base nos valores e significados atribuídos à vegetação urbana pela população.

### Objetivos Específicos |

Investigar como ocorre a construção do laço afetivo entre a população e a vegetação urbana, a partir da atribuição de valores e significados segundo marcos teóricos;

Analisar projetos paisagísticos que prezam pela construção de laços afetivos entre a população e a vegetação urbana, buscando identificar as ferramentas utilizadas em sua concepção;

Experimentar uma aplicação prática de projeto paisagístico que enfatize a construção do laço afetivo em um ensaio projetual como estudo de caso.

### Metodologia |

Em se tratando da mescla da pesquisa entre subjetividade - a afetividade a partir dos valores e significados atribuídos à vegetação urbana - e objetividade - o anseio de aplicabilidade dessa subjetividade ao projeto paisagístico -, as estratégias metodológicas também permeiam esses dois universos com a adoção de métodos quantitativos e qualitativos, a fim de se utilizar da complementariedade entre suas características e resultados obtidos.

Inicialmente, a pesquisa deteve-se ao universo de compreensão da vegetação quanto ao seus diversos papéis no imaginário urbano, a partir da revisão bibliográfica dos estudos previamente existentes de antropólogos, geógrafos e arquitetos paisagistas, tais como Armando Silva (2001), Laura Rival (1998), Simon Schama (2009), Herbet Schroeder (2011), Kevin Lynch (1997), Ivete Farah (2008), Norberg-Schulz (1980), Yi-Fu Tuan (2012), entre outros.

Dada a complexidade desse universo, optou-se por fragmentar os aspectos que o compõe, adotando aqueles que são mais relevantes, recorrentes, inter-relacionados e que a sua interpretação e problematização favorecessem a sua compreensão. Para tanto, utilizou-se do enfoque na vegetação como objeto que transmite a mensagem, construindo as dimensões, a partir das categorias propostas por Ivete Farah no estudo da constituição de uma paisagem afetiva: árvore-tempo, árvore-memória, árvore-símbolo, árvore-identidade, árvore-natureza. Associado a essas categorias, a interpretação de teóricos voltados ao olhar sensível da paisagem, como Yi-Fu Tuan (2012), Kevin Lynch (1997) e Marc Treib (2011), teve papel importante para alcançar

a divisão em três dimensões: simbólica, memorial e do ambiente.

Essas dimensões se configuram como ferramentas fundamentais na instrumentação teórico-metodológica. Atuam como estruturadores da investigação a partir da ótica investigativa a ser empregada, mantendo uma uma visão direcionada, já que valores e significados atribuídos à vegetação urbana podem ser analisados a partir de diversas lentes investigativas. A dimensão simbólica abarca a construção de mitos e símbolos na relação entre vegetação e população. Enquanto a dimensão memorial explora a remoração e o poder da imaginação na experiência da paisagem, sendo a vegetação urbana o condutor desse processo. E a dimensão do ambiente abrange as especificades de cada espaço urbano e a busca pela compreensão das características que o tornam único na vivência da população.

Sendo assim, as dimensões percorreram todo o processo de construção da dissertação, como explicitado a seguir. Além disso, na tentativa de auxiliar a exposição de cada dimensão produziu-se, com a colaboração da arquiteta e mestrandia no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFBA Bárbara Rocha, uma ilustração para cada uma, a partir da técnica colagem, a fim de ampliar a sua interpretação por meio desse recurso visual.

Em seguida, realizou-se a pesquisa de projetos paisagísticos contemporâneos de referência, nos quais as estratégias de projeto fossem direcionadas aos aspectos sensíveis, com o intuito de interpretar a abordagem e as ações desses projetos como meio de sistematizar direcionamentos para o ensaio projetual e de transportar a imersão alcançada com as dimensões para a ação projetual. Para esse procedimento, utilizou-se de consultas a memoriais descritivos de projetos, a sites especializados em arquitetura paisagística, a entrevistas disponibilizadas pelos arquitetos e arquitetos paisagistas.

No sentido de sistematizar todas essas informações, foram elaborados fichamentos e diagramas, facilitando sua análise e direcionamento ao objeto de estudo. Vale salientar que a análise dos projetos se deu a partir da ótica das dimensões delineadas no capítulo 1.

Após a interpretação e avaliação das ações de cada projeto de referência elencou-se quatro diretrizes gerais na tentativa de auxiliar e direcionar a proposição de uma paisagem afetiva em um ensaio projetual. Tendo como principais ferramentas os diagramas, os croquis, a observação do uso e comportamento, a percepção pessoal do espaço urbano e as entrevistas semiestruturadas.

Para tal, a porção da cidade do Rio de Janeiro selecionada para o ensaio projetual foi a Avenida Engenheiro Richard, no bairro Grajaú, zona administrativa norte. A opção por esse recorte resulta do destaque do conjunto arbóreo existente no local. Destaque pela extensão do conjunto, pelo porte notável, pelo valor histórico de relevância para o bairro Grajaú, pelo destaque paisagístico e pela expressividade do conjunto vegetal, mas, principalmente, pelo reconhecimento da riqueza psíquica e ambiental desse conjunto para o bairro Grajaú e a seus usuários. Essa notoriedade do conjunto, formado pelos 110 Tamarindos - espécie *Tamarindus indica* - existentes no canteiro central, culminou com a sua proteção e preservação a partir do decreto municipal nº27380/2006 que determina a garantia de imunidade ao corte dos seus indivíduos e estabelece a Fundação Parques e Jardins como responsável pela avaliação e autorização de podas e/ou outros tipos de manutenção na Avenida. Sendo assim, o tombamento e o reconhecimento dos Tamarindos caracterizam-se como outra razão para a escolha dessa Avenida. A partir dessas qualidades de destaque, admite-se, previamente, a presença de elo entre a vegetação e os usuários da Avenida.

Além disso, a Avenida insere-se na porção urbana que compreende a Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) do Grajaú, concebida e delimitada pelo decreto municipal nº39102/2014, a fim de garantir a “proteção da ambiência e manutenção das características urbanas e paisagísticas desta APAC”. A delimitação leva em consideração a “localização do bairro junto aos contrafortes do Maciço da Tijuca, que pertencem à Zona de Amortecimento do sítio declarado Patrimônio da Humanidade na categoria Paisagem Cultural pela UNESCO”; a “área de entorno do Parque Estadual do Grajaú”; a “singularidade e qualidade do traçado urbano, dos logradouros, lotes, espaços públicos e da massa arbórea do loteamento promovido pela Cia Brasileira de Imóveis e Construções”; a “qualidade paisagística do bairro e do seu ambiente urbano construído”; e o “acervo arquitetônico que apresenta características tipológicas e morfológicas de interesse cultural”, de forma que essas características recorrentes na área constituem um valioso testemunho das várias fases da sua ocupação, configuram o processo evolutivo da cidade, e conferem identidade à APAC do Grajaú. Esse decreto municipal reforça a riqueza paisagística [ambiental, estética, psíquica, social e cultural] desse espaço urbano, identificada diante da reflexão proposta nessa dissertação, de forma a instigar a experimentação das questões sensíveis nesse espaço. Sendo assim, compreende-se a Avenida Engenheiro Richard como um cenário permeado de possibilidades e oportunidades de atuação tendo em vista o entendimento dessa paisagem como formada por composições sociais e culturais impregnadas com denso conteúdo afetivo.

Importante ressaltar que a adoção de porção da cidade não abarcará análises aprofundadas de questões referentes ao universo biofísico e contexto urbano, dada a intenção de enfatizar nas questões do imaginário urbano, sem, obviamente, excluir as dados quantitativos necessários para o reconhecimento da área, tais como topografia, densidade urbana, rede viária e fluxos, usos, extratos vegetais, dentre

outros.

A observação participativa do uso e comportamento e as entrevistas semiestruturadas atuaram no intuito de auxiliar a imersão e compreensão do imaginário urbano desse recorte. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com público aleatório presente na Avenida Engenheiro Richard e seus arredores. Essas entrevistas presenciais ocorreram durante o dia, no período matutino e vespertino entre Maio e Agosto de 2017, principalmente nos pontos de maior aglomeração de pessoas, na Praça Edmundo Rêgo, nas suas quadras adjacentes e nas proximidades das instituições de ensino Colégio da Companhia de Maria, Escola de Educação Comunitária e Escola Municipal Lourenço Filho. A aleatoriedade do público se deu pela disponibilidade dos entrevistados diante do momento de abordagem para a entrevista na intenção de indefinição prévia do tipo de grupo a ser entrevistado, de forma que a abertura e disponibilidade eram mais importantes. Além dessa aproximação para a realização das entrevistas, utilizou-se a internet como um outro meio. A entrevista foi enviada diretamente, através de e-mail particular, para cada pessoa e elas tiveram total liberdade para a formulação das respostas. Esses entrevistados detinham informações quanto ao contexto de utilização desse material para a dissertação do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística e também uma visão generalista da temática através de conversa prévia às respostas da entrevista. Diferentemente das entrevistas presenciais, as entrevistas online se deram com público selecionado, já que era necessário algum tipo de vínculo com a Avenida. Primeiramente, uma seleção de amigos que detinham vínculo com o bairro como moradia e, num segundo momento, amigos de amigos também moradores ou antigos moradores que demonstraram sensibilidade à temática.

A adoção de três dimensões – simbólica, memorial e do ambiente – surgiu na tentativa de direcionar a pesquisa ao âmbito de

atuação do arquiteto paisagista. Em meio ao amplo contexto pelo qual o imaginário urbano é permeado [e do qual a construção da paisagem afetiva faz parte], essa opção se deu pela busca de relacionamento do conhecimento teórico das áreas de conhecimento da Psicologia, Antropologia e Geografia com as estratégias desenvolvidas nos projetos paisagísticos. Além disso, esperou-se extrair, das dimensões, facilitadores para a estruturação da imersão no imaginário da Avenida Engenheiro Richard.

Durante o ensaio projetual, a intenção foi potencializar os elementos sensíveis presentes no estudo de caso, de forma a expor a subjetividade das dimensões em formato de projeto paisagístico. Com isso, evidenciar como os valores e significados atribuídos à vegetação urbana podem ser absorvidos durante o processo de projeto. O caminho metodológico, nessa etapa, ocorreu em função da imersão na área do estudo de caso, das observações e dos relatos expostos nas entrevistas, do repertório dos projetos paisagísticos contemporâneos de referência e das diretrizes desenvolvidas na dissertação. Esses conteúdos se articularam e, assim, formaram as decisões do projeto paisagístico.

Nesse caminho metodológico, utilizou-se, principalmente, das fotografias, realizadas no local e posteriormente impressas, como ferramenta projetual sensível. Para tanto, considerou-se a visão de Murad (2000, p.01) sobre a fotografia, de que ela é detentora de potenciais relacionados à imaginação indutora do ver, do olhar e do contemplar, num anseio de materializar o que compõe o imaginário humano, transcendendo assim “a simples ação perceptiva do olho”. Nesta interpretação, a fotografia é constituída de um olhar sobre o mundo que relaciona os fenômenos do olhar, da luz e do instante. Murad (2000, p.02) adota a perspectiva da Fenomenologia da Imaginação criadora e da Imagem poética de Gaston Bachelard, que compreende o olhar além da função biológica do olho, não somente aquele que enxerga, mas também

“sonha, imagina, divaga e cogita”. Uma abordagem que não restringe a imagem fotográfica a um elemento instrumental [meramente mediador] e, sim, a concebe como um elemento que permite possibilidades de transcendência, alcançado a ideia da fotopoética. Murad admite que se desvincular dessa perspectiva de mediador acarreta estar em estado de devaneio, ou seja, aberto a um fluxo criador de novas realidades imagéticas. Importante ressaltar aqui que se entende devaneio como devaneio criador, aquele que aponta para possíveis transformações da realidade podendo “incorporar nuances de cósmicos, poéticos ou anagógicos, mas que estão sempre compromissados com o originar”. Portanto é com esse viés criador e transformador que as fotografias elaboradas na Avenida Engenheiro Richard foram consideradas. Entendendo-as como um instrumento metodológico de trabalho que pode proporcionar outras leituras e ideais para o espaço urbano.1

Esse processo não necessariamente ocorreu de forma linear, provavelmente de forma cíclica em que o repertório teórico e metodológico, a imersão nas condições do contexto urbano e os elementos de projeto se retroalimentaram.

A dissertação é constituída por quatro capítulos. No primeiro capítulo são discutidas as diversas contribuições teóricas, permitindo um panorama do papel da vegetação no imaginário urbano. No segundo capítulo, tem-se a análise de projetos paisagísticos a partir das dimensões construídas com o repertório teórico. No terceiro capítulo apresentam-se as características físicas do bairro Grajaú e a leitura afetiva da área a partir das dimensões e da minha percepção pessoal desse espaço urbano. No quarto capítulo expõe-se os princípios projetuais elaborados nessa dissertação e também a proposta paisagística para a Avenida Engenheiro Richard. No último capítulo, seguem-se algumas considerações finais envolvendo as contribuições e os desafios da dissertação, mas também as direções de futuros estudos.



1

VEGETAÇÃO URBANA:  
VALORES E SIGNIFICADOS



A paisagem urbana é composta por diversos elementos, como, por exemplo, a vegetação e os elementos naturais, os elementos socioeconômicos e culturais, o conjunto edificado, as pessoas, dentre outros, em uma estrutura de rede intrincada. Costa [2010, p.216] reforça essa característica quando aponta a importância de encarar a paisagem como processo fruto de uma “complexa estrutura de relações que lhes é inerente.”.

Sendo assim, a concepção da paisagem pode ter elementos diversos de abordagem, como os citados acima. A escolha pelo enfoque na vegetação ocorre pelo caráter de destaque que ela apresenta na paisagem como elemento de projeto que gera qualidade funcional, ambiental e estética, mas, sobretudo, pela diversidade de valores e significados que lhe são atribuídos pela população da cidade, o que culmina em uma intensificação da relação de afeição entre a paisagem e o usuário [FARAH,2006].

Nessa perspectiva de estímulo à relação afetiva entre a paisagem e o usuário, prevalece, nessa dissertação, uma visão de cidade pautada nas “formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade, no caso a cidade.”. Ou seja, tem-se como horizonte para a construção da paisagem urbana, a força e peso do imaginário social na compressão coletiva da cidade. Essas representações, sejam elas expressas por palavras, coisas, publicidade, fotografia, arquitetura, pintura, grafite, escultura, monumentos, traçados etc, são trazidas pelos sentidos e agem de forma a compreender a realidade e percebe-la desta ou daquela forma, tendo assim, um forte poder de qualificar a paisagem [PESAVENTO, 2007].

Além disso, uma visão que prioriza a compressão da cidade a

partir da percepção sensível, na qual as emoções, as sensações e os sentimentos, gerados pelo ambiente urbano, são mais relevantes do que a sua materialidade em si. Pesavento [2007] indica que pode-se conceber uma paisagem urbana que se mostra mais associada ao experienciado pelos seus usuários do que se somente considerar a referência aos elementos concretos e construídos dessa paisagem. [PESAVENTO, 2007]. E ainda o entendimento da paisagem enquanto “cena da vida, construção cultivada, portadora do significado.” [SPIRN, 1998, p.15]

A atribuição de valores e significados à vegetação está imersa no universo de associações, percepções e vivências, de forma que integra o entendimento da cidade, a partir do imaginário social urbano. Uma construção fruto da interação entre as estimulações exteriores e uma sedimentação cultural anterior.

Como observa Marc Treib [2011], o significado reside no observador e não no lugar. Somente atrair a atenção para as marcas do lugar, as condições físico-ambientais, ou ainda lições didáticas de formas não são suficientes para criar significado. Esses valores e significados permeiam o universo de associações, percepções e vivências que englobam as emoções, os sentimentos e os sentidos sensoriais.

Ou seja, o significado não é uma construção do arquiteto paisagista; em vez disso, é uma criação do observador que utiliza, ocupa, confronta e finalmente interpreta. Este é adquirido com o tempo e percebido diferentemente devido à bagagem cultural, à educação, às experiências de vida e às experiências com a natureza.

Além disso, Spirn [1998, p.18] aponta que o significado da paisagem “está lá para ser descoberto, inerente e atribuído, moldado pelo que os sentidos percebem, pelo que o instinto e a experiência lêem

como significativo, pelo que a mente conhece.” Sendo, portanto, o papel do arquiteto paisagista instigar reações ao lugar a partir da compreensão de ideias que reconheçam nosso tempo, nossa sensibilidade e nosso povo [TREIB,2011]. Poder buscar esta compreensão através do enfoque na vegetação como objeto que transmite a mensagem é, portanto, um ponto interessante e instigante, a que este estudo se destina.

O modo como essa capacidade de expressão e significado da paisagem ocorre não é bem compreendido, já que a paisagem, diferentemente da linguagem verbal, não exprime literalmente algo, ela o faz através de outros meios. A paisagem pode expressar “certas coisas, pode possuir símbolos e referenciar ideias, eventos e objetos extrínsecos aos seus próprios elementos e lócus, e em certas circunstâncias pode ser didático e/ou altamente poético.” [OLIN, 1988, p. 44]. De acordo com o autor, a paisagem possui dois tipos de significados atrelados a dois entendimentos de construção de paisagem. Um primeiro associado à sobrevivência e a perpetuação social, na qual a paisagem é vista como território para o desenvolvimento da sociedade. Em geral lugares ou características relacionadas às fontes de sustento, segurança e descanso. E um segundo compreendido como significado elaborado, que abrange a maioria dos campos de atuação da arquitetura paisagística como os espaços místicos e associados à morte, mas também espaços de moradia e trabalho [em geral paisagens construídas]. Essas paisagens despertam sentimentos de “fascinação, respeito, medo, contemplação, diversão e satisfação, interesse visual e sensorial e estímulos de todos os tipos.” [OLIN,1988, p.46].

A seguir, citam-se alguns autores cujas as pesquisas foram importantes para consolidar a base teórica do imaginário urbano e arbóreo. SILVA [2011] estuda o conjunto de ideias e representações



# 1.1 Dimensões e seus direcionamentos

28

As dimensões não ocorrem de forma isolada. Elas se sobrepõem e se inter-relacionam na construção do imaginário social, do qual a paisagem afetiva faz parte. Elas têm, como característica comum, a relação das pessoas com o espaço, relação no sentido de intercâmbio entre o mundo interior (emoções, sentimentos, história, entre outros) e o mundo exterior (paisagem). Interpretação esta numa perspectiva de tentativa de imersão nesse universo múltiplo e complexo que pode fornecer ferramentas para o fomento de ambientes urbanos acolhedores e expressivos do imaginário coletivo.

Portanto, essa investigação com o intuito de compreender como ocorre o processo de construção dos laços afetivos exprime que, para alcançar essa possibilidade de instigar e ampliar essa construção, faz-se necessário uma perspectiva de abordagem na qual os detalhes e as sutilezas da vida cotidiana sejam presentes e constantes nas decisões de projeto paisagístico.

Mais especificamente, foram identificados alguns aspectos mais evidentes, como interpretação, observação e síntese particular do exposto acima, a serem explorados a partir dos autores cujas as contribuições se revelaram mais reverberantes em relação à temática dessa dissertação.

A contribuição da Rival (1998) foi o subsídio mais forte para a construção da dimensão simbólica. O seu repertório teórico participou, de forma marcante, na elaboração da interpretação do papel simbólico da vegetação na paisagem. Essa contribuição revelou a manifestação da vegetação como elemento natural de força e expressividade no espaço urbano. A interpretação perceptiva dessa manifestação é fruto da presença notória da vegetação como elemento diferente (verde) no espaço construído e urbanizado (majoritariamente cinza), o que possibilita o mergulho em outra esfera de percepção do cotidiano. Esfera que está

29

O tema dessa dissertação, como já exposto anteriormente, insere-se num contexto amplo do campo do sensível, então a construção dessa imersão teve como foco as conexões entre a vegetação urbana e o afeto e a construção da paisagem afetiva no meio urbano, a fim de permitir o direcionamento do olhar investigativo. O proposto pelas dimensões segue a perspectiva da subjetividade e a partir dela traça nuances que se destacam. A autora Vera Damazio (2017) corrobora com esse mesmo raciocínio, ao tratar das relações entre pessoas e espaços. Damazio afirma que

“estabelecemos conexões emocionais com o que reflete nossas singularidades, ressalta nossas qualidades e fortalece nossa identidade em todas as suas dimensões. [...] com o que fortalece nossos vínculos conosco, com a sociedade e com o universo; com o que nos faz sentir necessários, importantes, únicos e parte de um todo; e com o que promove vivências de toda natureza.” (DAMAZIO, 2017, p. 09).

Essas singularidades apontadas por Damazio estão presentes nas dimensões, porém atrelada ao papel da vegetação nessas conexões.

Sendo assim, acredita-se que, na elaboração de projetos, é fundamental assimilar o olhar proposto nas dimensões e associar ao aspecto funcional de configuração e estruturação do espaço urbano que a vegetação possui, de forma que uma perspectiva apoie a outra. Utilizar o potencial de configuração e definição espacial da vegetação como ferramenta fundamental para a construção de uma paisagem significativa que emocione, que incite lembranças e que promova afeições a fim de “atingir a correspondência entre o corpo individual e o corpo urbano, fazendo com que os cidadãos se reconheçam numa cidade e reconheçam essa cidade como individualidade.” (FARAH, 2008, p. 200).

além da sua compreensão como pertencente ao meio físico e concreto, mas também como parte relevante e significativa das associações, representações e emoções humanas. Além disso, tem-se o subsídio da expressividade da vegetação pelo entendimento da sua conexão com a essência da vida, e com as fases/ciclo da vida. E ainda a construção de aporte para a clareza da pluralidade simbólica das árvores e que essa característica pode favorecer a multiplicação de pontos de comunicação entre a paisagem e as pessoas.

Enquanto que Schroeder (2010) teve papel preponderante na composição da dimensão memorial, ele trouxe a ênfase no reconhecimento do potencial imaginativo na experiência da paisagem no cotidiano urbano. O autor evidencia o poder da imaginação no processo de reconhecimento do espaço urbano e de autoconhecimento do usuário nesse mesmo espaço, atuando, assim, como elemento chave na construção da identidade e no reconhecimento de um grupo social/nação. Ainda atrela à imaginação a capacidade de promover maior valorização do espaço pela provocação de rememoração, lembranças, emoções e associações a eventos e sentimentos.

Já Norberg-Schulz (1980) foi fundamental na estruturação da dimensão do ambiente. O autor foi determinante para a compreensão da necessidade de assimilação das marcas que conferem a geral ambiência e atmosfera do lugar. Essas marcas são responsáveis por promover a identificação mais compreensível do espaço pelo usuário. Também contribuiu para a consciência da riqueza da vida cotidiana expressa pela diversidade de relações, emoções, associações que um grupo social desfruta, a partir do entendimento de que as suas peculiaridades são evidências desse contexto urbano e que elas dão sentido à vida desse grupo.

## 1.2 Dimensão Simbólica

O imaginário social é o agente de atribuição de significados a partir do conjunto de ideias e representações coletivas (PESAVENTO, 2007).

Então a compreensão da atribuição de significados e valores perpassa pelo entendimento de que a paisagem é composta por simbolismo e elementos identitários a ela associados que acabam por alimentar os imaginários sociais (SCHAMA, 2009). E que esses símbolos e elementos identitários permeiam as relações das pessoas com o espaço, construído por diferentes pontos de vista e permeado pela bagagem cultural, estética e simbólica.

Nesse relacionamento entre as pessoas e a paisagem, tem-se como premissa do simbolismo vegetal a visão da Rival (1998, p.01) de que as “árvores fornecem alguns dos símbolos mais visíveis e potentes do processo social e da identidade coletiva”. Essa premissa permeia o cenário de interação entre a sociedade e seus ambientes naturais, e elucida a importância do simbolismo no entendimento da construção coletiva de paisagem urbana, instigando a compreensão desse universo sob a ótica da paisagem afetiva.

As diferentes abordagens de outros autores sobre o simbolismo da árvore, como o desejo humano de externalizar e materializar sentimentos coletivos através de espécies naturais apontado por Durkheim (1976, apud Rival, 1998), ou o simbolismo natural das árvores fruto da dualidade humana entre animalidade biológica e a mente como local de moralidade e espiritualidade definido por Douglas (1970 apud Rival, 1998), e ainda a visão da árvore como ‘forma viva’ que para Atran (1990 apud Rival, 1998) fazem com que compreendamos o fato de que as pessoas naturalmente tendam a considerá-la um fenômeno atraente, Rival destaca que as árvores são utilizadas simbolicamente para “fazer

concreto e material a noção abstrata da vida” e que elas são “suportes ideais para um propósito simbólico precisamente por causa do seu status ambíguo de organismo vivo” (RIVAL, 1998, p.03).

De acordo com Rival (1998, p.01), o simbolismo da árvore “reflete o desejo humano em expressar suas ideias através de signos externos e materiais, independente do que esses sinais possam ser”, em que a árvore é utilizada simbolicamente como meio para a expressão coletiva. Seguindo o mesmo raciocínio, Farah (2008, p.54) afirma que “ a árvore, como símbolo, desvela um mundo invisível. Um mundo abstrato, acessível apenas pela imaginação.”.

Ao longo da história da humanidade, a árvore teve papel de destaque na construção de mitos e símbolos, a partir da sua utilização em rituais de adoração, cerimônias religiosas, entre outros. Pode-se citar, em diversas culturas, a concepção da árvore como centro do mundo, a árvore como elemento de representação simbólica do ciclo de vida humana, a ideia de Árvore da Vida, a qual possui diversas interpretações nas religiões e também a árvore como figura representativa do cosmos (FARAH, 1997), o que evidencia o peso simbólico dado a este elemento pelo ser humano em diferentes culturas. O autor Maurice Bloch (1998) acredita que esse poder simbólico se dá em razão das árvores serem boas substitutas para os humanos e que essa boa substituição é devido ao fato de serem diferentes, mas manterem uma continuidade a partir do elemento comum que compartilham, a vida.

Jacques Brosse (1998, p.300) reitera o peso das árvores, pela sua característica de organismo vivo, ao salientar a permanência do seu caráter intrigante e misterioso no decorrer da história da humanidade. Segundo o autor, essa noção sobre as árvores permanece porque “elas se comunicam com os elementos mais profundos, suas raízes dentro

da terra e seus ciclos no céu, que parecem unir, e conseqüentemente possibilitar a comunicação entre os dois invisíveis, acima e abaixo.” Ou seja, a árvore como meio de relacionamento entre o físico e concreto e o intangível, a partir de uma interação entre homem e natureza pautada na imaginação, emoção, sensação e percepção.

As qualidades essenciais das árvores para a construção do seu simbolismo são a vitalidade e a auto regeneração (RIVAL, 1998). De acordo com a Rival (1998, p.27), a “vida das árvores, com sua qualidade duradoura que transcende a finalidade da vida humana, nunca acaba mesmo, ou parece continuar sob uma forma diferente.”, de forma que a auto regeneração possibilita a longevidade e assim o relacionamento com gerações distintas promovendo “analogias com características da vida humana” (FARAH, 1997, p.138), além de assinalar as estações do ano. Enquanto que a vitalidade está associada a árvore como doadora de energia, a sua característica de organismo vivo, com um ciclo de vida da semente para o fruto e do fruto para semente, traz a noção de que “as árvores não têm vida, elas propagam a vida” (RIVAL, 1997, p.23), abarcando a dimensão do misterioso, em que “pode ocultar forças desconhecidas” (FARAH, 1997, p.137).

Em função da noção de simbolismo das árvores exposta por Rival, Farah, Bloch e Brosse pode-se destacar alguns significados simbólicos da árvore como o poder místico, a religiosidade, a universalidade, a verticalidade e a temporalidade. De acordo com FARAH (2008), o simbolismo da vegetação, se pensado a partir do sentido de origem do universo, ou seja um sentido muito além pautado na sua essência de “uma espécie de centelha original”, pode vislumbrar a figura simbólica de conexão com o cosmo.

A religiosidade faz-se presente pelo lugar da árvore como o lugar



**Figura 02 |** Ilustração conceitual sobre a Dimensão Simbólica  
Fonte: ROCHA, 2017<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Bárbara Rocha - Arquiteta responsável pela elaboração das ilustrações sobre as dimensões.

do sagrado, no qual atua como “elemento da natureza capaz de receber a entidade do culto religioso” (FARAH, 2008, p. 89). Essas implicações religiosas são reforçadas pela associação entre o santuário, a idolatria da árvore e as formas arquitetônicas góticas, sendo, então, o sagrado da natureza um espaço recorrente na humanidade, mesmo em diferentes culturas. Especialmente explorados a partir da verticalidade, da essência de grandiosidade dada pela sua arborescência e da relação de origem da vida.

A universalidade encoraja-se pela capacidade das árvores de expressar a estrutura da vida e do cosmo através do seu sistema de ramificação. Esse sistema, exteriorizado nos ramos ou nas raízes das árvores, detém um conjunto de características e traços de domínio comum no imaginário social de forma que, como Farah (2008) aponta, a árvore transcende às diferenças culturais e dos indivíduos, tornando-se num símbolo de união de povos e regiões.

As árvores encerram em si, também, a temporalidade, por meio da função como relógio sazonal [termo utilizado por Lynch] “precisos na primavera e no outono, funcionando como sinais do tempo, nos dando as informações de que precisamos para viabilizar a coordenação social e enquadrar ciclos naturais ao nosso senso interior de tempo.” (FARAH, 2008, p.103).

Essa multiplicidade de símbolos da árvore desencadeia uma pluralidade de ideias, associações e emoções que multiplicam os pontos de comunicação entre a paisagem e as pessoas. Mesmo que não ocorra de forma consciente, que seja perceptível a ligação entre determinados sentidos e significados, há uma repercussão dessa relação simbólica na vivência com a árvore, e consequentemente, com a paisagem.

Dessa forma, a dimensão simbólica demonstra a força do elemento natural, o seu papel de notoriedade, e a sua conexão com a essência da vida, e com as fases/ciclo da vida.

A partir do referencial teórico explicitado acima como repertório interpretativo, desenvolveu-se, junto à colaboração da arquiteta e mestrande Bárbara Rocha, uma ilustração conceitual com o intuito de complementar a percepção sobre a dimensão. O intuito da imagem conceito [Figura 2] é explorar, principalmente, as relações entre a vegetação e as pessoas a partir do papel de elemento contrastante desempenhado pela vegetação no meio urbano, por isso então a utilização da sobreposição de colagem entre contexto urbano e diferentes exemplares vegetais. Já a apresentação de diferentes espécies tem intenção de exemplificar a força e a expressividade da sua presença na paisagem a partir da composição dos diferentes extratos vegetais. Enquanto que a notoriedade se manifesta na leitura e na experiência da paisagem através das suas características botânicas, mas também pelas percepções e sensações a ela associadas e por ela promovida. Além disso, as possibilidades associativas e representativas de diferentes espécies de acordo com o seu contexto de inserção. São alguns dos “insights” que se espera que a imagem promova ao leitor.

Além disso, essa ilustração conceitual tem o intuito de ampliar a subjetividade de compreensão dessa dimensão. A ideia é que o leitor, dessa dissertação, possa mergulhar na imagem e, partir da própria sensibilidade, aliado à bagagem teórica, acrescentar nuances ao caráter simbólico da vegetação.

## 1.3 Dimensão Memorial

Seguindo o raciocínio de Schama [2009, p.70], paisagem e memória são indissociáveis, já que, para ele “paisagem é cultura antes de ser natureza, um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha”, de forma que “em cada árvore, cada rio, cada pedra, estão depositados séculos de memória”, construindo a cultura e a história de cada povo. Já Pesavento [2002] aponta como principal ponto de interesse entre a memória e os traços cidade, a “sua capacidade de evocar sentidos, vivências e valores.” O espaço urbano, mesmo aquele edificado no passado, é pensado e sentido no presente de forma que converte-se em “suporte da memória social da cidade.”

Para Schama [2009], a paisagem é preenchida por elementos identitários e simbólicos da nacionalidade de um povo, construídas e reproduzidas pela literatura e pela pintura, que permeiam o imaginário social e que, ao longo da história de um povo, somam-se e solidificam-se na projeção de uma paisagem nacional.

Além disso, a dimensão memorial está inserida no contexto de construção do imaginário social, expressa nas experiências pessoais e na capacidade de imaginação dos usuários. Segundo Cosgrove [2000], a imaginação tem o papel de elaborar, metaforicamente, aquilo que os sentidos capturam, e atribuir-lhes significado.

De acordo com Schroeder [2010], a imaginação na experiência da paisagem pode aparecer em uma variedade de formas; porém, o autor elege algumas mais recorrentes no relato dos envolvidos no seu estudo, tais como “edição mental”, “viagem no tempo” e “transposição para outros lugares”. Através dessas categorias, exemplifica a força da imaginação no fortalecimento de imagens da paisagem, na restauração de paisagens na memória do usuário, na recaptura de experiências vivenciadas, na imersão no próprio imaginário individual e ainda na

revisitação e na vivência da experiência mesmo sem, de fato, estar no local descrito.

Com isso, Schroeder indica que identificar como a imaginação abarca a experiência da paisagem pode ajudar no desenvolvimento e na expressão dos significados e valores dela. E que a imaginação deve ser explorada no processo de tomada de decisão sobre a atuação na paisagem. Ou seja, utilizar-se das categorias por ele propostas como mais recorrentes [“edição mental”, “viagem ao tempo” e “transposição para outros lugares” ] como formas de intervenção na paisagem.

A partir do aporte teórico proposto por Lynch [2006, p.11], pode-se associar essa dimensão ao seu conceito de imaginabilidade, que é caracteriza como a “alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador”. Nesse contexto, a vegetação pode fixar paisagens, eventos, emoções e até pessoas, a partir da capacidade de evocar lembranças. Memória esta construída em função “de uma determinada aura, solicitada por um determinado registro de sons, uma determinada luminosidade ou uma determinada tonalidade afetiva.” [SANSOT,1995 apud FARAH,2006, p.04]. Essas características da vegetação são trazidas à lembrança através da recuperação da ambiência do lugar.

Farah [2008, p.52] apresenta a rememoração da vegetação em duas diferentes situações: uma em que a lembrança é recuperada a partir de processos que levam ao estado de consciência, e outra em que a própria presença da vegetação traz à tona “situações, sentimentos, emoções e imagens caras à afetividade.”. Ainda acrescenta a consequência dessa experiência de lembrança, na qual ela desencadeia uma nova densidade, uma profundidade suplementar, devido à dilatação do estado afetivo e intelectual, carregando, assim, de sentido a existência da pessoa. Isso reforça a importância das emoções que podem aflorar relacionadas a

lembranças trazidas pela presença da vegetação na paisagem urbana.

A capacidade nata de rememoração faz com que as pessoas esperem, do ambiente, condições que melhor acolham essa capacidade. Sendo assim, a atuação da memória é importante em um contexto coletivo, não se reduzindo a soma de representações individuais. Nesse contexto coletivo, faz-se necessário a utilização de objetos de domínio comum que permitam coincidir os caminhos de cada um com o de outros na paisagem, extrapolando as representações individuais e alcançando o grupo social. De acordo com Farah [2008, p.53], as árvores funcionam como esses objetos coletivos: “as árvores que se perpetuam no ambiente urbano, criando relações com o espaço e com as pessoas, podem constituir imagens que possuam significados numa determinada paisagem, sendo compartilhados coletivamente pelos habitantes e usuários do lugar.”.

Posto isto, a dimensão memorial revela a sua importância pela participação na construção de identidade e reconhecimento de uma nação, pela capacidade de valorização de uma paisagem, a partir da imaginação pelo usuário das condições precedentemente existentes, das suas marcas e das semelhanças com paisagens conhecidas anteriormente e pela associação de eventos a sentimentos.

Essa ilustração conceitual [Figura 3] tem como intenção expor a ênfase do poder da imaginação na experiência da paisagem através da experimentação da vegetação. A propensão da vegetação de instigar os sentidos a capturar sensações, de evocar vivências e lembranças, de transportar os usuários a outros momentos diferentes do presente vivido e a outros lugares, de associar elementos da paisagem e a própria paisagem às memórias e aos espaços físicos. Essas possibilidades que a vegetação pode despertar na experiência da paisagem são idealizadas,



**Figura 03** | Ilustração conceitual sobre a Dimensão Memorial  
Fonte: ROCHA, 2017.

nessa representação gráfica, através de grandes “janelas”. Cada “janela” é interpretada como a vegetação atuando como elemento instigador da imaginação. Dessa forma, ela sugere e suscita diferentes interpretações e conexões com o espaço urbano, ou seja, possibilita diversos canais de comunicação entre o usuário e a paisagem. Na ilustração, foram selecionadas algumas possíveis conexões desencadeadas por esse potencial imaginativo: a própria paisagem em um momento histórico diferente do presente, outra paisagem com referências semelhantes, e a vegetação em outro contexto urbano.

Além disso, a ideia de que essa paisagem vivenciada no presente, a partir da inclinação da imaginação através de elementos coletivos, constrói estrutura para a memória social, atuando, assim, na construção da identidade de um grupo.

Novamente, espera-se indagar a curiosidade e a capacidade interpretativa do leitor para acrescentar visões que complementem a ênfase à imaginação e a sua importância na construção da dimensão memorial. Uma oportunidade para incitar a própria sensibilidade e subjetividade.

## 1.4 Dimensão do Ambiente

Apesar do significado não residir no lugar e sim no observador como exposto anteriormente, o ambiente físico e concreto expressa preferências e potências culturais de uma determinada comunidade e um conjunto natural específico, resultado do acúmulo de tempos [WAGNER e MIKESELL,2003], que fornece uma base complexa e rica para a compreensão da identidade do lugar e a sua apropriação como elemento na construção da paisagem afetiva.

Seguindo esse raciocínio, essa dimensão tem, como perspectiva, a investigação da paisagem como o “lugar do acontecimento cultural e como cenário de um efeito imaginário” [SILVA, 2001, p.23]. Para tanto, entende-se cultura como “o significado dos saberes, técnicas e crenças de um dado grupo, traduzidos em representações e práticas, as quais dão sentido à vida do grupo” [CORRÊA, 2003, p.171]. Sendo assim, a cultura não seria somente um conjunto de significados e valores existentes na mente, ela se torna concreta por meio de padrões de organização, mas também pela maneira na qual as formas são experienciadas, entendidas e interpretadas.

Essa ideia de sentido à vida das pessoas abarca a visão de Norberg-Schulz [1980] de que o ambiente é formado pelo espaço existencial. Espaço este que comporta a relação básica entre homem e o seu ambiente, numa abordagem fenomenológica de retorno à essência das coisas, com ênfase no ambiente e nas experiências cotidianas. Segundo o mesmo, esse espaço existencial pode ser compreendido por duas categorias: caráter e espaço e que são elas as responsáveis por conferir orientação e identificação ao usuário.

Este caráter é determinado a partir de como as coisas são e compreendido como *genius loci*, o “espírito do lugar” em sua complexa totalidade. Abrange a geral ambiência, atmosfera do lugar - que é a

qualidade de identificação mais compreensível do homem- e também a forma concreta e a substância dos elementos que definem espaço. Ou seja, uma abordagem fenomenológica do caráter deve compreender as manifestações, mas também os seus determinantes concretos. Ainda aponta que o caráter é função do tempo, das mudanças de acordo com as estações do ano, das mudanças do clima e acima de tudo das diferentes condições de luz. Mas também revela a importância das soluções técnicas, de como as coisas são construídas [forma e tecnologia] e de como se articulam formalmente, para que, então a abordagem fenomenológica se aproxime de uma base concreta.

O espaço abarca as três dimensões que organizam e formam o lugar. Norberg-Schulz descarta a visão de espaço como somente geometria tridimensional e/ou espaço como campo perceptivo e, sim, como reconhecido pelas suas diferenças qualitativas que formam o espaço concreto. Para o autor, o espaço tem como aspecto primário a relação entre exterior e interior, o que implica que os espaços possuem um grau variável de extensão [prolongamento] e de confinamento.

Entende-se, então, a partir do pensamento de Norberg-Schulz, que esse espaço físico que garante identificação [seja ela do próprio ambiente ou do usuário] e orientação se valem de características particulares e expressivas do lugar e que, a partir da utilização dessas características, pode-se alcançar o que ele denomina como espaços vibrantes, cheios de associações, interações, trocas e vivências permeadas de significado. Espaços que se revelam pelo seu caráter e pela sua configuração formal através da vida cotidiana e olhar dos seus usuários.

Spirn [1998,p.15] também evidencia a importância das especificidades do espaço físico ao apotar que “os significados dos

elementos da paisagem apenas são potenciais até o contexto os moldar.” A autora compreende que a paisagem é cena da vida, uma construção cultivada através de padrões [culturais, estéticos e espaciais] que regem e conduzem como as paisagens são formadas.

Assim, o espaço físico como lugar de significado fruto de trocas constantes entre vida social, seu uso e representações que pode assumir diversas formas e variar em amplitude emocional e intensidade, resumidamente, é descrito como:

“o prazer visual efêmero; o deleite sensual de contato físico; o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas devido à saúde e vitalidade animal.” [TUAN, 2012, p.339]

Nessa perspectiva de potencial afetivo por esse lugar permeado de significado, a presença da vegetação e dos elementos naturais não atua somente como mitigadora da poluição sonora, estabilizadora do equilíbrio solo-clima e das condições atmosféricas, mas, sobretudo, na condição de elemento estruturador na construção do conceito de lugar marcado pelo de pertencimento, proteção e segurança.

De acordo com Wagner e Mikesell [2003], a vegetação é um surpreendente revelador da influência humana no espaço. A partir da sua disposição, do estilo e dos materiais e técnicas empregadas, a vegetação transmite um modo de vida e uma forma de interação com o quadro natural.

Com isso, a intenção dessa dimensão é de apropriar-se das peculiaridades de um grupo, na tentativa de imergir no seu cotidiano e, através das mensagens da vegetação, compreender quais as características do lugar que dão sentido à vida desse grupo.

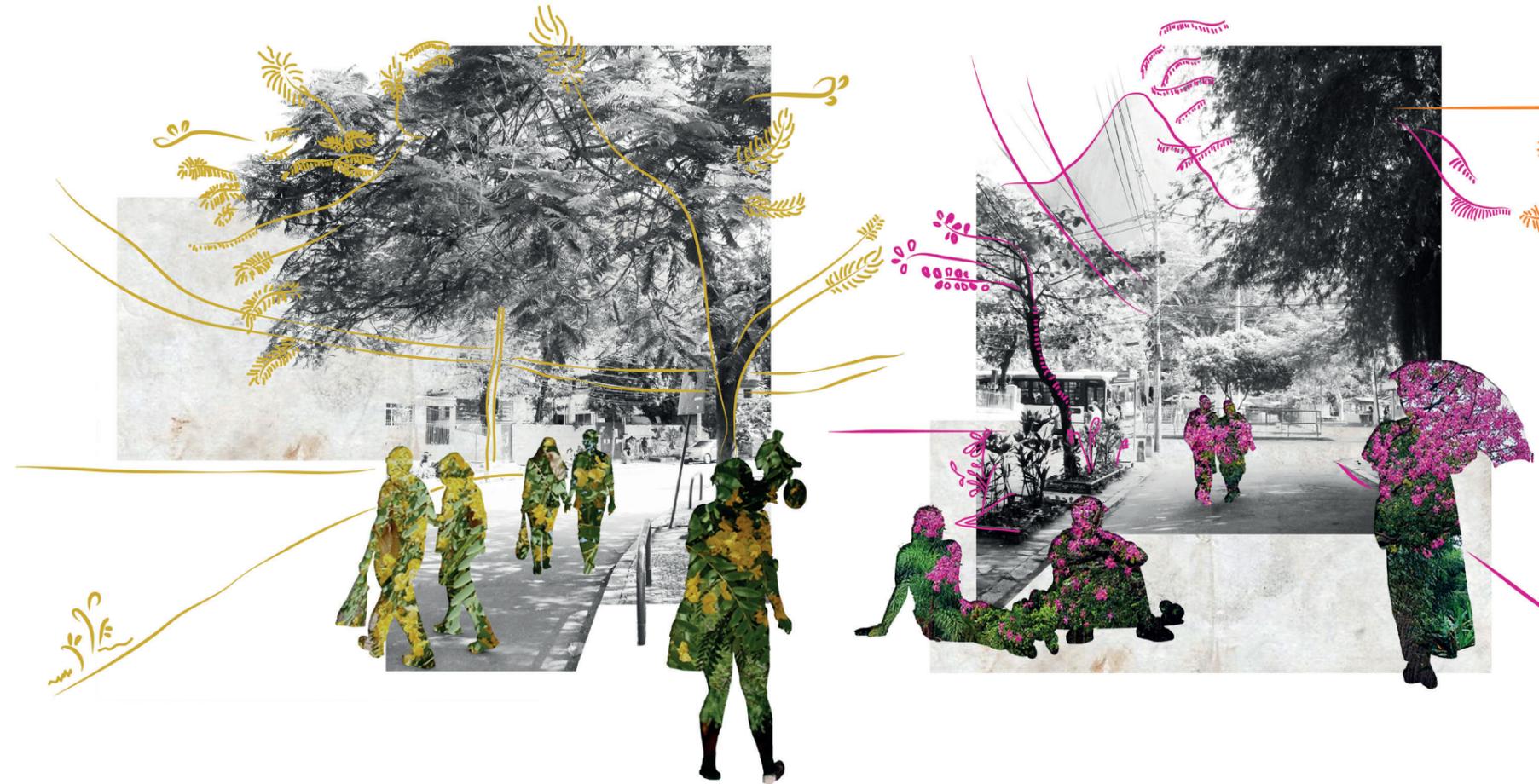
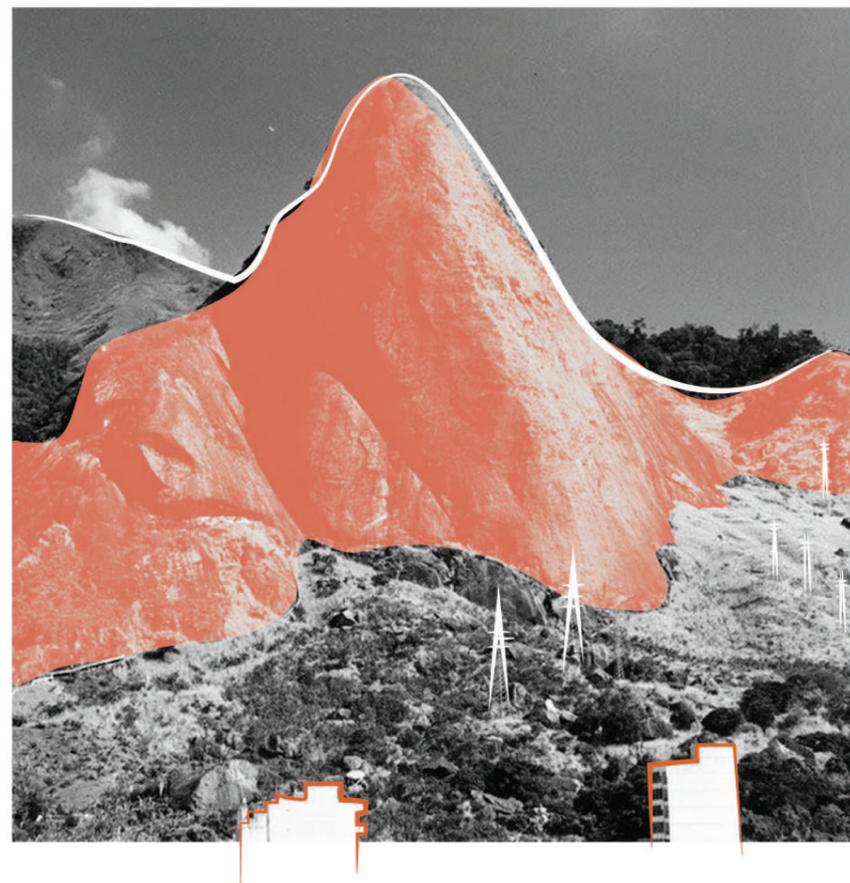


Figura 04 | Ilustração conceitual sobre a Dimensão do Lugar  
 Fonte: ROCHA, 2017.



A terceira ilustração conceitual [Figura 4] tem como intenção, explorar, majoritariamente, as diversas ambiências que constroem a paisagem urbana. Adota a compreensão da vegetação como elemento desencadeador do *genius loci* do espaço. De que as sensações e os sentimentos proporcionados pela vegetação incorporam as particularidades e especificidades que compõem o caráter do espaço, bem como percorre as cenas do cotidiano no espaço urbano e o relacionamento entre os seus usuários e a vegetação durante o cotidiano numa busca por retorno à essência das coisas.

A seleção de três diferentes cenas do cotidiano que constroem a paisagem tem como intenção suscitar divagações, devaneios e associações com o imaginário do próprio leitor, incrementando assim a leitura da dimensão do ambiente para outros contextos externos à dissertação.



2

PROJETOS PAISAGÍSTICOS  
CONTEMPORÂNEOS  
E O APELO SENSÍVEL



Segundo Marc Treib (2011) o estudo pioneiro sobre arquitetura e significado ocorreu pela primeira vez em 1969, com a publicação de “Meaning in Architecture”, dos editores Charles Jencks e George Baird. Apesar desse pioneirismo, a arquitetura da paisagem parecia pouco interessada no assunto do significado até a década de 1980, quando, então, significado, simbolismo e comunicação tornaram-se tópicos atraentes para a investigação teórica. Historiadores de arte, que utilizavam a paisagem como objeto de estudo, pesquisaram e discutiram a iconografia, a imagem e a representação do trabalho na pintura de paisagens. Porém, tratavam-se de estudos acadêmicos dissociados tanto da história da arquitetura paisagística quanto da atuação profissional cotidiana.

Então, ainda segundo Treib, a ruptura se deu, principalmente com a publicação do editorial “Nature, Form and Meaning” no Landscape Journal com edição de Anne Whiston Spirn. Spirn trazia os seguintes questionamentos: “De onde surgem as formas de paisagem, tanto da paisagem natural como cultural? Como essas formas podem ser empregadas no projeto da paisagem? Que tipos de significados essas formas incorporam e como esses significados representam os pontos de vista e os valores de um grupo ou de uma sociedade como um todo?”

De acordo com Laurie Olin (1988), historicamente, o design da paisagem derivou uma quantidade considerável de seu valor social e da sua força artística de três aspectos: a riqueza do meio em termos sensoriais e fenomenológicos, o conteúdo temático relativo à relação entre a sociedade e a natureza e o fato de que a natureza é a grande metáfora implícita a toda a arte.

Em meio a esse amplo contexto de suporte ao projeto da paisagem e a diversidade de projeto de paisagens concebidas desde a pré-história,

o autor atenta para o limitado repertório de estratégias e expressões formais que foram aplicadas a inúmeros lugares diferentes e particulares ao longo do tempo. Compreende o cultural como a principal razão para essa limitação, apesar de reconhecer, também algumas restrições quanto aos materiais e técnicas construtivas. Mesmo assim, a escolha dos materiais e a forma da sua utilização é determinada por fatores sociais (econômicos e segurança) e por fatores culturais (estéticos). A ruptura ocorre quando projetistas transgridem o que é culturalmente aceitável quanto à escolha do material, da forma ou da composição. A escolha de padrões – permeados por associações – e materiais passa a estar diretamente atrelada a uma intenção, o que influencia a construção do significado.

Considerando essa análise com relação ao repertório de estratégias e expressões formais, ao longo da história da arquitetura paisagística, sucederam-se algumas abordagens principais. Dentre elas, uma postura de favorecimento às formas geométricas fundamentais, na qual círculos, quadrados, triângulos e sua elaboração, recombinação e distorção possibilitam uma abstração da natureza em si pelo peso do seu significado. Porém essas abstrações, na cultura urbana, referem-se apenas a exageros de imaginação. Há uma outra abordagem em que a injeção de significado na paisagem pode variar desde a criação de criaturas e figuras reconhecíveis até a adoção de referências abstratas implícitas pela estrutura ou disposição de elementos não diretamente relacionados ao design (esculturas e arquiteturas que já carregavam consigo associações ou referências a ideias particulares ou à arte, literatura, paisagem ou sociedade). Além destas, outra abordagem a partir de uma estrutura intencional e plástica derivada da estrutura da paisagem também utiliza a ideia de abstração formal, porém de forma mais pura e através da própria paisagem e, ainda, uma conduta que se

inspira na natureza, na sua lógica, nas suas formas e nos seus processos biológicos.

Essas abordagens, descritas acima, expõem as respostas dos profissionais ao meio em função do momento histórico, do seu repertório profissional e da sua sensibilidade. É marcante a relevância dada à forma, sua utilização e formato na relação com o significado da paisagem. Porém, apesar de diferentes, as abordagens têm a mesma base: formas pré-existentes.

Ainda sobre a questão formal, Spirn (1988) traz a discussão sob a ótica da forma enquanto estética e a partir da cidade como ponto de partida para a construção do projeto da paisagem. Entendendo cidade como lugar onde os processos naturais ocorrem e onde as pessoas vivem (pensam, sentem, sonham, produzem). Sendo assim, para a autora, a estética no processo projetual de construção da paisagem deve enraizar-se tanto nos processos da natureza como nos do viver em uma intenção de articular função, sentimento e significado, envolvendo, para tanto, a mente e os sentidos.

Portanto, a noção de estética traz consigo um olhar mais abrangente do processo de projeto. Já que a estética incluiria o criar e o fazer, mas também o sentir, o utilizar e o contemplar. É a partir dessa noção que se dá a análise dos projetos dessa pesquisa, porém, com foco na relação entre as decisões de projeto e o papel da vegetação no projeto da paisagem afetiva.

Com o foco na vegetação, as dimensões, expostas no capítulo anterior, são as ferramentas auxiliares na interpretação dos projetos. Elas revelam olhares diferentes dos convencionais sobre a vegetação e sobre o relacionamento das pessoas com a vegetação. Esses olhares podem

funcionar como direcionadores no processo de construção da paisagem urbana, tendo como foco o caráter afetivo.

Então, com essa perspectiva de olhares não convencionais e, partindo da ideia da Spirn [1988, p. 124] de que o projeto é uma forma narrativa que não só fornece “locais para habitar, ele também incorpora uma poderosa linguagem simbólica que transmite significado, expressando o modo como uma sociedade se considera e os valores que sustenta ou rejeita.”, optou-se pela pesquisa de projetos contemporâneos que tenham como essência o apelo sensível, no intuito de adquirir repertório projetual para a ação propositiva na Avenida Engenheiro Richard, a partir das propostas descritas ou a partir da interpretação das estratégias e ações de cada projeto.

46

Assim como exposto nas dimensões, os projetos a seguir demonstram intercambialidade entre as características apresentadas em cada dimensão, porém, em geral, uma dimensão é observada como predominante ou mais evidente em cada projeto.

No Projeto Metro, acredita-se que a dimensão simbólica tenha maior ênfase na concepção paisagística, pela sua abordagem diversificada de exploração do elemento vegetal como elemento definidor de diferenças espaciais, mas também como elemento significativo e representativo do contexto cultural local. Já no Memorial Esterwegen, reconhece-se a dimensão memorial como anseio predominante da proposta pela experimentação do rico papel imaginativo do elemento vegetal, através da articulação entre escolha de espécies e seus agrupamentos e espaço físico, numa busca por transposição arquitetônica. Por fim, no Projeto ULAP-Park observa-se uma articulação direta entre as dimensões memorial e do ambiente pela utilização da imaginação como recurso de projeto paisagístico vinculado à busca pela reafirmação do caráter do

lugar.

Além dessas predominâncias, a análise a seguir pauta-se na interpretação do aporte teórico anteriormente exposto [capítulo 1] e a sua correlação com as estratégias práticas de projeto, no sentido de construção de uma concepção de apelo sensível para o alcance da paisagem afetiva. Ou seja, a interpretação dos projetos contemporâneos a partir do ótica construída por meio das dimensões. A identificação dos elementos que compõem cada dimensão nos projetos são exemplos de modos de atuação profissional, tendo como constante a associação entre a utilização da vegetação e a afetividade entre usuários e espaço urbano.

A seleção dos projetos se deu a partir da apreensão do repertório teórico e o seu rebatimento nas decisões de projeto. Sendo assim, essa seleção tem um cunho de interpretação pessoal [a minha leitura das ações propositivas de cada projeto] aliado aos discursos dos autores [suas explicações e justificativas] e também aos preceitos aprendidos após a construção do aporte teórico.

47



## 2.1 Projeto Metro Forest

O projeto Metro localiza-se no distrito de Prawet, em Bangkok, capital da Tailândia. O país tem, pelo menos, 90% da sua população praticante do Budismo Theravada. Essa corrente budista é considerada a mais conservadora pela sua restrição aos ensinamentos e práticas originais do Buda por meio do mais antigo registro Tipitaka. Numa visão holística, o budismo consiste em uma atividade de concentração e equilíbrio da mente e de uma prática de clareza da realidade interior de cada um, mas também da realidade externa, tendo, como eixo condutor, o amor pelo saber superior, o sincero anseio de se conectar consigo mesmo e com toda a natureza [SUTHERLAND; WISE, 2014].

Considerando a influência desses ensinamentos, a sociedade tailandesa tem, na paisagem urbana, a presença constante da vegetação no seu imaginário simbólico como ente a ser respeitado e cultivado na relação entre sociedade e paisagem. Essa perspectiva é elucidada a partir da visão de Elíade, em que “o comportamento religioso e as estruturas do sagrado – figuras divinas, gestos exemplares – são encontrados nos níveis profundos da psique, no inconsciente, nos planos oníricos e do imaginário” e que esse comportamento mítico “fornece modelos para a conduta humana.” [ELÍADE, 1972 apud FARAH, 2008, p. 43]. Essa atmosfera mítica, com a particularidade de atenção, respeito e cuidado às entidades sagradas e aos elementos vegetais é perceptível ao conhecer o país. A paisagem e a vida urbana são direcionadas pela espiritualidade, desde a presença massiva de templos como também pelos rituais e oferendas ao longo do espaço público. Templos, rituais e oferendas marcados pela forte utilização da vegetação, definindo o tipo de oferenda, a época do ano e, ainda, criando ambiências e espaços, de forma que a paisagem urbana tailandesa se torna particular e característica, especialmente se considerada a partir da visão ocidental

**Figura 05 |** Contexto Urbano Bangkok  
Fonte: <http://www.bangkok.com/>



Apesar da presença verde nos templos, oferendas e rituais, visto que essa espiritualidade se expressa em pequenas partes da cidade [se comparado à dimensão total da metrópole], Bangkok é uma cidade que a paisagem urbana é massivamente composta pelo conjunto edificado (Figura 5, Figura 6), fruto de um processo de urbanização que não priorizou a manutenção de espaços/elementos verdes significativos na área urbana.

Em meio a esse contexto urbano, o projeto em questão tem como intenção, de acordo com seus criadores [LAB - Landscape Architects of Bangkok, 2015], incorporar as espécies tropicais historicamente presentes na flora tailandesa. A partir da utilização de espécies tropicais,

**Figura 06 |** Bangkok - Proximidade ao rio  
Fonte: <http://www.thousandwonders.net/Bangkok>



conceber uma floresta ecológica que reflita a paisagem característica de Bangkok a fim de promover conscientização, educação ecológica e lazer. [LANDEZINE, 2016]. Ou seja, há uma abordagem ecológica como recurso de reconstrução da identidade de um grupo social. Uma associação entre as decisões de caráter técnico e biológico e os aspectos relativos à familiaridade e reconhecimento desse novo contexto a ser proposto para a população. Com essa diretriz em mente na concepção desse projeto, a vegetação é utilizada como o elemento preponderante na construção do espaço em detrimento a outros recursos do projeto paisagístico. Ela é o vínculo simbólico com as origens e história desse povo, explorada como instrumento de zoneamento (Figura 9), meio de criação de diferentes ambiências e ainda como valorização do elemento vegetal em si.

**Figura 07 |** Masterplan Projeto Metro-Forest  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



1. Public Road
2. Public Sidewalk
3. Forest Berm
4. Main Entrance
5. Guard House
6. Service Road
7. Bicycle Lane
8. Building Entrance
9. Exhibition Building
10. Roof Garden
11. Outdoor Theatre Lawn
12. Natural Pond
13. Waterfall
14. Weir
15. Stream
16. Skywalk
17. Observation Tower
18. Bridge
19. Forest Walk
20. Parking
21. Plant Nursery

**Figura 08 |** Relação água e vegetação  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



Diante dessa perspectiva ecológica, há uma preocupação, durante a concepção, de prever o processo natural de crescimento dos elementos vegetais (e seus processos ecológicos) como parte da experiência do lugar (Figura 10), a fim de não projetar “um jardim estático esculpido pelo homem” (LANDEZINE, 2016). Essa perspectiva ecológica associa-se à premissa de exploração das marcas da paisagem tailandesa, já que a incorporação das espécies originais da flora tailandesa alia-se à experiência dos processos ecológicos, de forma que o processo natural de construção da floresta urbana torna-se parte da observação e da vivência do usuário.

Essas observações sobre o projeto Metro - Forest exprimem

**Figura 09 |** Vegetação como organizador do espaço  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



a sensibilidade dos arquitetos quanto à sua atuação na paisagem urbana. Como exposto anteriormente na dimensão simbólica, a partir do marco teórico de RIVAL (1998) e FARAH (1997), essa abordagem de concepção projetual, na qual as fases de desenvolvimento do elemento vegetal (Figura 10), e a ênfase na vegetação (se comparado a inserção de elementos construídos - Figura 8 e Figura 11), realça a força do elemento vegetal, evidencia a sua notoriedade no meio e aproxima a correlação entre fases do elemento vegetal e da vida humana. Então, essa expressividade do elemento vegetal e a sua aproximação à condição humana favorecem o estabelecimento do elo pela possibilidade de associação, de reconhecimento, e consequentemente de significação da paisagem para aquele grupo.

**Figura 10 |** Processo natural de crescimento da vegetação  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



**Figura 11 |** Percurso e vegetação  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



A adoção de espécies historicamente presentes na flora tailandesa favorece o despertar de lembranças, pelo usuário, a partir das associações e vivências presentes no seu vocabulário cultural que permeiam um universo de significados já incorporados. É uma abordagem de aproximação entre o usuário e os símbolos e a memória coletiva dessa sociedade. Proporciona o reconhecimento da vegetação pela familiaridade a um contexto natural reconhecível, já que este se insere na bagagem cultural e social previamente existente e, ainda, o reconhecimento do próprio usuário no meio urbano, a partir das suas particularidades pessoais geradas pelas lembranças. Essa perspectiva corresponde ao abordado por SCHROEDER (2010) e por COSGROVE (2000), já que, segundo estes autores, a memória é fortemente fruto

**Figura 12 |** Ambiência de floresta tropical  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



do poder da imaginação. E nesse projeto, a imaginação na experiência dessa paisagem se dá pelo elemento comum e reconhecível das espécies presentes na flora tailandesa que propicia a restauração de paisagens na memória do usuário, a recaptura de experiências vivenciadas, a imersão no próprio imaginário individual (Figura 12).

Além disso, essa adoção reforça o valor cultural do lugar, por meio da apropriação das suas especificidades e particularidades como parte integrante e identitária do cotidiano desse grupo. O traçado não linear, a disposição dos elementos vegetais e a sua densidade semelhante à floresta tailandesa expressam algumas das particularidades e preferências desse lugar (Figura 7 e Figura 11), como sugerem Wagner

e Mikesell [2003] quando relatam que a vegetação revela a influência humana na paisagem, o modo de vida e a forma de interação com o natural. De maneira que essas particularidades corroboram para a compreensão desse lugar como permeado por sentidos de pertencimento e segurança. Pertencimento e segurança pelo reconhecimento do contexto cotidiano e pelo autoconhecimento em meio a esse espaço.

Somado a isso, o processo de crescimento natural (Figura 13), como parte do projeto, fortalece a construção dos símbolos e da memória, pelo incremento de possibilidades de interação dos usuários com a vegetação. Seja para aqueles que já possuem as características dessa vegetação na sua bagagem cultural ou, ainda, para aqueles que estão em processo de construção.

54

Para aqueles que as marcas da vegetação já fazem parte do imaginário, a experiência do lugar, através da vivência da paisagem em diferentes etapas do seu processo de crescimento e formação, potencializa maiores conexões e/ou correlações, por abarcar momentos e ambiências diversas em um mesmo espaço idealizado. Enquanto que, para aqueles que essas características ainda não são reconhecíveis, a paisagem atua como educador, o contato gera repertório cultural e estético. Sendo assim, aliam-se, então, às dimensões simbólica e memorial, a do lugar nessa perspectiva de inserção no processo de construção da identidade desse grupo.

Esse projeto é um excelente exemplo de como a abordagem pode facilitar a construção de elo afetivo com a paisagem, a partir do reforço de diversos componentes do imaginário urbano coletivo.

55



**Figura 13** | Ciclo da água na floresta tropical  
Fonte: <http://www.landazine.com/>

## 2.2 Memorial Esterwegen

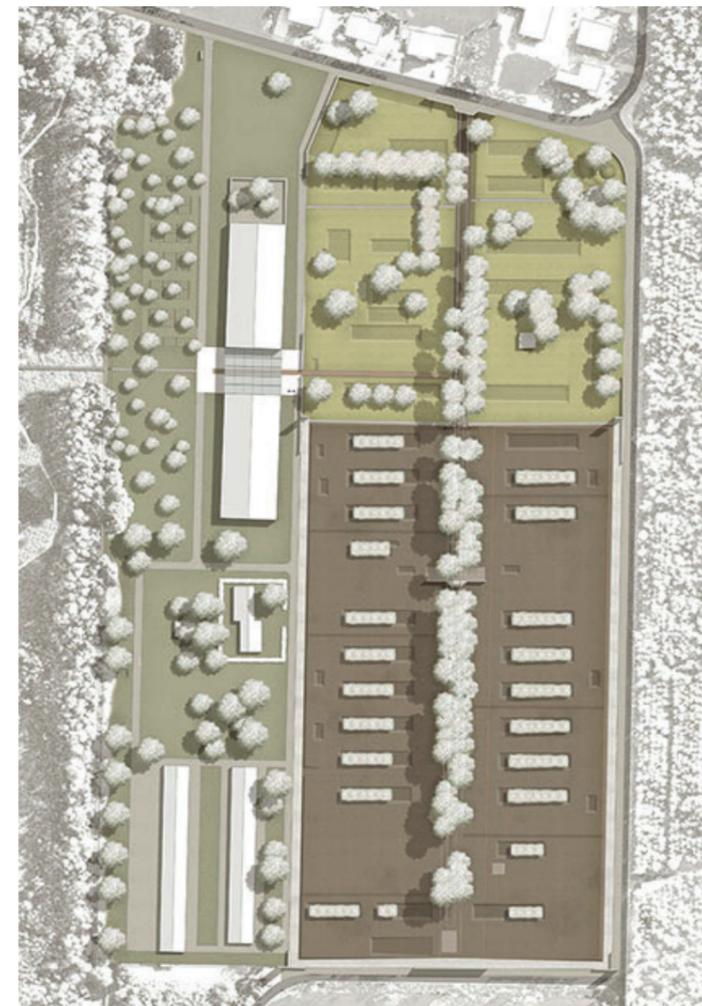
O Memorial Esterwegen localiza-se no antigo campo de concentração Esterwegen, na região de Ems- Alemanha. O projeto foi concebido como forma de honrar a memória de todos os 15 campos de concentração da região de Ems e suas vítimas (LANDEZINE, 2015), através da transformação intencional da paisagem, com a criação de um memorial, a partir da atuação de arquitetos paisagistas como provocadores de reações/emoções à paisagem.

Segundo a WES Landscape Architecture, o objetivo do projeto é conceber um espaço ativo de memória “que encoraje os visitantes a permitir que a história e a topografia de violência, ameaça e destruição evoluam na imaginação deles enquanto relacionam com o presente.”.

Com essa intenção projetual, a vegetação atuou como agente instigador da imaginação, por meio da construção de uma experiência de paisagem orientada e direcionada. Ela foi estruturada de forma que o usuário compreendesse as intenções dos projetistas, de reconstrução das ambiências anteriormente existentes no campo de concentração. A adoção de espécies distintas para cada ambiência, a forma de agrupamento das espécies e as suas alturas foram os principais recursos utilizados para alcançar a reconstrução da ambiência dos antigos percursos, das torres de vigia e dos quartéis (Figura 16, Figura 17, Figura 18, Figura 19, Figura 20 e Figura 21).

Essas estratégias projetuais estão atreladas às intenções específicas de compreensão e apreensão de cada espaço do memorial. Para a reconstrução dos percursos, os arquitetos optaram pela escolha de uma espécie que reforçasse a linearidade dos percursos de acesso aos quartéis, valendo-se principalmente do peso visual do caule dessa espécie na composição (Figura 16 e Figura 17). Além disso, a implantação das árvores, a partir de linhas perspectivas direcionadas,

**Figura 14 |** Masterplan Memorial Esterwegen  
Fonte: Fonte: <http://www.landezine.com/>



**Figura 15 |** Contexto geral do Memorial Esterwegen  
Fonte: Fonte: <http://www.landezine.com/>



**Figura 16 |** Reconstrução dos percursos  
Fonte: <http://www.landezine.com/>



58

confere o aspecto de corredor do percurso, atuando tanto como limite quanto guia do caminho a ser percorrido (Figura 17). Enquanto que, para recompor a ambiência dos quartéis, o agrupamento da mesma espécie é o artifício compositivo (Figura 18 e Figura 19). Artifício que promove a noção de escala desse elemento arquitetônico, o peso da sua presença e a sua relação com o espaço externo, na tentativa de expor a experiência do medo, controle e confinamento. Já a alusão aos portões de acesso e as torres de vigia se vale da articulação entre elementos construídos e elementos naturais, numa associação de intenção volumétrica, na qual os elementos construídos demonstram as barreiras e os limites físicos do memorial enquanto os elementos naturais expressam as alturas, conferindo a noção volumétrica (Figura 20 e Figura 21).

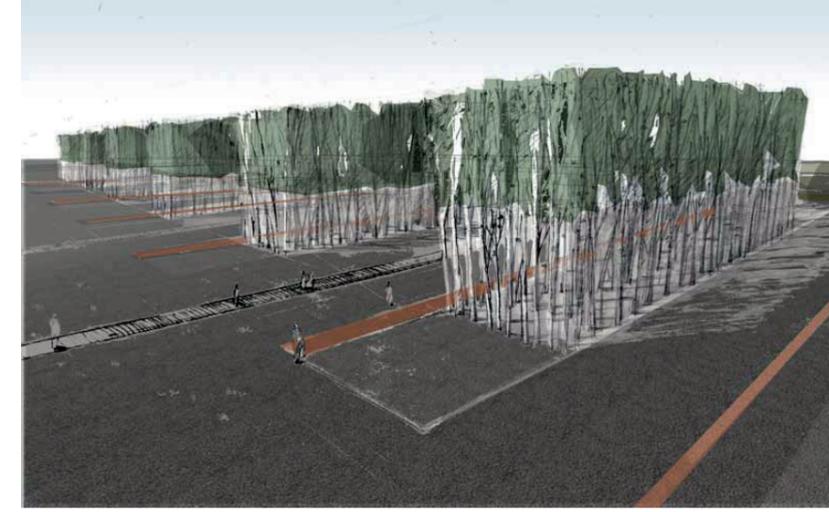
**Figura 17 |** Efeito promovido pela vegetação na reconstrução  
Fonte: <http://www.landezine.com/>



Considera-se esses recursos uma aproximação ao que está imerso na dimensão memorial, já que Schroeder (2010) afirma que a imaginação pode atuar como editor mental na percepção do espaço. Nesse projeto, a vegetação atua como fio condutor na construção de imagens mentais que levam à compreensão do espaço como concebido pelos arquitetos paisagistas. Então, há uma articulação entre escolha de composição volumétrica, decisão de traçado de desenho e consciência do poder da imaginação aplicado à vegetação para alcançar a imersão do visitante nessa atmosfera de reconstrução das ambiências antes existentes.

Essa articulação reafirma o papel preponderante do arquiteto

**Figura 18 |** Reconstrução dos quartéis  
Fonte: <http://www.landezine.com/>



paisagista pela sua capacidade técnica de mediador entre atuação intencional, natureza e sociedade, como relata James Corner (1990). Além disso, reforça a versatilidade da vegetação como ferramenta expressiva de concepção projetual.

A adoção de espécies distintas para cada ambiência possibilitou a compreensão do zoneamento dos setores e o estabelecimento das ambiências de confinamento (nos antigos quartéis), de controle (na reconstrução do ideário das torres de vigia) e de direcionamento/linearidade (nos corredores principais). A forma de agrupamento e as diferenças de altura das espécies propiciou a clareza da composição volumétrica do campo no contexto global, no sentido de percepção do

**Figura 19 |** Sensação proporcionada pela vegetação com os percursos e quartéis  
Fonte: <http://www.landezine.com/>



59

espaço fragmentado e controlado. Em outras palavras, os arquitetos paisagistas se valeram fortemente da transposição arquitetônica, dessa tentativa de transposição da morfologia arquitetônica e urbana do campo de concentração, através da vegetação aliada às suas intenções projetuais.

Além disso, esse projeto tem o contexto cultural como caráter marcante e decisivo para a experiência da paisagem na perspectiva almejada pelos arquitetos paisagistas. Pela seriedade dos acontecimentos ali ocorridos, anteriormente, e a sua expressividade na trajetória histórica e na formação dessa sociedade, esse ambiente físico está impregnado por forte conjunto de emoções, sentimentos e

**Figura 20 |** Reconstrução dos portões  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



60

sensações negativas presentes no imaginário social coletivo. Tomando como base a compreensão de Silva [2001] do espaço físico como reflexo dos acontecimentos culturais e do seu efeito sob o imaginário social, essa perspectiva é ainda mais expressiva no memorial. As pré-existências, o efeito simbólico dessas pré-existências e as particularidades físicas do espaço foram direcionadores na construção de um espaço ativo de memória, convergindo, assim, com o ideário de um espaço fruto de trocas constantes entre vida social, seu uso e representações, e resultante de acúmulo de tempos, conforme afirmam WAGNER e MIKESSELL [2003].

Sendo assim, esse projeto é um exemplo de apropriação e então emprego prático da capacidade da vegetação de se moldar a diversas

**Figura 21 |** Reconstrução das torres de vigia  
 Fonte: <http://www.landezine.com/>



61

expectativas e, ainda, do aproveitamento do seu poder imaginativo. No sentido de ampliar a compreensão desse lugar e, conseqüentemente, a imersão do usuário ao lugar, de forma que os valores ali expostos farão ainda mais sentido e serão ainda mais presentes e evidentes à interpretação.

## 2.3 ULAP Universum Landes Ausstellungen Park

O projeto de revitalização da Praça ULAP é fruto do concurso encomendado pelo Senado em função das mudanças nas redondezas da praça devido a construção da estação de trem de Berlim e o novo contexto do prédio administrativo do distrito, em um processo urbano que a praça passou a caracterizar-se como um espaço residual.

Porém, previamente às condições da dimensão urbana contemporânea [descrita acima] e à solicitação do concurso, a praça é permeada por momentos significativos da história da cidade de Berlim.

Em 1879, em meio ao fervor das feiras internacionais nas cidades europeias do século XIX, Berlim sediou a feira chamada Universum Landes Ausstellungen Park – ULAP. Até 1926, sediou as principais feiras comerciais, artísticas e industriais, porém com a construção da torre de rádio de Berlim no distrito de Charlottenburg-Wilmersdorf, a atenção voltou-se para esse distrito, e então a feira ULAP caiu em desuso. [BORDAS, 2010]

Após esse contexto de abandono, a área foi bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial e as ruínas dos pavilhões da feira internacional foram demolidos em 1951. Em seguida, durante a Guerra Fria, a praça foi apropriada por prédios de escritório na porção oeste; enquanto na porção leste, ainda barrada pelo Muro de Berlim, permaneceu o crescimento da vegetação espontânea. Em seguida a reunificação da Alemanha, com a criação do distrito administrativo adjacente ao redor do Reichstag, esse espaço negligenciado passou a adquirir importância. [BORDAS, 2010]

Sendo assim, o concurso foi proposto para adequar a área ao novo contexto urbano com a estação de trem recém-inaugurada e o distrito administrativo recém-construído [Figura 22] em uma intervenção que provocasse “uma ordenação da zona respeitando o caráter natural espontaneamente adquirido a fim de articular a relação entre essas duas



**Figura 22** | Praça ULAP em destaque em amarelo no contexto urbano do século XIX  
Fonte: <http://www.publicspace.org/en/works/f034-ulap-platz>

novas realidades a partir de uma espécie de vestibulo verde.” [BORDAS, 2010]

Com isso, os ganhadores do concurso – Rehwaldt Landschaftsarchitekten – decidiram que, ao invés de transformar a área em um espaço de forte significado, a partir da sua transfiguração com atributos pseudo-românticos, adotariam a abordagem artística reducionista com a manutenção da absoluta consistência do local. [TANG, 2016]

As marcas do tempo [Figura 23 e Figura 25] estavam presentes fisicamente no espaço, como por exemplo a larga escadaria com degraus perfurados pelas árvores. E segundo Rehwaldt Landscape Architects, esse

elemento é parte inerente da paisagem; sendo assim, é o responsável por determinar o tom da intervenção. Então, a partir da preservação e do compromisso de incorporar a riqueza histórica das árvores, os arquitetos paisagistas enquadraram esse elemento pré-existente como o principal ponto focal [Figura 24 e Figura 27].

Enquanto as árvores como elemento símbolo se transformaram em ferramenta de projeto: “A árvore como pilar, as folhas como cobertura e o jogo de luz natural fazendo referência à um edifício sagrado – uma impressão reforçada pelos 32 bancos de madeira, todos alinhados a grande escadaria.” [GRUYTER, 2015 apud TANG, 2016, p.31].

Os arquitetos paisagistas ainda enfatizam a escadaria através

**Figura 23** | Praça antes da intervenção- antigo acesso à feira – na porção leste onde a vegetação teve crescimento espontâneo  
Fonte: <http://www.publicspace.org/en/works/f034-ulap-platz>



64

da modificação da topografia, elevando-a em direção à rua Alt-Moabit. Nesse aclave, foram plantadas herbáceas de colorido perene com intenção “de acentuar o visual e alegrar a área central com o colorido das flores” [GRUYTER,2015 apud TANG, 2016, p.31]. É também nesse aclave que se encontram os degraus de pedras naturais.

A abordagem dessa intervenção abarca a articulação associada entre o caráter do lugar e as suas particularidades, a expressividade e a força das árvores como elemento simbólico e a exploração da imaginação como meio de evocar sentidos, vivências e valores nas suas soluções projetuais. Considerando a visão proposta por Norberg-Schulz e também a interpretação pessoal do projeto, a geral ambiência e atmosfera do lugar

**Figura 24** | Praça após intervenção  
Fonte: <http://www.publicspace.org/en/works/f034-ulap-platz>



se expressa na assimilação das sutilezas desse espaço que o tornam característico de identificação por meio, principalmente, da reafirmação das pré-existências através da manutenção das marcas do tempo [degraus interrompidos pelo crescimento da vegetação] e da escolha pela permanência da vegetação existente, especialmente as árvores.

Enquanto que o aspecto simbólico da vegetação se faz presente na utilização das árvores como elemento arquitetônico. As árvores são, nesse projeto, o elemento responsável pela definição dos limites, da relação entre cheios e vazios do parque. Elas ditam o ritmo e os percursos do espaço através da sua presença e força no ambiente. Considerando, para tanto, a perspectiva apontada por Rival da possibilidade simbólica

**Figura 25** | Marcas da pré-existência  
**Figura 26** | Vegetação inserida - uso da cor  
Fonte: <http://www.publicspace.org/en/works/f034-ulap-platz>



de apropriar-se da noção imaginativa da árvore para alcançar o material e concreto.

Nesse projeto, os arquitetos relatam a intenção de referência simbólica, a partir da ambiência alcançada com as árvores pelo seu volume compositivo e, principalmente, pelo efeito de luz das suas copas. E permeando as decisões das duas abordagens anteriores, tem-se a estratégia da imaginação como eixo condutor da experiência do espaço. A ideia de reforço da ambiência pré-existente desse espaço pela imersão do usuário, a promoção de uma transposição do usuário a uma edificação sagrada e, ainda, a restauração de paisagens na memória do usuário são mostras do universo da imaginação.

**Figura 27** | Proposta de intervenção - ponto focal  
Fonte: <http://www.publicspace.org/en/works/f034-ulap-platz>



65

## 2.4 Projetos contemporâneos e suas abordagens

A investigação de projetos contemporâneos que tenham o apelo sensível na sua concepção projetual demonstrou que as dimensões se revelam através de diferentes abordagens. Porém, com o mesmo propósito de apreensão da paisagem e do seu vínculo com a sociedade, numa busca por uma experiência da paisagem urbana que reflita os valores e significados atribuídos a ela.

Os três projetos têm, como principal abordagem em comum, a utilização da capacidade da vegetação de se acomodar à diversas expectativas interpretativas, sejam elas formais, estéticas e/ou imagéticas. De forma geral, os projetistas se apropriaram dessa capacidade a partir de uma intenção definida.

No Projeto Metro, a abordagem primordial desenvolve-se na adoção da vegetação como eixo condutor da construção do contexto natural da floresta tailandesa na concepção projetual. E também na ideia do processo natural de crescimento da vegetação como preponderante na experiência dessa paisagem. A partir desses dois enfoques principais, há o estímulo à construção do elo afetivo por meio, majoritariamente, da relação de identidade e memória, conforme analisado anteriormente. Ou seja, a abordagem é marcada especialmente pela vivência e contato com os processos e ciclos da vegetação, a partir do entendimento de que a concepção de laços, relações e associações ocorre através da experiência do vivido.

Enquanto que, no Memorial Esterwegen, a capacidade de adequar-se da vegetação ocorre na moldagem das formas para a construção de ambiências que remetam à memória de circunstâncias específicas e acontecimentos pré-existentes naquela paisagem. Nesse projeto, a marca se dá pela força da concepção formal, numa busca de relacionamento entre vegetação, memória e paisagem. Essa articulação

se dá por meio da utilização da vegetação como recurso formal na concepção do projeto. A organização e ordenação da forma da vegetação busca recuperar as ambiências previamente existentes na paisagem. Essa intenção projetual poderia ser alcançada através de outros elementos de projeto paisagístico, porém, a opção pela vegetação confere leveza à paisagem, sutileza e cuidado aos acontecimentos históricos ali ocorridos, e subjetividade sensorial e interpretativa ao memorial.

Por fim, o Projeto ULAP-Park expõe outra possibilidade despertada pela vegetação, a partir da imaginação como ferramenta de projeto paisagístico. A construção do parque é direcionada pela papel e força da imaginação na restauração de paisagens na memória do usuário, na recaptura de experiências vivenciadas, e na imersão do usuário no espaço, seja pela composição e localização estratégica de diferentes exemplares da vegetação ou pela utilização das marcas do tempo ali presentes. Nesse projeto, é marcante o reconhecimento estruturado pelos arquitetos paisagistas das características que revelam, em profundidade, o caráter dessa paisagem.

A análise desses projetos, como explicitado anteriormente, foi pautada nos conceitos e preceitos adquiridos com o aporte teórico, mas também pela interpretação particular e pessoal das ações projetuais. Além da contribuição através das explanações dos autores de cada projeto.



3

GRAJAÚ:  
LEITURA AFETIVA  
E DO MEIO FÍSICO



A análise predominante nessa dissertação ocorre a partir da perspectiva qualitativa, já que a intenção é explorar o poder e o papel da vegetação urbana na construção do elo afetivo entre a paisagem e o usuário.

Essa opção por uma lente investigativa mais subjetiva do que a baseada em análises, exclusivamente, quantitativas surge do repertório teórico [capítulo 1] que aponta aspectos imateriais que compõem as questões do imaginário urbano e, conseqüentemente, o conceito de paisagem afetiva [imerso no imaginário] a ser vislumbrado na leitura da paisagem.

Apesar dessa predominância, a imersão e compreensão da paisagem urbana não exclui alguns dados quantitativos. Esses dados se fazem necessários para o reconhecimento da área, especialmente para a caracterização dos atributos físicos que compõem a paisagem da Avenida Engenheiro Richard.

Então, a seguir, há primeiramente, uma abordagem quanto à morfologia urbana e seu processo de transformação, as relações com os bairros adjacentes, a presença do verde, os fluxos de circulação e as tendências de uso na Avenida. Em seguida, a exploração do imaginário da Avenida Engenheiro Richard, a partir dos discursos mais fortemente sinalizados nas entrevistas, das dimensões [simbólica, memorial e do ambiente] e ainda da minha leitura da Avenida enquanto observador e experienciador da paisagem.

### 3.1

## Compreensão e apreensão do meio físico

A avenida Engenheiro Richard localiza-se no bairro Grajaú, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro [Figura 28]. O bairro tem como



**Figura 28** | Localização do bairro Grajaú no Rio de Janeiro  
Fonte: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – adaptado pela autora, 2017.

principal peculiaridade o fato da sua implantação ter sido planejada.

O bairro foi incorporado à malha urbana nas primeiras décadas do século XX, a partir da transformação de fazendas de café em dois principais loteamentos. Anteriormente a esse momento, o bairro constituía-se como uma grande sesmaria destinada ao cultivo de cana-de-açúcar conhecida como Andaraí grande, região que englobava os bairros de Vila Isabel, Aldeia Campista e Grajaú [LEITE, 2012].

O primeiro loteamento, pela condição favorável de topografia, se deu nas proximidades da atual Rua Borda do Mato, sendo realizado pela Companhia Brasileira de Imóveis e Construções em 1912. Enquanto,

**Figura 29** | Grajaú e bairros adjacentes  
Fonte: Google Earth – adaptado pela autora, 2017.



em 1920, o segundo ocorreu nas proximidades da atual Rua Botucatu, realizado pela empresa T. Sá e Companhia LTDA e denominado Vila América [Figura 30] [LEITE,2012; CARDOSO, 1986].

De acordo com Cardoso [1986, p.97], a atuação da Companhia Brasileira de Imóveis e Construções incluiu “obras de arruamento, loteamento, instalação de infraestrutura de água, calçamento das ruas e produção de diversas moradias para venda”. Porém o principal destaque, elogiado pelo urbanista Agache, foi o planejamento urbanístico com as seguintes características: “traçado regular, ruas largas, calçadas largas e ajardinadas, lotes também regulares e com testadas largas [entre 10 a 12 metros]”. Cardoso afirma que essa configuração urbana tinha

**Figura 30** | Localização da Rua Borda do Mato e Rua Botucatu  
**Figura 31** | Localização dos principais marcos de formação do bairro Grajaú  
Fonte: Google Earth – adaptado pela autora, 2017.



como intenção “criar um bairro residencial de elite dentro de uma área da zona norte ocupada primordialmente por velhas construções e diversas fábricas.” [CARDOSO, 1986, p.97-98]

Já a atuação da empresa T. Sá e Companhia LTDA contou com a abertura de dezoito ruas e a implantação de duas praças, formando o loteamento Vila América. Segundo Cardoso (1986, p. 99), esse plano de loteamento não detinha as mesmas qualidades do primeiro: “as quadras tinham formato irregular, em parte devido às próprias irregularidades do terreno,(...); os lotes tinham testadas estreitas, entre 6 a 10 metros, e também formatos irregulares.”

Após a implantação dos loteamentos, tem-se a capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição – centro da vida comunitária nos anos 1920 -, o Grajaú Tênis Clube – ambiente de convívio social dos anos 1925 -, a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro – 1931- como os principais marcos de formação do bairro [Figura 31].

O bairro manteve a configuração urbana espacial advinda dos loteamentos (casas térreas, grandes lotes) até a implantação do decreto nº 322/76, nos anos 1970, que permitiu a construção de edificações até doze pavimentos. Porém, logo em seguida, o decreto nº1.269/77 instituiu a estratégia de planejamento urbano, por meio da elaboração do Projeto de Estruturação Urbana – PEUs- dos bairros. E o PEU do Grajaú estabeleceu novas condições de uso e ocupação do solo, restaurando as características primordiais de bairro residencial, reservando os gabaritos mais baixos para a área do primeiro loteamento e permitindo os mais altos nas ruas próximas as encostas. Essa lacuna entre os dois decretos possibilitou a construção de alguns espigões; no entanto, atualmente, ainda permanece, majoritariamente, a configuração espacial referente à

**Figura 32 |** Avenida Engenheiro Richard (longitudinal) Rua Júlio Furtado (transversal)  
Fonte: Google Earth – adaptado pela autora, 2017.



implantação dos loteamentos iniciais da ocupação urbana. Tendo maior modificação nas áreas próximas às encostas, visto a permissão do PEU e também pela falta de previsão de uso durante a implantação dos loteamentos para essa porção do bairro [LEITE, 2012].

Em meio a esse processo de mudanças da configuração urbana, o bairro conservou as edificações de valor patrimonial e atualmente apresenta um rico acervo de residências representantes do estilo eclético, art deco e neocolonial, segundo inventário realizado pela arquiteta Natália Lima [Figura 33, Figura 34 e Figura 35].

Atualmente, o conjunto das vias Avenida Engenheiro Richard e Rua Júlio Furtado é marcado por sua vegetação urbana exuberante.

**Figura 33 |** Exemplar arquitetônico de valor patrimonial  
Fonte: Própria, 2017.



Aproximadamente 207 Tamarindos, protegidos por decreto que determina o impedimento do corte das árvores [Figura 32]. Apesar dessa intensa presença nas duas vias, a escolha nessa pesquisa pela Avenida Engenheiro Richard resulta da significativa quantidade de elementos de interação entre o espaço e as pessoas, mas também pela relevância dessa via para o bairro e para as pessoas.

A Avenida Engenheiro Richard permanece com a configuração urbana simétrica estabelecida a partir da praça Edmundo Rego, resultado do ideal modernista de concepção urbana estabelecido para a área [LEITE, 2012]. Esse ideal de loteamento revela-se pelas residências amplas, ruas largas e pelo traçado ortogonal com calçadas largas e ajardinadas, pelos lotes regulares e testadas amplas. Nessa mesma perspectiva

**Figura 34 |** Exemplar arquitetônico de valor patrimonial  
**Figura 35 |** Exemplar arquitetônico de valor patrimonial  
Fonte: Própria,2017.



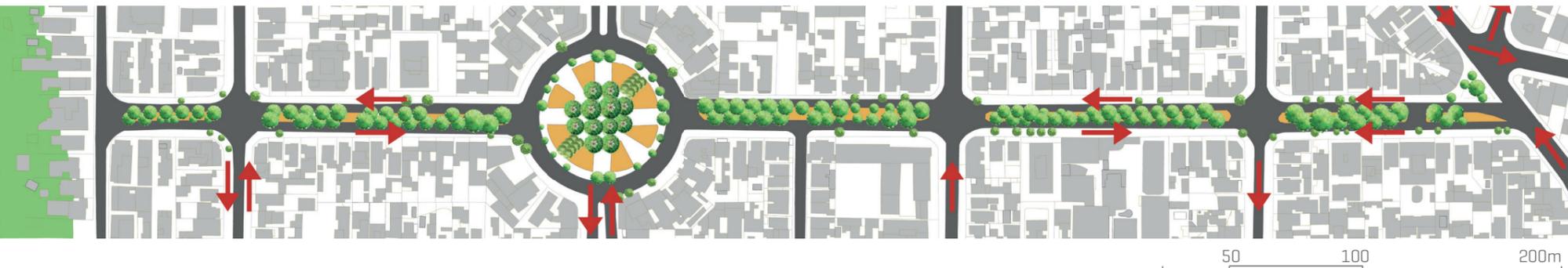
**Figura 36** | Pontos distintos Av. Eng. Richard  
 Fonte: Própria, 2017.



**Figura 37** | Vegetação constante na Avenida Engenheiro Richard  
 Fonte: Própria, 2017.



**Figura 38** | Direções das vias na Avenida Engenheiro Richard  
Fonte: Própria,2017.



**Figura 39** | Esquema da Corte Longitudinal  
Fonte: Própria,2017.



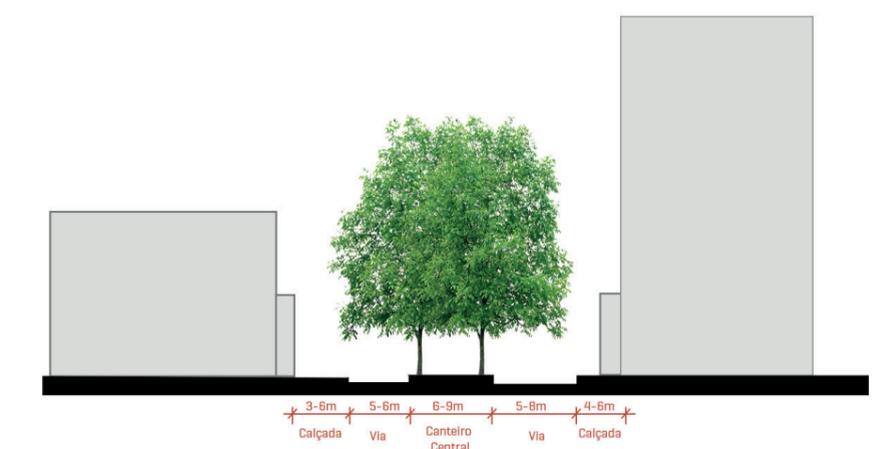
modernista, o plantio das árvores segue o traçado das ruas, situando-se ao longo dos eixos pré-estabelecidos, de forma a reforçar a simetria e a ortogonalidade das quadras e lotes (Figura 36 e Figura 37). Essa relação entre o plantio das árvores e o traçado urbano ocorre nos dois principais loteamentos do bairro, porém o tombamento dos Tamarindos e a estrutura física [exposta a seguir] da Avenida foram significativos para o seu destaque no contexto do bairro Grajaú.

Essa forma urbana proporcionou a conformação da Avenida como eixo direcional, no qual prevalece o aspecto de acesso e de elemento articulador do Bairro. Sua estrutura, se comparada às outras ruas do Bairro, ratifica essa condição. São aproximadamente 26 metros de largura, ocupados por duas faixas compartilhadas entre automóveis motorizados e ciclistas, um canteiro central [onde encontram-se a maioria dos Tamarindos] com cerca de 6 metros de largura e calçadas de largura variante entre 4,5 a 5 metros (Figura 40). Essas características formais da Avenida, a sua localização no interior do bairro e os seus diversos atrativos [escolas, pequenos mercados, restaurantes, padarias, lazer, etc] lhe conferem intenso fluxo de pedestres e automóveis.

O canteiro central caracteriza-se como um elemento marcante na estruturação formal idealizada desse espaço. Ao longo de aproximadamente um quilômetro de extensão, mesmo interrompido pelas ruas transversais, ele é responsável por dividir, longitudinalmente, a Avenida em duas porções retilíneas e lineares que estabelecem as direções e os fluxos da circulação dos automóveis no sistema viário (Figura 38).

A configuração topográfica conforma uma avenida praticamente plana, com poucas variações relevantes de cotas de nível. Essa variação

**Figura 40** | Corte transversal ilustrativo  
Fonte: Própria,2017.



ocorre no sentido Rua Barão Bom Retiro-Parque Estadual do Grajaú [Reserva Florestal do Grajaú] de forma sutil, e é principalmente perceptível na quadra entre a Rua Canavieiras e Rua Comendador Martinelli (Figura 39).

Segundo Fialho (2005), o bairro, em sua grande parte e principalmente na porção relativa ao primeiro loteamento, mantém atualmente o projeto inicial [lotes regulares, uso residencial unifamiliar, calçadas arborizadas], exceto nas ruas que conectam os bairros vizinhos [Rua Barão de Mesquita, Uberaba e Barão do Bom Retiro]. O autor defende que o capital imobiliário procurou aproveitar as condições do local para criar a imagem de bairro-jardim.

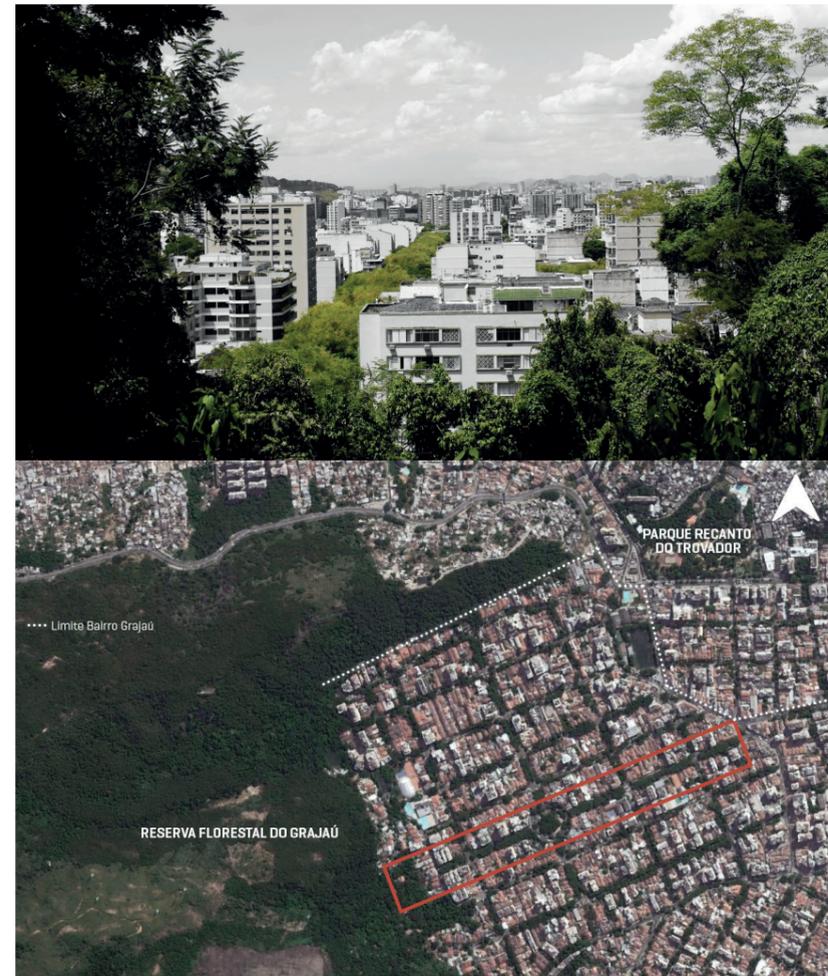
A localização do bairro na encosta do Maciço da Tijuca [do qual

a Reserva Florestal do Grajaú faz parte] ameniza a sensação térmica e oportuniza uma sensação de maior frescor, se comparado a outros bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro. De acordo com Fialho (2005, p. 5171), os bairros da Zona Norte localizam-se do lado oposto à direção dos ventos [sotavento] do Maciço da Tijuca, ocasionando maior aquecimento em função da “maior luminosidade fornecida as vertentes das encostas voltadas para o quadrante norte, gerando por conseguinte, maiores temperaturas do ar em comparação as do quadrante sul”. Aliado à localização do bairro, Fialho aponta para a intensidade de áreas verdes como um diferencial de amenização da temperatura no espaço urbano. Afirma que:

as áreas verdes intra-urbanas são fatores que controlam os atributos climáticos mais importantes, como a temperatura, tendo diversas funções benéficas para melhorar a qualidade de vida dos urbanitas, além do conforto térmico, funcionando com filtro para a contaminação do ar e para a diminuição de som.” [FIALHO, 2005, p.5174]

O autor também apresenta um estudo comparativo entre o bairro Grajaú e o bairro Andaraí no qual avalia, quantitativamente, a interferência dos fragmentos verdes no clima intra-urbano. Esse estudo aponta a importância da presença intensa da vegetação [principalmente na porção referente ao primeiro loteamento onde a Avenida Engenheiro Richard está localizada] e da Reserva do Grajaú na “percepção térmica nos transeuntes de amenidade climática”. [FIALHO, 2005, p. 5186]. As temperaturas absolutas mais baixas foram encontradas no primeiro loteamento e na entrada da Reserva do Grajaú, construindo o que o autor denomina como ilhas de frescor.

**Figura 41 |** Relação entre a Reserva e Avenida Engenheiro Richard  
Fonte: Própria, 2017; Google Earth - adaptado pela autora, 2017.



De acordo com o decreto estadual nº 1921/78, a Reserva Florestal do Grajaú, renomeada de Parque Estadual do Grajaú pelo decreto estadual nº 32017/02 é uma unidade de conservação da natureza, de proteção integral e está sob administração do Município do Rio de Janeiro. Abrange uma área de aproximadamente 55 hectares, com os seguintes objetivos:

“a preservação e a recuperação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, protegendo área de encosta, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de estar e recreação em contato com a natureza, de turismo ecológico e práticas esportivas ligadas ao montanhismo.” [SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE- SMAC]

A área pertencia a uma companhia imobiliária até 1975. Após a transferência de propriedade para o governo estadual, iniciou-se o processo de reflorestamento em função da desocupação da encosta e de deslizamentos provocados pelas chuvas. Segundo INEA - Instituto Estadual do Meio Ambiente, o reflorestamento ainda não foi totalmente bem sucedido, já que atualmente existem extensos trechos infestados por capim-colonião [*Panicum maximum*]. Apesar disso, o Parque detém uma rica diversidade de espécies nativas como figueira, embaúba, carrapateira, ipê-amarelo, cedro-branco, pau-d’alho e caiapiá, esta espécie ameaçada de extinção [INEA, 2017].

Além disso, o elemento de destaque do Parque, especificamente pela diferença de altitude, é o Pico do Papagaio [também conhecido como Pico do Perdido ou Pedra do Andaraí] que detém cerca de 440 metros de altitude. Além do Pico do Papagaio, o Parque, com a sua massiva reserva

de Mata Atlântica e variação de cotas topográficas, caracteriza-se como um importante e distintivo constituinte da paisagem do bairro e do entorno. Ademais, o Parque conforma os principais limites geográficos do bairro. [Figura 41]

Outro aspecto quantitativo importante trata do Polo Gastronômico do Grajaú, instituído pelo decreto nº 41286/2016. Esse decreto regulamenta as condições de utilização de área pública [especificamente logradouros] para a colocação de mesas e cadeiras pelos estabelecimentos com função de bar, restaurante e similares. A Avenida Engenheiro Richard está inserida nos limites físicos propostos pela lei municipal, de forma que esse modo de utilização do espaço da rua se faz presente, principalmente, ao redor da Praça Edmundo Rego e no acesso à Avenida.

## 3.2 Imaginário Avenida Engenheiro Richard

82

Como apontado anteriormente por Silva (2001), a paisagem, além de elementos quantitativos, abarca um conjunto de ideias e representações coletivas de um contexto construído a partir de diferentes pontos de vista e permeado pela bagagem cultural, estética e simbólica – imaginário social –, que pode desvelar os significados e valores da cidade. Esses significados permeiam o universo de associações, percepções e vivências que assinalam uma forma subjetiva e grupal de ver, de viver e de habitar a cidade, conduzindo o uso social e a concepção do espaço.

Sendo assim, a compreensão da Avenida Engenheiro Richard segue a lógica da imersão no imaginário coletivo desse espaço urbano a partir da vegetação, já que que os valores e significados atribuídos à vegetação estão imersos no universo de associações, percepções e vivências, e eles fazem parte do imaginário social, como explorado no capítulo 01. E a construção do elo afetivo entre a vegetação e as pessoas está inserido nesse imaginário. A assimilação e interpretação desse espaço utiliza a vegetação como forma de materializar a complexa relação entre sociedade e natureza, a fim de atuar profissionalmente, instigando reações ao espaço, em função das demandas do próprio imaginário coletivo, e mais especificamente em função daquilo que promove a formação do laço afetivo.

Então, nessa perspectiva do imaginário social e do papel da vegetação como instrumento de expressão desse imaginário coletivo, a Avenida Engenheiro Richard pode revelar uma diversidade de possibilidades de significados e valores atribuídos pelos seus usuários que, nesse capítulo, serão explorados a partir das dimensões propostas no capítulo 1.

Nesse contexto, a imersão nesse imaginário se guia pelo olhar

construído a partir das dimensões, dos relatos mais significativos dos usuários entrevistados e da minha<sup>1</sup> leitura pessoal e particular da Avenida. E também a partir das impressões e percepções pessoais ao vivenciar o espaço. Basear-se nas dimensões como instrumento de direcionamento da imersão no local de intervenção paisagística segue a perspectiva de desconstrução de uma postura de análise massivamente quantitativa e funcional, na tentativa de construção de uma lente narrativa qualitativa e subjetiva.

O reconhecimento, pela sociedade, da riqueza psíquica, dos atributos ambientais e das qualidades estéticas do conjunto arbóreo dos Tamarindos indica a existência de uma relação de troca de interferência entre o espaço e as pessoas. Essa troca de influência é capaz de acontecer com os elementos que constituem essa paisagem afetando a sociedade, a partir da instauração de sensações, estabelecimento de laços e construção de experiências e memórias com o espaço. E também com a intervenção da sociedade na paisagem através do reconhecimento do ambiente (seus traços e peculiaridades), do zelo (cuidado e manutenção do espaço público), da apropriação (estabelecimento de diferentes usos e de relações interpessoais) e da intercambialidade entre o espaço privado e espaço público. Esse intercâmbio ocorre numa dimensão de fluxo contínuo, na qual o conjunto de elementos da paisagem afeta a sociedade e a sociedade afeta o conjunto.

De forma geral, pode-se afirmar que o conjunto arbóreo da Avenida é acentuado como pano de fundo (cenário) nas experiências cotidianas dos seus usuários. Esses usuários expressam, no seu discurso,

<sup>1</sup> Neste trecho, em função do caráter individual, optou-se pela adoção da primeira pessoa do singular. No restante do texto, manteve-se a terceira pessoa do singular.

o conjunto arbóreo existente como a principal característica que confere diferenciação, reconhecimento e identificação da Avenida. Isso ocorre em função do destaque do conjunto arbóreo, em geral evidenciado pela quantidade de exemplares vegetais, pelo porte notável das árvores, pela expressividade do conjunto, mas principalmente pelo valor histórico, pela qualidade estética, pelo fomento sensorial, pelas relações e experiências ali construídas. Os entrevistados Rafael e Alberto demonstram essa percepção ao relatarem suas experiências nesse espaço: “a vegetação aparece compondo o cenário das lembranças, sempre dando um tom agradável, tranquilo, agregando a sensação de felicidade associada ao local pelo ambiente harmônico.”<sup>2</sup> e “ Surge como moldura... como plano de fundo.”<sup>3</sup>

Partindo, então, para uma abordagem direcionada pelas dimensões tem-se, inicialmente, o proposto por Maurice Bloch e Jacques Brosse (1998) de que as árvores têm um poder simbólico devido, principalmente, a sua característica de organismo vivo, de forma que, mesmo se tratando de um ser diferente do ser humano, compartilham da noção de vida como processo comum ao qual pertencem. Sendo assim, acredita-se que os Tamarindos, como conjunto, constroem um elemento representativo do processo de ocupação do bairro Grajaú. Nessa perspectiva de elemento vivo, considera-se que as fases do crescimento delas fazem alusão ao processo de desenvolvimento e ordenamento urbano do bairro. Essas etapas, conseqüentemente, estão atreladas aos momentos de vida de cada usuário, especialmente para os usuários que acompanharam o processo desde o plantio das mudas até o período de

<sup>2</sup> Entrevista concedida pelo Rafael, morador do bairro há mais de 23 anos.

<sup>3</sup> Entrevista concedida pelo Alberto, arquiteto e morador do bairro há mais de 20 anos.

83

maturidade das árvores.

Baseando-se no raciocínio de Lynch [2006] sobre a imaginabilidade [clareza, coerência e visibilidade, principalmente], pode-se julgar que a associação entre a forma do traçado urbano e a intencionalidade desse traçado como marco urbanístico na cidade e como elemento diferenciador/identitário dessa porção do bairro expandiu o peso perceptivo do conjunto arbóreo. A opção pelo plantio das árvores, seguindo a mesma linearidade da malha urbana [Figura 42], reforçou a compreensão retilínea e linear da Avenida, evidenciando a noção de conjunto urbano [malha urbana, vegetação, fluxos e relação pessoas e espaço], potencializando o efeito compositivo e sensorial proporcionado pela visual perspectivada que a malha linear e retilínea oportunizou.

Além disso, esse propósito formal por meio do retilíneo e linear pode traduzir-se em alusão de conexão e continuidade ao Parque Estadual do Grajaú [Figura 43]. A linha contínua de árvores confere, simbolicamente, a noção perceptiva de continuidade da natureza entre o espaço urbano protegido e preservado [Parque Estadual do Grajaú] e o espaço urbano adensado e modificado pelo homem [a Avenida]. Nessa interpretação, as árvores são o recurso estruturante na construção dessa referência. Elas fazem alusão ao meio ambiente natural, a partir do seu entendimento como o elemento da natureza que extrapola o limite físico da floresta do Parque Estadual do Grajaú, avança por entre o construído pelo homem e alcança o meio urbano de forma a instaurar a paisagem urbana em toda sua complexidade. Essa percepção é reforçada pela topografia da Avenida e pelas visuais do Parque em diferentes trechos da Avenida Engenheiro Richard, o que será melhor abordagem ainda nesse capítulo.

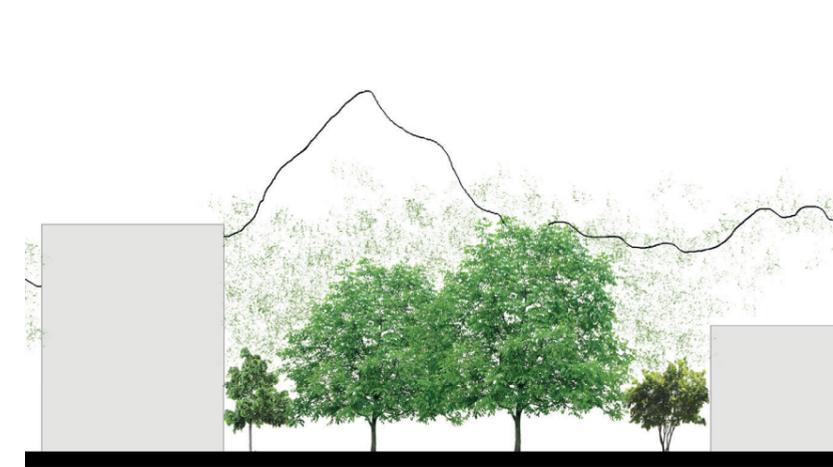
**Figura 42** | Malha linear e retilínea e a vegetação  
Fonte: Google Earth - adaptado pela autora, 2017.



Os Tamarindos demonstram a sua capacidade de se moldar a diversas expectativas, suscitar significados variados e evocar associações, como apontado por Farah [2006], principalmente através do seu porte notável, do seu destaque na paisagem urbana, da sua presença constante e da sua expressividade, favorecendo o afloramento de alguns significados como verticalidade, monumentalidade e temporalidade.

A verticalidade e a monumentalidade são facilmente percebidas, através do destaque em relação aos outros elementos da paisagem [edificações, vias, formações, etc] e também em relação às pessoas, além da grande dimensão altura das árvores variando entre 15 a 18 metros [Figura 44]. A grande diferença de proporção realça a sua presença no contexto, atrai a atenção dos seus usuários e invoca novas sensações e

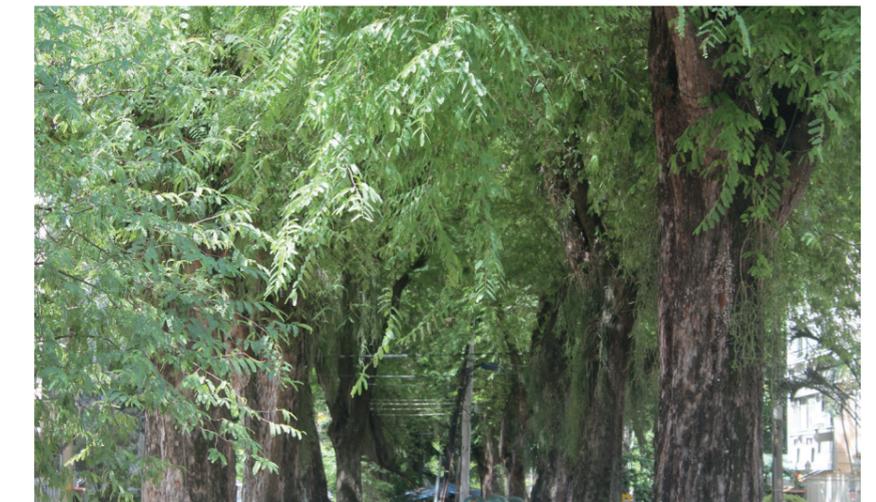
**Figura 43** | Relação entre a Reserva e a Avenida - Esquema ilustrativo  
Fonte: Própria, 2017.



emoções com essa mudança de ambiência. Acrescenta-se à altura e à desproporção, a implantação dos Tamarindos como conjunto, de forma que reforça a verticalidade e a monumentalidade através da presença de 110 Tamarindos ao longo de, aproximadamente, um quilômetro.

Além disso, a verticalidade e a monumentalidade também se fazem perceber através das partes que compõem a árvore, especialmente por meio do caule e da copa. Nessa apreciação, entende-se a árvore como elemento desencadeador de sensações no espaço. A robustez do caule e a sua força e notoriedade como elemento visual e compositivo na paisagem suscitam essa verticalidade. Enquanto que a copa, aliada à grande altura e à composição espacial, reforça essa monumentalidade e verticalidade com a sua capacidade de conferir ao espaço urbano a

**Figura 44** | Verticalidade e monumentalidade da vegetação  
**Figura 45** | Copas das árvores e o efeito de cobertura  
Fonte: Própria, 2017.



noção de espaços cobertos (Figura 45) e, a partir dessa noção, propiciar a conformação de diferentes cenários.

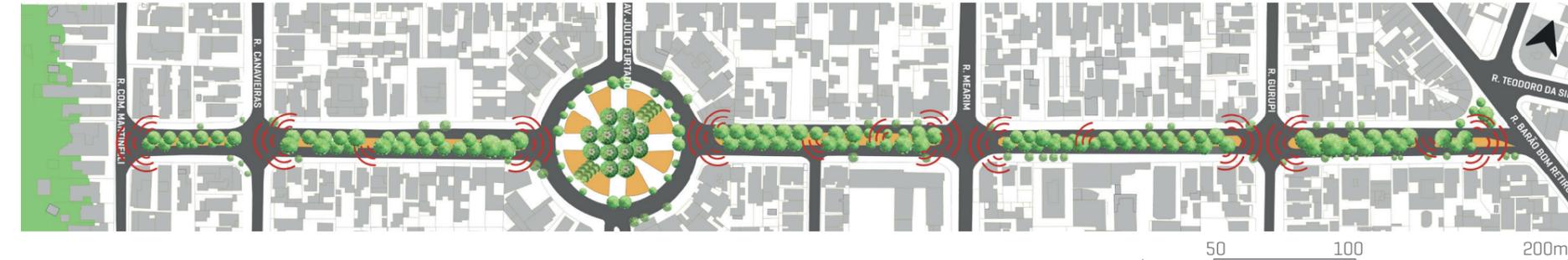
Essa sensação de ambientes cobertos em meio ao espaço urbano descoberto possibilita a construção imaginária de diferentes ambiências ao longo do percurso na Avenida, variando de acordo com a proximidade das copas entre si. Configurações em que há a definição dos limites do espaço, de modo a alcançar o entendimento de proteção e abrigo (Figura 48) por meio das árvores. Isso ocorre quando as copas estão próximas e, assim, as folhas e galhos conferem a noção de cobertura física e concreta; porém uma cobertura com várias pequenas aberturas proporcionadas pelo espaço vazio entre as folhas e os galhos. Essa cobertura permeável permite a entrada de luz natural, criando cenários e efeitos [visuais, estéticos e sensoriais] que variam ao longo do dia e das estações do ano (Figura 49).

Em contrapartida a essa percepção de proteção e abrigo, também há referência à noção espacial de amplitude. Essa conformação se dá quando há uma quebra da continuidade entre o distanciamento dos Tamarindos [interrupção da cobertura conferida pelo conjunto], o que ocorre com o cruzamento das ruas transversais à Avenida e também com a diferença de altura das copas dos Tamarindos (Figura 49). Com essa descontinuidade dos exemplares vegetais, a amplitude espacial torna-se preponderante, transformando a percepção do espaço. Há uma transição entre um ambiente coberto e com limites simbolicamente definidos pelas árvores [abrangência numa escala local] e um ambiente além do limite desempenhado pelo conjunto de Tamarindos, o que agrega as interferências adjacentes ao conjunto vegetal. Essa amplitude favorece o relacionamento com o contexto próximo seja com a visualização,

**Figura 46 |** Destaque para as aberturas da cobertura  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 47 |** Pontos de sensação de amplitude  
Fonte: Própria, 2017.



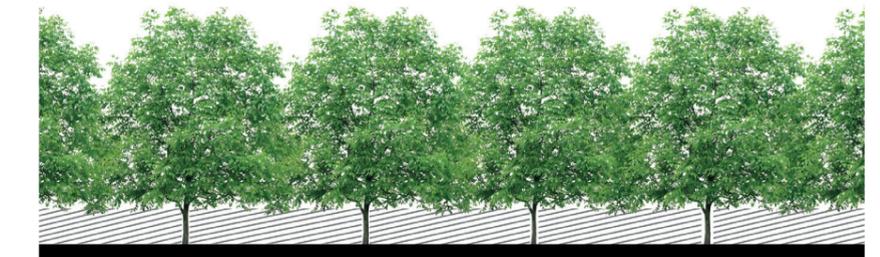
aproximação e/ou direcionamento das ruas transversais, das edificações de valor patrimonial, dos marcos de referência da Avenida, do Pico do Papagaio ou dos próprios Tamarindos (Figura 47).

Essas interpretações e percepções da conformação de ambientes<sup>4</sup>, e de as suas ambiências, desencadeadas pela vegetação são compreendidas, nessa dissertação, como uma oportunidade de aprofundamento da compreensão das qualidades particulares desse contexto e da conseqüente possibilidade de fomento à construção de laços relacionais com esse espaço pelo usuário a partir dessas sutilezas sensíveis.

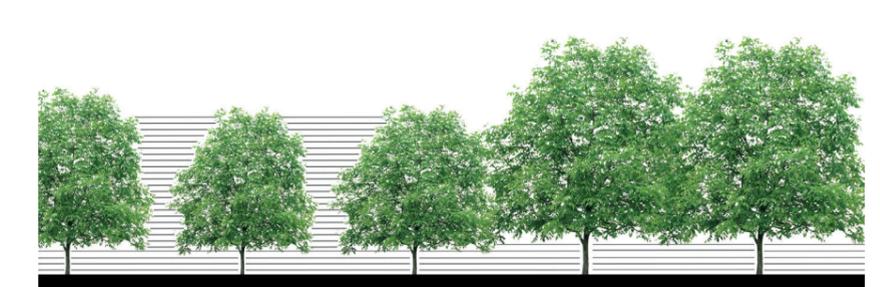
Nessa observação figurativa, o solo, as raízes, os troncos, as copas e as folhas exercem, simbolicamente, o papel de limite físico nas três dimensões que conformam o espaço. Comparando as partes constituintes da árvore no espaço urbano com os elementos formadores

<sup>4</sup> Experiência pessoal da paisagem. Vivência da autora ao longo do contato frequente com a Avenida e o bairro.

**Figura 48 |** Configuração sensação de proteção e abrigo - Esquema ilustrativo  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 49 |** Conformação sensação de amplitude - Esquema ilustrativo  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 50** | Mapa geral da Avenida, a divisão em trechos e usos relevantes  
Fonte: Própria, 2017.

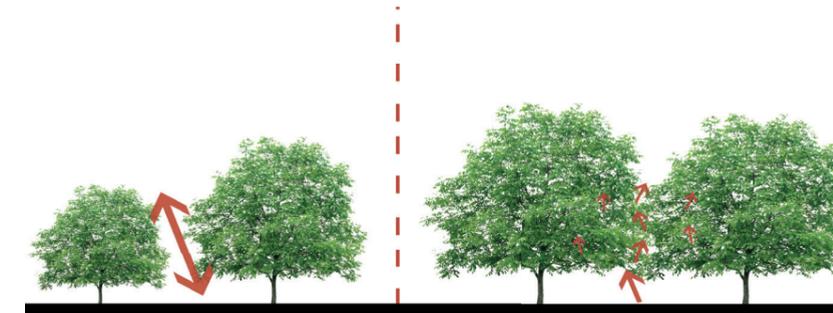


88 do espaço arquitetônico, o solo seria o piso (do qual fazem parte também as raízes, elas afloram no piso), definindo o plano horizontal dos ambientes do espaço; os troncos representariam as paredes, enquadrando a dimensão altura; as copas simbolizam o teto, marcando a fronteira do plano horizontal; e as folhas, juntamente com os vazios, reproduzem as esquadrias, estabelecendo a relação entre espaço interior e espaço exterior. Essa alusão associa-se à compreensão de que a Avenida possui vários ambientes em um mesmo espaço urbano. A sensação de proteção e abrigo (Figura 48) pode-se associar com os recintos internos no espaço arquitetônico enquanto que a noção de amplitude espacial (Figura 49) se relaciona à transição entre os espaços internos e os espaços externos e ao relacionamento direto da arquitetura com o seu contexto adjacente.

Para expor, de forma mais clara, os vários ambientes atribuídos ao espaço da Avenida Engenheiro Richard, segmentou-se a Avenida em 04 trechos principais (Figura 50). Essa divisão também será utilizada no item 4.1 para explicitar as ações projetuais.

O trecho 01 - mais próximo ao acesso à Reserva Florestal do Grajaú - é a porção com maior caráter intimista. Fragmento mais silencioso da Avenida, com menor fluxo de pessoas e veículos (se comparado ao restante da Avenida), e exclusivamente residencial. Porção onde é possível, mais fortemente, aproveitar os sons (da fauna e flora pela proximidade à Reserva), a brisa, os efeitos de luz e vento nas árvores pela diferença de cota de nível. Nele, observa-se a noção de proteção e abrigo assim como a de amplitude; porém essas sensações ocorrem em intensidades distintas. Na quadra entre a Rua Canaveiras e a Praça Edmundo Rego, a percepção de 'ambiente interno' (admitindo a alusão anteriormente explicitada) é mais forte do que na quadra entre as ruas Martinelli e Canaveiras, já que nesta quadra há uma distinção significativa de porte dos Tamarindos. Enquanto que, na quadra entre a Rua Canaveiras e a Praça Edmundo Rego, a maioria dos Tamarindos alcançou a sua maturidade de crescimento arbóreo, de forma que os troncos possuem uma relação de similaridade entre si e, assim, delimitam

**Figura 51** | Dois principais efeitos causados pela copa das árvores  
Fonte: Própria, 2017.

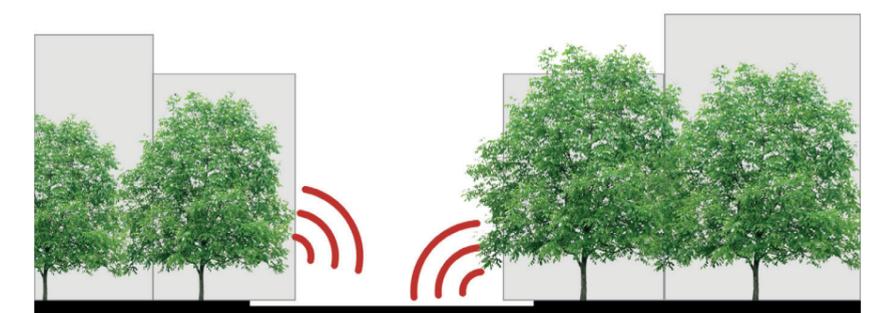


mais fortemente o espaço com a sua robustez e força.

O mesmo ocorre com as copas que alcançam uma altura equiparável e, assim, o encontro entre elas se dá de forma mais contínua, construindo a referência a uma cobertura física. Já na quadra entre as ruas Martinelli e Canaveiras, a diferenciação entre o porte dos Tamarindos suscita a visualização de diferentes 'paredes' e 'janelas', produzindo maiores interações com o 'ambiente externo' (Figura 51). Nas duas quadras há uma interface de troca significativa, a partir da interrupção da continuidade dos Tamarindos com o cruzamento das ruas transversais à Avenida Engenheiro Richard (Figura 52).

Essa interrupção da continuidade favorece uma relação visual e conectiva com a Reserva Florestal do Grajaú. Nesse trecho, o Pico do Papagaio se insere no quadro da paisagem, de forma mais expressiva e relevante, pela proximidade à Reserva e pela diferença perceptível das cotas de nível, o que confere destaque ao Pico e contribui para construir

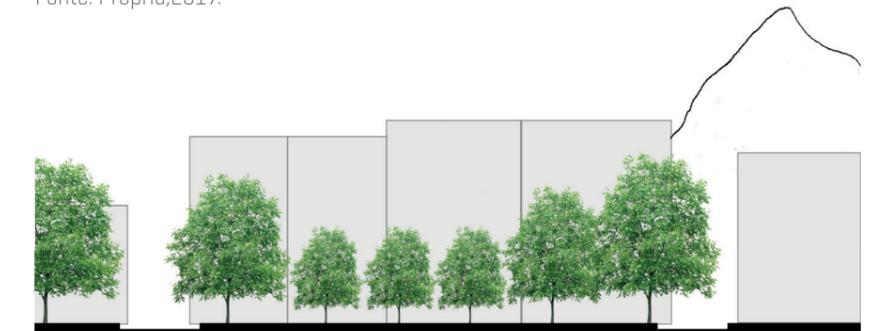
**Figura 52** | Interrupção da continuidade dos Tamarindos  
Fonte: Própria, 2017.



uma alusão de continuidade entre a Reserva e os Tamarindos (Figura 53).

Essa assimilação do trecho 01 estimula a postura de potencializar a sensibilidade dos sentidos, especialmente a audição e a visão, a partir da permanência de sensação de introspecção.

**Figura 53** | Presença de destaque do Pico do Papagaio no trecho 01  
Fonte: Própria, 2017.



O trecho 02 - a Praça Edmundo Rego e as suas adjacências - tem um uma atmosfera de dinamicidade e diversidade. Caracteriza-se como a fração da Avenida que atrai a maior diversidade de público, com a maior gama de oferta de usos (lazer, comércio, serviço, institucional e habitação) e com maior intensidade de usuários em diferentes horários ao longo do dia, se comparados ao restante da Avenida. Esse trecho tem uma lógica espacial diferente dos outros trechos da Avenida; ele remete à antiga conotação de praça pública como ponto de encontro e socialização dos moradores do Bairro, de forma que nota-se um forte aspecto de idealização de vivência e convivência coletiva presente no imaginário.

A massa vegetal, nesse trecho, é heterogênea, ou seja, não há uma espécie predominante. Alguns poucos Tamarindos convivem com Pau-mulato - *Calycophyllum spruceanum*, com Pau-brasil - *Paubrasilia echinata* - e Flamboyant - *Delonix regia* (Figura 54). Além disso, o traçado e o plantio das árvores em cruz tendem a projetar a praça para a Avenidas Engenheiro Richard e a Rua Júlio Furtado numa alusão a praça como confluência e continuidade dessas duas vias e como marco de referência no bairro Grajaú.

Nesse trecho, tem-se duas ambiências marcantes, admitindo a observação anterior de referência à proteção e abrigo e à noção de amplitude. No centro da praça, capta-se a configuração de acolhimento e refúgio. As árvores, principalmente os pau-mulatos, com o seu estado de maturidade de crescimento e com a sua implantação estratégica seguindo a forma geométrica do círculo delimitam a idealização de um amplo espaço central. Esse limite se revela na linha imaginária que conecta os troncos, construindo a ideia do círculo central, mas, também, através do encontro entre as copas das árvores que confere a percepção

**Figura 54 |** Flamboyant, Pau-mulato no trecho 02  
Fonte: Própria,2017.



de unidade no espaço. A mesma sensação ocorre na continuidade entre o círculo central e o ambiente conformado pelos caramanchões. Entretanto, o caramanchão não utiliza a monumentalidade nem a verticalidade das árvores próximas; é criada uma estrutura diferenciada que detém a mesma escala dos usuários, de forma que a cobertura verde é mais fortemente associada à cobertura concreta e física, conferindo assim um caráter de certo isolamento em relação aos outros espaços da Praça.

A partir do limite do círculo central em direção às vias de circulação de veículos motorizados e não motorizados, inicia-se um intercâmbio de influências com a área adjacente. Essa troca ocorre, principalmente, com as visuais da Avenida Engenheiro Richard e da Rua Júlio Furtado e dos seus corredores verde formado pelos seus exemplares de Tamarindos.

**Figura 55 |** Enquadramento do Pico do Papagaio  
Fonte: Própria,2017.



Mas também ocorre com o marco arquitetônico Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, com enquadramento de destaque visual do Pico do Papagaio (Figura 55) e com o relacionamento com as montanhas e a vegetação da Reserva do Grajaú como pano de fundo e limite do campo visual (Figura 56). Além disso, a efervescência do espaço, fruto do incremento das possibilidades de elaboração de associações e relações no trecho, intensifica a noção de amplitude, observando assim que há intensa intercambialidade entre esses vários "espaços externos".

Diferentemente do trecho 01, esse trecho incita o envolvimento e a articulação dos seus diferentes efeitos em um mesmo espaço de forma complementar e colaborativa.

O trecho 03 tem um caráter de compartilhar duas atmosferas antagônicas: extrovertida e intimista no mesmo trecho. O caráter

**Figura 56 |** Praça Edmundo Rego em primeiro plano e montanhas e vegetação em segundo plano  
Fonte: Própria,2017.



extrovertido ocorre, principalmente, pelo relacionamento entre as crianças e acompanhantes com o contexto e os outros usuários. Esse público é constante pela presença de duas escolas e do Grajaú Tênis Clube nesse trecho. A característica desse público infantil, de maior abertura ao estabelecimento de conexões (se comparado a outros públicos), suscita a oportunidade para maior aproveitamento do lúdico nesse trecho. Além disso, a quadra entre a Praça Edmundo Rego e a Rua Mearim sofre considerável influência da agitação da Praça Edmundo Rego, o que favorece essa compreensão extrovertida.

Já a ambiência intimista está presente na quadra massivamente residencial, entre as ruas Mearim e Gurupi. Nela, percebe-se menor interação entre os usuários e a Avenida, e entre os próprios usuários do que na quadra anterior que ainda sofre influência da Praça. A ausência de

atrativos diferentes da habitação, o reduzido fluxo de pessoas e a quase perfeita constância das árvores (referente ao distanciamento entre as árvores e ao porte) conferem um ambiente reflexivo e introspectivo. Um importante uso nessa quadra é a residência para idosos, que aliado à interpretação de ambiente protegido e o caráter intimista, pode configurar uma interessante oportunidade para a sensibilização dos usuários sobre a vegetação, num direcionamento desse caráter ao deleite estético e sensitivo, passível de ser proporcionado pelo conjunto arbóreo.

Nessa porção da Avenida, também se tem visuais atraentes para o Pico do Papagaio, principalmente nos pontos de amplitude (Figura 47). E visuais para as próprias árvores, as quais possibilitam a percepção do efeito perspectiva do alinhamento dos Tamarindos e o desfrute sensorial e estético dos exemplares vegetais.

92

E o trecho 04 – acesso à Avenida – tem um caráter atrativo pela sua visibilidade e pela predominância de tendência de uso comercial. Além disso, também é um trecho importante para a compreensão da relevância e papel da vegetação nessa paisagem. Segmento em que os usuários visualizam a vegetação com um certo distanciamento; sendo, assim, mais forte a sua desproporção com a escala das edificações, oportunizando a alusão simbólica à monumentalidade e à verticalidade de forma ampliar o alcance sensorial e perceptivo através dessa mudança de escala.

Nesses dois últimos trechos, a percepção é semelhante ao trecho 01. No interior das quadras há a predominância da noção de ‘ambiente interno’, enquanto nos cruzamentos com as ruas transversais ocorre maior troca com o ambiente externo. Nesses dois trechos, tem-se maior distanciamento da Reserva, de forma que é possível visualizar a sua

presença como elemento que envolve (como um grande abraço verde) o Bairro e constrói uma linha imaginária no horizonte a partir da cadeia de montanhas.

Apesar da linearidade formal da Avenida, o que poderia levar à interpretação de uma percepção do espaço constante e monótona, a capacidade das árvores de conformarem ambientes com limites definidos (‘ambientes internos’ protegidos e cobertos), mas, também, de configurarem ambientes fluidos com limites pouco definidos (transição entre ‘ambientes internos’ e ‘ambientes externos’) concebe uma rua com diferentes caracteres em um mesmo espaço físico. Essa dualidade favorece a experimentação desse espaço físico a partir dos seus diferentes atributos, ampliando as possibilidades do espaço sensibilizar o usuário e do usuário influenciar o espaço.

Diferentemente dos significados simbólicos verticalidade e monumentalidade, a temporalidade como meio de informação quanto os sinais do tempo, nesse contexto atual, não é tão perceptível. Os Tamarindos na Avenida Engenheiro Richard não produzem mais frutos (exceto os Tamarindos do trecho 01 na quadra entre a Rua Canavieiras e a Rua Comendador Martinelli), de forma que se acredita que os usuários não percebem alterações significativas da árvore ao longo do ano devido a essa condição atual. Ou ainda que os usuários associam essa ausência de frutos e flores à uma característica de constância da árvore.

De qualquer forma, vale salientar a relevância que essas duas partes da árvore, flor e fruto (Figura 57), desempenhariam na impressão dessa Avenida. A flor, além de atrair pássaros, proporcionaria ainda maior destaque pelo atrativo da cor amarela, além de acrescentar qualidade estética com o contraste entre o verde das folhas e o amarelo da flor.

**Figura 57 |** Ilustração botânica Tamarindo; Flor; Fruto  
Fonte: <http://site.mast.br/multimidias/botanica/>.



Enquanto que o fruto provavelmente motivaria o contato físico com a árvore (estímulo ao tato) e também talvez favoreceria o intercâmbio de relações interpessoais entre aqueles que desfrutassem do fruto (estímulo ao paladar) nesse espaço comum.

Porém, apesar disso, os mais antigos usuários relatam com clareza a época em que as árvores davam frutos, como apontado pelo entrevistado Plínio<sup>5</sup>, “a época do fruto exala um cheiro muito forte”. Esse entrevistado salienta o odor, enquanto a entrevistada Flávia<sup>6</sup> evidencia o

<sup>5</sup> Entrevista concedida pelo Plínio, morador do bairro há 33 anos.

<sup>6</sup> Entrevista concedida pela Flávia, moradora do bairro desde o seu nascimento.

sentido visão pelo deleite estético quando afirma que “a interferência das estações é percebida muito claramente [...] com o ressecamento das folhagens que caem e formam um tapete. Esteticamente eu acho muito bonito”. Esses relatos demonstram a associação proposta por Cosgrove (2000) entre a imaginação, os sentidos e o significado. Os sentidos capturam os estímulos que se destacam na experiência e os significados dão sentido a esses estímulos, enquanto a imaginação elabora, metaforicamente, a percepção através de um processo de rememoração das sensações, vivências e valores.

Outra influência compreendida como significativa para o aspecto simbólico temporalidade decorre da presença massiva da Ripsális – *Rhipsalis baccifera*. Ela se mostra tão presente nos troncos e galhos dos Tamarindos que compõe uma camada vegetal sob os Tamarindos. Essa camada introduz uma textura, uma cor e uma composição diferente da original do Tamarindo, influenciando a percepção das partes que formam o Tamarindo através da composição de uma barreira visual.

Retomando o poder da imaginação na experiência da paisagem apontada por Schroeder (2010), a evocação de lembranças é especialmente relatada nas entrevistas. O entrevistado Alberto salienta uma fase da sua vida: “Quantas histórias não ocorreram nas idas e vindas do caminho para escola. Posso dizer que minha adolescência como um todo foi marcada por esse trajeto.” Enquanto o entrevistado Plínio sinaliza a beleza do cotidiano: “pela janela da sala era possível ver toda a avenida”, “Tomar café na janela e observar o mundo”. Essas narrativas revelam a força das árvores da Avenida em instigar a imaginação a reconstruir a paisagem da Avenida (vivenciada anteriormente) e a experiência (as emoções, as percepções e as relações sociais daquele momento anterior)

93

na memória dos entrevistados. Esse significado da memória faz com que a Avenida ganhe profundidade afetiva: os entrevistados mostram maior vínculo com a Avenida [vínculo que engloba desde a vegetação até as pessoas] e conseguem perceber e expressar as sutilezas dessa paisagem.

Além disso, eles se descrevem como uma rede de amizade nas suas relações de vizinhança, como expressado pelo entrevistado José<sup>7</sup> “o Grajaú é família, é amor”, na qual os integrantes se conhecem, se relacionam ativamente e defendem a permanência das características que consideram marcantes para manter o espaço único e acolhedor. Identificam-se e reconhecem-se nesse espaço urbano.

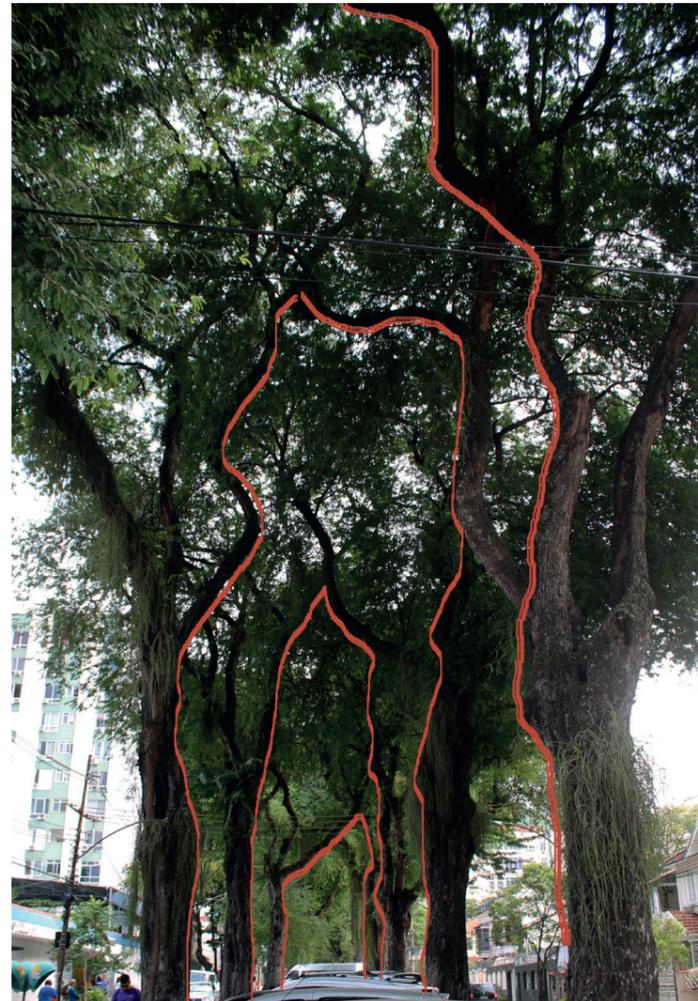
94

Apesar da temporalidade ser pouco significativa, se considerarmos exclusivamente o ciclo do vegetal em si, as pessoas relacionam a Avenida às fases das próprias vidas, como exposto anteriormente. O significado memorial se expressa nessa articulação entre momentos da vida [fase escolar, vínculos de amizade e relacionamentos, momentos de lazer, eventos religiosos, etc] com a presença das árvores. Em geral, descrevem a vegetação como pano de fundo para esses acontecimentos, como já salientado anteriormente, nos quais as árvores são percebidas especialmente pela relevância estética e ambiental.

Além desses significados simbólicos e memoriais, essa imersão se esforça para extrair do meio físico as suas demandas e os seus anseios, através do reconhecimento do que o caracteriza como particular. Para tanto, parte-se do entendimento de Wagner e Mikesell (2003) de

<sup>7</sup> Entrevista concedida pelo José, proprietário do quiosque de flores e plantas localizado no canteiro central da Avenida Engenheiro Richard - próxima à Praça Edmundo Rego.

**Figura 58 |** Efeito túnel dos Tamarindos  
Fonte: Própria, 2017.



que o ambiente expressa preferências e potências culturais de uma determinada comunidade e um conjunto natural específico por meio de padrões de organização, mas também pela maneira como as formas são experienciadas, entendidas e interpretadas. E também da perspectiva de Norberg-Schulz (1980) de compreensão do espaço físico a partir do *genius loci*, da sua geral ambiência e atmosfera [já um pouco explorado anteriormente ao tratar dos significados simbólicos].

A partir dessas perspectivas, a Avenida Engenheiro Richard pode ser percebida como um extenso túnel verde (Figura 58). Essa sensação de túnel se dá através da linha imaginária desencadeada pela implantação retilínea dos Tamarindos, pela monumentalidade das árvores e pelo efeito de cobertura do espaço urbano proporcionado pelas copas que se encontram e se entrelaçam. Outra qualidade específica da Avenida nota-se na relevância do traçado urbano para a sua compreensão em totalidade. O projeto urbano para a Avenida reflete a visão formalista e ordenadora dos seus criadores sobre a cidade do futuro, naquele momento histórico e social. A marcante presença do ideário modernista, com a sua lógica racional e ordenadora, adotam a malha urbana ortogonal como configuradora do espaço e a vegetação implantada seguindo um eixo como elemento de separação das vias e de reforço da malha urbana. Com esse mesmo propósito de ordem e racionalidade, tem-se a adoção da mesma espécie e a sua repetição constante [quase sempre com o mesmo espaçamento entre elas], favorecendo a noção de conjunto e também a notoriedade das árvores.

Outra importante característica que reforça o contexto local são as pessoas e como elas se compreendem nesse espaço público. É constante, nos relatos e também na observação investigativa, a visão de

pertencimento à uma rede de colaboração, suporte e generosidade, na qual a Avenida é o espaço que possibilita a construção dessas relações, tendo como melhor expoente e exemplo o entrevistado José, proprietário do quiosque de plantas e flores, que faz do seu comércio um espaço de confidências, um acolhimento para o café da tarde e para a troca de experiências.

Além desses valores e significados dispersos no imaginário, a postura de observador investigativo visualizou que, de forma geral, a vegetação da Avenida Engenheiro Richard é julgada como um valioso elemento estético, ambiental e sensitivo. Porém, essas qualidades são vislumbradas pela ótica do ente protegido, estático e intocável. Uma visão conservadora de que elementos tombados permanecem inalterados e presos a uma única circunstância. Dessa forma, a vegetação, genericamente, tem o papel de painel de fundo para as experiências no espaço. Fazendo uma alusão à pintura, a vegetação seria a moldura e o retratado na pintura seriam as experiências no espaço. Assim a relação entre as pessoas e a vegetação se estabelece linear e de pouca variação. Essa visão restritiva é incoerente com a diversidade de sensações, ambiências e interpretações, expostas anteriormente, que vislumbram possibilidades de fomento e estímulo no relacionamento entre vegetação e usuários.

95



4

ENSAIO PROJETUAL:  
AFETO E OS  
TAMARINDOS

## 4.1 Princípios Paisagísticos

A partir do suporte teórico exposto no capítulo 1 e das experiências projetuais apresentadas no capítulo 2, esse item da dissertação tem como intenção construir um caminho de atuação para o ensaio projetual na Avenida Engenheiro Richard e outros futuros projetos paisagísticos pautado no ideário de construção da paisagem afetiva. É importante salientar, apoiando-se no posicionamento de Laurie Olin (1988, p. 57) que, apesar dos diversos instrumentos e estratégias para alterar o espaço, “uma certa quantidade de sentimento e instinto em relação ao meio e seus mecanismos são necessários.” Ou seja, esses direcionamentos gerais são indicações para aguçar o olhar do arquiteto paisagística à essa abordagem de intervenção e também são orientações e rumos a serem pautados durante a concepção do projeto, sem ignorar a sensibilidade individual e particular da observação perante ao espaço.

A construção desse caminho inicia-se com a postura do arquiteto paisagística diante do espaço urbano de intervenção. Seamon (2000 apud FARAH, p.63, 2008) aponta uma abordagem de aproximação ao objeto de estudo na qual “é necessário que o pesquisador não desenvolva um olhar crítico com relação ao objeto, procurando uma abertura”, de forma que essa abordagem livre alcance momentos de “insight” e de descoberta e, conseqüentemente, torne mais claro o fenômeno estudado. Para tanto, Seamon (2000 apud FARAH, p.64, 2008) indica dois aspectos determinantes para o método: “o envolvimento direto do pesquisador com o fenômeno”, ou seja, a construção de uma relação de familiaridade e intimidade a partir de uma exposição prolongada; e “uma postura assumida do pesquisador de não conhecimento do fenômeno”, isto é, considerar-se inexperiente e aprendiz no processo de estudo da paisagem a intervir.

Além dessa postura que permeia toda a abordagem da paisagem

afetiva, as dimensões atuam como facilitadores e estruturadores na imersão no imaginário da Rua Engenheiro Richard. A partir do suporte teórico da dimensão simbólica, acredita-se que as principais indagações se referem: à percepção da presença/ausência e da força da vegetação no contexto; como a vegetação urbana é visualizada pelos usuários; como pano de fundo do cotidiano, como conjunto arbóreo, como elemento de destaque na paisagem, como parte integrante da paisagem, como suporte para atividades, dentre outras possibilidades; qual a relação da vegetação urbana no contexto de intervenção com mitos, rituais ou mesmo símbolos locais; e quais as analogias da vegetação urbana expressadas/explicitadas pelos usuários em relação ao contexto urbano ou em relação às suas vivências.

Já a dimensão memorial tem como essencial a imaginação como recurso do projeto paisagístico. Valer-se das possibilidades de fortalecimento de imagens da paisagem, da restauração de paisagens na memória do usuário, da recaptura de experiências vivenciadas, da imersão do usuário no próprio imaginário individual e, ainda, da revisitação e da vivência da experiência mesmo sem, de fato, estar no local a partir do poder da imaginação.

E a dimensão do ambiente contribui, especialmente, para o reconhecimento do contexto de intervenção na perspectiva de que o espaço físico e concreto comunica inclinações culturais de uma determinada comunidade e um conjunto natural específico; em outras palavras, absorver o que o espaço físico conta. A assimilação do contexto também engloba notória atenção à afetação dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) na paisagem, ou seja, ponderar quais as impressões sensoriais desencadeadas durante a experimentação da paisagem. Além disso, observar as principais marcas do lugar (traços, vestígios, memórias

etc] que determinam o seu caráter e, conseqüentemente, que o tornem mais compreensível ao usuário. E ainda captar e identificar as principais trocas entre os usuários do espaço e os seus acontecimentos sociais e culturais mais relevantes, a fim de entender a influência de um sob o outro na vivência desse espaço.

Esse caminho de imersão pautado na interpretação das dimensões associa-se às reflexões motivadas pela pesquisa de projetos paisagísticos contemporâneos. Eles se complementam e se articulam com o propósito de fundamentar a elaboração de direcionamentos metodológicos para o ensaio projetual na Avenida Engenheiro Richard, Grajaú/RJ. Com isso, elencam-se quatro princípios para o projeto paisagístico que atuam como sensibilizadores da intervenção, sob a ótica de construção de uma paisagem afetiva.

O primeiro princípio atrela-se a noção de referência simbólica dos exemplares da vegetação urbana. A consciência da possibilidade de experimentação a cerca do deleite estético, da notoriedade, da força e das sutilezas proporcionadas pelos exemplares vegetais como caminhos de expressão da coletividade, em detrimento a outros recursos do projeto paisagístico. Encarar essas características da vegetação como oportunidades para explorar os seus significados simbólicos (misticismo, universalidade, religiosidade, verticalidade, temporalidade, entre outros). Além disso, essas características podem evidenciar e potencializar mitos, rituais e símbolos locais, ou ainda facilitar a conexão com a essência da vida e com as fases/ciclos da vida humana. Atentar para as possibilidades sensoriais e interpretativas da vegetação, seja a partir da sua presença potente ou da sua organização espacial e formal como ferramenta de alusão às diferentes ambiências e às qualidades do espaço, como potencializador de visuais da paisagem urbana, dos

elementos arquitetônicos e, ainda, como indutor de relações entre os usuários e entre os exemplares e os usuários.

Enquanto que o segundo princípio trata do proveito da vegetação como recurso conceitual, porém de forma associada à consciência do poder da imaginação para a construção e/ou reforço de ambiências com intenções preestabelecidas. Ou seja, utilizar-se da imaginação enquanto ferramenta de composição projetual através das categorias “edição mental”, “viagem no tempo” e “transposição para outros lugares” [propostas por SCHROEDER,2010]. Essas categorias podem configurar possibilidades de composições paisagísticas que evidenciem características definidoras da paisagem ou ainda remetam à contextos urbanos e/ou históricos atrelados à essa paisagem. Além disso, articular essa ferramenta com a diversidade de significados da vegetação para possibilitar sensações prazerosas em relação ao espaço e, também, promover diferentes ambiências a fim de estimular a troca entre o espaço urbano e os usuários. Com essa princípio, a intenção é expandir a utilização da vegetação urbana enquanto elemento de projeto paisagístico. Atrelar a sua capacidade formal [construção de superfícies, planos, relevos,etc] às suas possibilidades polisensoriais [cheirar, ouvir, olhar, saborear e tocar] e imaginativas [associações com aspectos culturais da Colevidade]. Nessa perspectiva de amplificação da vegetação como elemento paisagístico, valer-se do papel da vegetação [considerando as partes que a formam, os seus processos naturais e os culturais a ela atrelados, a sua força e a sua notoriedade no meio urbano] na leitura e interpretação do *genius loci* do espaço. Analisar a sua inserção no contexto por meio da reflexão sobre como a vegetação atua na qualidade peculiar da experiência e vivência dele, de forma que ela expresse as particularidades do espaço que o tornam único e o cotidiano dos seus usuários.

Já o terceiro princípio refere-se a identificar e reconhecer as marcas características da paisagem a intervir que são determinantes para a construção do seu caráter - vegetação, visuais, densidade, traçado urbano, sensações e impressões, usuários, relações interpessoais, acontecimentos culturais, vestígios das transformações ao longo do tempo, entre outros -, sem perder a visão do conjunto dessa paisagem. Perceber quais os atributos fazem desse lugar um espaço diferenciado de outros. Dentre os atributos característicos do espaço, avaliar a relevância da vegetação e a sua relação e/ou importância com os outros atributos na construção dessa diferenciação a fim de ponderar as decisões de projeto quanto à sua utilização como elemento transmissor de valores e significados. Essa identificação e esse reconhecimento do caráter do espaço são possíveis encaminhamentos para a estruturação das intervenções. O caráter pode direcionar a intensidade de intervenção, o estilo de ambientes e ambiências a serem potencializados e/ou elaborados, as preferências culturais e a hierarquização e delimitação do espaço físico, constituindo-se como ferramenta de planejamento para a composição formal do projeto. Para tanto, experimentar o espaço com frequência, proximidade, olhar atento e sem preconceitos na expectativa de que o espaço exponha as suas necessidades e anseios.

O quarto princípio trata de se aproximar das especificidades, particularidades e preferências do lugar quanto aos valores culturais e as experiências cotidianas como ferramenta para reconstrução e/ou reforço da identidade do grupo social, a fim de alcançar o sentimento de pertencimento e segurança, reconhecimento do contexto cotidiano e, ainda, o autoconhecimento em meio a esse espaço. Para tanto, extrair desse espaço urbano os elementos que compõem a experiência cotidiana, sejam eles os grupos sociais e as suas relações, os elementos arquitetônicos, os ícones paisagísticos, os cheiros, os sons, as texturas,

dentre outras sutilezas presentes. Além disso, familiarizar-se como essas particularidades se relacionam com os usuários, ponderando o nível de envolvimento dos usuários com o espaço, os diferentes públicos que vivenciam o lugar, as interações e os distanciamentos proporcionada por esse caráter cultural. Especificamente em relação à vegetação, atentar para os exemplares vegetais existentes, perceber as suas características botânicas [formato das folhas, cores das flores, composição das copas, cores e formato do caule] e a relação dessas características com os outros elementos que conformam a paisagem, deixar-se envolver pelos aromas, pelos sons, pelos enquadramentos visuais e pelos movimentos desencadeados pela vegetação.

Esses direcionamentos trazem uma abordagem generalista, porque se acredita que a subjetividade da temática seja a grande potencialidade a ser explorada. Por isso, não se buscou estabelecer padrões formais a partir de,por exemplo, um guia rígido e restritivo. A ideia é que elas forneçam rumos e auxílio no processo de projeto e não regras a serem seguidas.

As indicações atuam na tentativa de aguçar a subjetividade perceptiva da paisagem, através da experiência sensível do espaço. Essa experiência sensível é a peça chave para alcançar a essência dos valores e significados atribuídos à vegetação na perspectiva de construir espaços urbanos capazes de atrair, envolver e emocionar os usuários.

Considera-se, para tanto, a experiência sensível como um processo perceptivo norteado pelos cinco sentidos humanos. Entende-se percepção, através do conceito defendido por Yi-Fu Tuan, como “resposta dos sentidos aos estímulos externos [...], na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem” [TUAN, 2012, p. 18]. Olhar, cheirar, ouvir, tocar e saborear são canais

de comunicação através dos quais interagimos com o espaço. Porém como os estímulos são muitos e simultâneos na paisagem,seleciona-se aqueles que provocam maior atenção e esses são mais facilmente percebidos. Então a consequência desse estímulo, fruto da interpretação e da organização dos canais sensoriais [os cinco sentidos humanos], de prazer ou desprazer dá origem às emoções associadas ao espaço. E toda referência permeada de emoção é mais facilmente armazenada na memória que, assim, pode influenciar a interpretação da percepção.

Além disso, a articulação entre os exemplares da vegetação urbana e o afeto é uma atribuição dos usuários na experiência da paisagem, então alerta-se para a importância pela apreciação da paisagem junto às pessoas que vivenciam esse espaço urbano. Em todos os princípios, acredita-se que o contato com as pessoas proporciona maior profundidade de envolvimento e maior diversidade de leituras e conexões com a paisagem. Elas são fontes de extrema importância na revelação dos referenciais simbólicos, das relações imaginativas e memoriais, das marcas características e das qualidades da vivência cotidiana da paisagem urbana.

Acredita-se que com essa perspectiva interpretativa os direcionamentos podem auxiliar a percepção da paisagem e instigar e/ou suscitar relações, associações entre os usuários, a vegetação e o espaço urbano. É, então, a partir desses quatro princípios que se desenvolve a proposta paisagística na Avenida Engenheiro Richard. Esses princípios são a base para o desdobramento de proposições como a criação de planos e superfícies, a manipulação do relevo, a delimitação de ambientes e ambiências, entre outras ações apontadas a seguir.

## 4.2 Proposta Paisagística

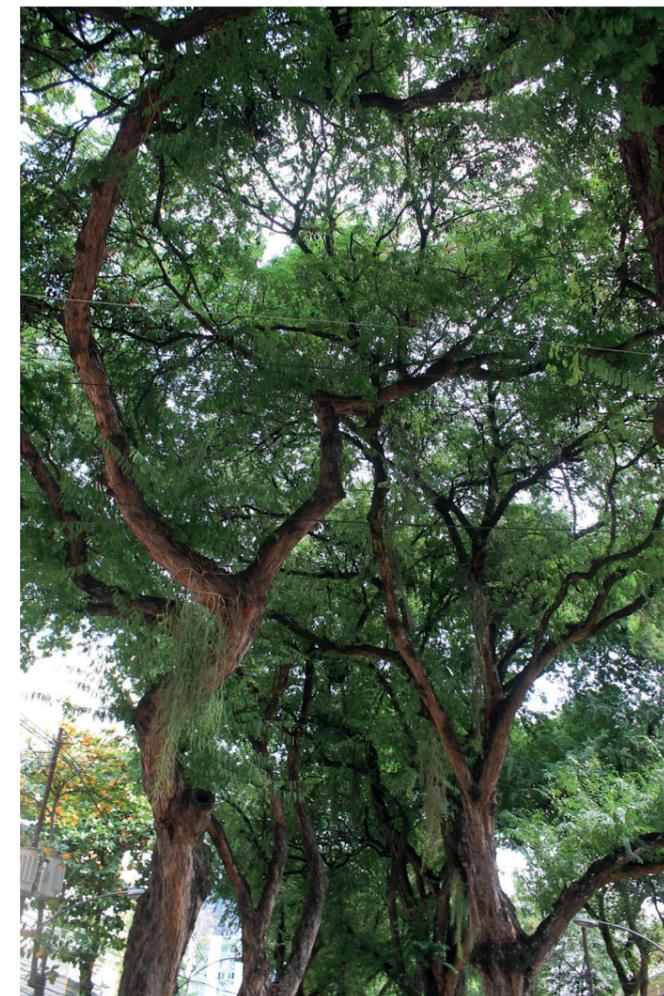
A partir da perspectiva de James Corner [1990] sobre o privilégio da arquitetura paisagística pela atuação mediadora entre sociedade e natureza, e da perspectiva de Marc Treib [2011] sobre a atuação do arquiteto paisagista como instigador de reações ao espaço, a intenção do ensaio projetual é a experimentação dos aspectos sensíveis e teóricos, explorados anteriormente, em um espaço físico na intenção de ordenamento da paisagem, a partir de uma demanda qualitativa em detrimento ao quantitativo e de uma visão de construção da paisagem afetiva.

Sendo assim, a opção por ensaio projetual se dá pela possibilidade de amplitude do desenho da paisagem urbana, na qual a experimentação e a intenção são preponderantes e decisivas na concepção projetual, tendo como recorte, para tanto, a Avenida Engenheiro Richard, no bairro Grajaú, zona norte do Rio de Janeiro/RJ.

O processo de concepção projetual iniciou-se com a imersão no imaginário da Avenida, exposto anteriormente. Em seguida, essa imersão e a sua interpretação possibilitaram o reconhecimento da existência de diferentes caracteres da Avenida, verificando que a melhor atuação na Avenida poderia ocorrer a partir da divisão exposta no item anterior, já que cada trecho detém sensações e ambiências específicas a serem exploradas.

A compreensão das partes que conformam esse espaço demonstrou que, apesar das suas especificidades, a vegetação é o elemento paisagístico constante e encorajador de reações, sensações, ou seja, da composição do laço afetivo. Dessa forma, buscar a vegetação como ênfase da paisagem sensível e, conseqüentemente, como elemento de projeto na concepção paisagística traduz-se como oportuna para o ensaio projetual. Ela se revela como o caminho para articular as

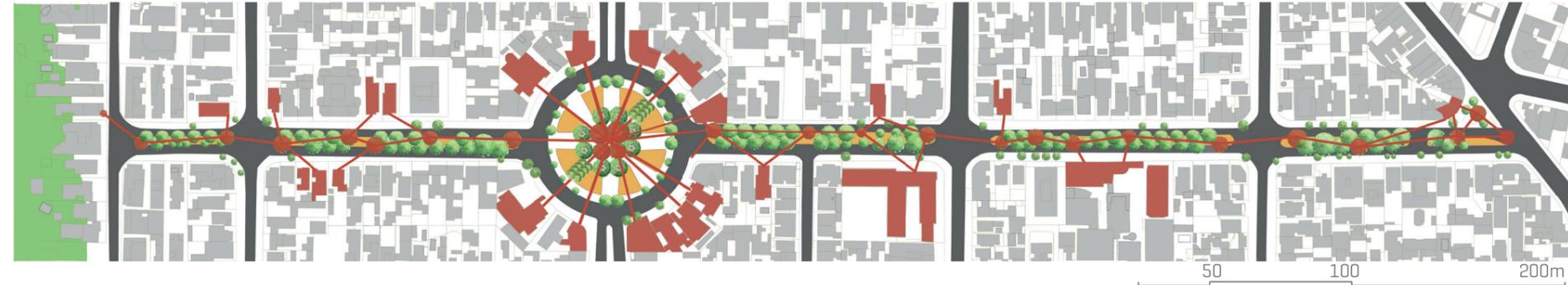
**Figura 59** | Fotografia - Tronco e Copa das árvores  
Fonte: Própria, 2017.



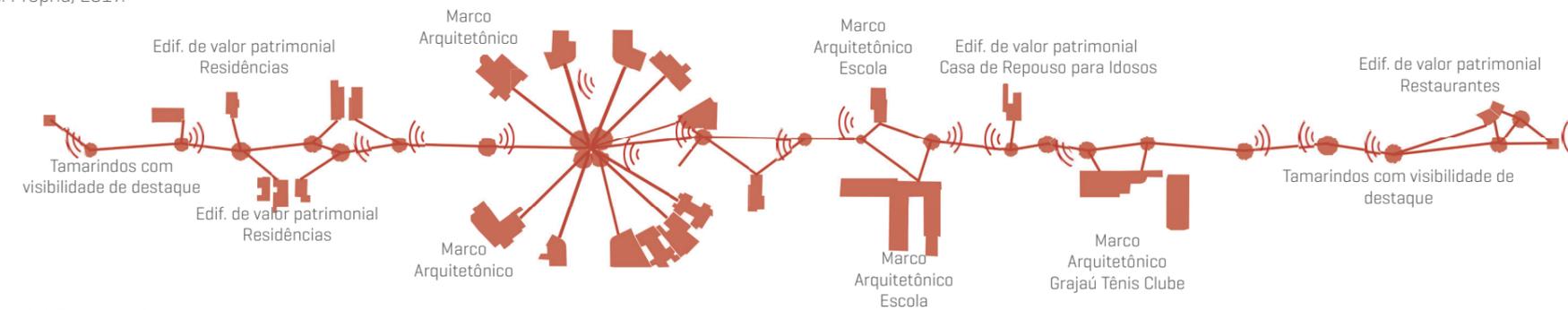
**Figura 60** | Força da estrutura dos troncos  
Fonte: Própria, 2017.



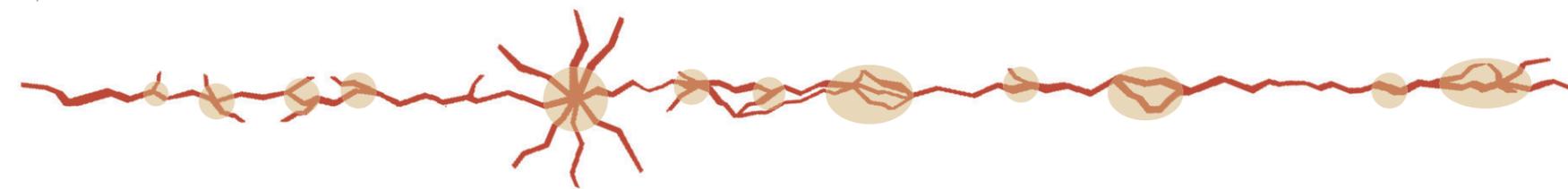
**Figura 61** | Potenciais relações na Avenida  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 62** | Principais marcas da Avenida  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 63** | Estrutura formal e os ambientes de sensibilização  
Fonte: Própria, 2017.



ambiências e as qualidades do espaço, as visuais da paisagem urbana e dos elementos arquitetônicos, e, ainda, para induzir relações entre os usuários e entre os exemplares arbóreos e os usuários.

Tendo em mente a decisão de atuar por meio da divisão da Avenida em trechos e apoiando-se da visão de Murad (2000) sobre a fotografia como elemento indutor do ver, do olhar e do contemplar, a fim de estimular um fluxo criador de novas realidades, sucedeu a seleção e a revelação das fotos tiradas no local. Com esse material em mãos, estabeleceu-se, inicialmente, um ensaio reflexivo com as fotografias impressas. Foi dedicado certo tempo, exclusivamente, à observação das imagens numa postura de visualizar na imagem o que ela relata sobre o espaço de intervenção [ver anexos].

Em contraponto, adicionou-se o pensamento de Spirn (1988, p.124) de que para criar espaços que expressem a história cultural e natural do lugar, o recurso é “estabelecer um quadro que forneça estrutura geral - não um quadro arbitrário, mas um coerente com a estrutura profunda do lugar.” Esse direcionamento teórico, a reflexão sobre as fotografias, a imersão na área e a também o primeiro princípio idealizado [nessa dissertação] sobre a busca na vegetação de possibilidade de experimentação a cerca do deleite estético, da notoriedade, da força e das sutilezas proporcionadas pelos exemplares vegetais como caminhos de expressão da coletividade, suscitou o vislumbamento da força e da expressividade do desenho da copa e do tronco dos Tamarindos (Figura 59 e Figura 60), fornecendo, assim, a base potente, significativa e relevante para o desenvolvimento de uma estrutura formal para o ensaio.

A trama da copa e do tronco, a robustez e a imponência do tronco forneceram suporte imagético, simbólico e formal para a concepção do traçado estruturador e articulador da proposta projetual. A tortuosidade

das linhas formadas pela estrutura da copa e dos troncos foi a inspiração para a construção do recurso formal. Essa trama remete ao enraizamento das pessoas na sua relação com as árvores. Simbolicamente, ela tem o papel de elemento de associação e transmissão das características dos Tamarindos para o espaço físico.

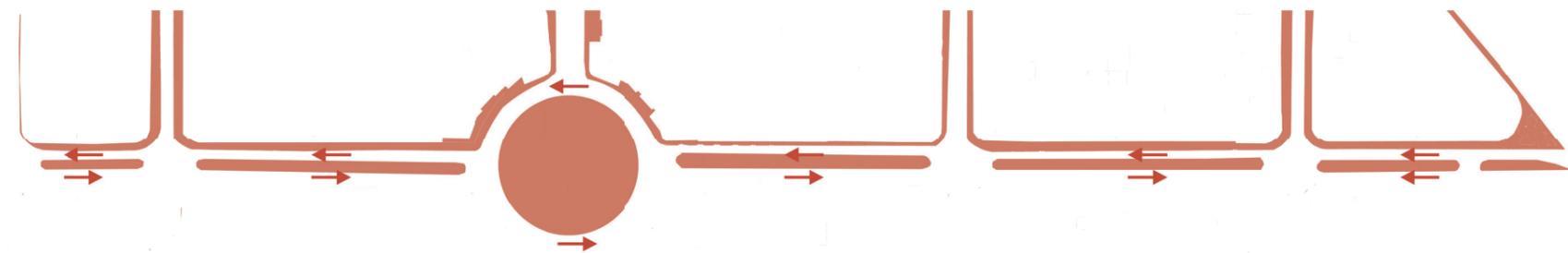
Em cada trecho da Avenida, delimitaram-se as principais marcas representativas do trecho (Figura 62), como proposto no terceiro princípio que assinala a relevância das determinantes que constroem o caráter da paisagem. As árvores que se destacavam ou que detinham posição privilegiada de visualização, as visuais mais interessantes da Avenida, as visuais instigantes do entorno, os pontos de concentração de pessoas, as tendências de usos, os marcos arquitetônicos e as potencialidades percebidas na vivência do espaço foram os elementos mais relevantes na compreensão do caráter de cada trecho. Em seguida, articulou-se a localização das ambiências de amplitude e as ambiências de proteção e abrigo com esses elementos. Essa articulação entre as evidências marcantes do espaço e as ambiências evidenciou os principais nós desse espaço urbano, ou seja, os espaços que congregam as principais sutilezas dessa paisagem e que, então, podem sensibilizar os usuários. Sendo assim, conformaram-se os ambientes de sensibilização, espaços que, de acordo com a sua especificidade perceptiva e sensitiva, propõem-se a estimular os sentidos e as emoções dos usuários desencadeados pela vegetação na Avenida.

Os ambientes de sensibilização foram então articulados e organizados a partir da estrutura formal, baseada nas linhas tortuosas das copas e dos troncos. Essa estrutura formal seria o meio físico de direcionar o usuário a percorrer as diferentes ambiências ao longo da Avenida na intenção de instigar o usuário a explorar diferentes espaços

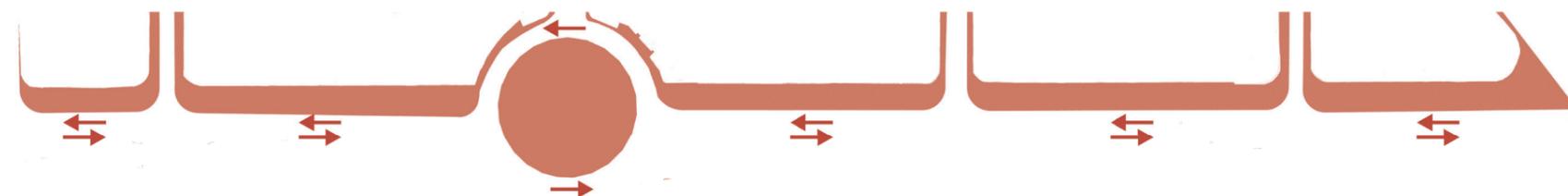
**Figura 64** | Divisão da Avenida em trechos e usos relevantes  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 65** | Sentidos do fluxo do tráfego e divisão das quadras - situação atual  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 66** | Sentidos do fluxo de tráfego e divisão das quadras - proposta  
Fonte: Própria, 2017.



[Figura 63].

Mas também se utilizou da estrutura formal como ordenador da conexão entre os espaços de sensibilização, respeitando o caráter de cada ambiente. Durante essa estruturação, apoia-se no segundo princípio concebido que atenta para associação consciente e intencional da vegetação enquanto recurso formal e as categorias de utilização da imaginação enquanto meio de construção de ambiências. Os caminhos entre eles compreendem as áreas de menor intensidade de intervenção, enquanto que os cenários de sensibilização são os pontos de maior intervenção. Espera-se, assim, o equilíbrio entre os espaços de permanência [concebidos com intenções fortemente estabelecidas a partir de estímulos às sensações existentes] e o caminhar [espaços de multiplicidade sensorial] na perspectiva de promover uma compreensão geral da Avenida.

Durante todo o desenvolvimento do projeto, as fotografias estiveram presentes. Cada momento de dedicação a um trecho envolvia a organização em sequência das fotos do trecho e a reflexão sobre as fotografias impressas. Como se cada foto contasse uma demanda, uma característica ou mesmo uma potencialidade do espaço [ver anexos].

Na concepção projetual tomou-se como base a caracterização da Avenida fruto da imersão no imaginário. Assim, a decisão de explorar as potencialidades observadas, as sutilezas e as marcas de cada especificidade se deu pela busca de maior assimilação das riquezas desse espaço, apesar de concebido separadamente, dada às peculiaridades de cada trecho, eles foram analisados também em função da sua inserção e conexão e/ou desconexão com a Avenida como um todo. Esse procedimento segue a lógica proposta no quarto princípio de extrair os elementos que compõem a experiência cotidiana e também as

preferências culturais dessa paisagem urbano.

Essa riqueza de oportunidades para estimular as relações das pessoas com a vegetação promoveu a decisão de reconfigurar os fluxos do tráfego motorizado e não motorizados na Avenida. O canteiro central, onde estão localizados os Tamarindos, como elemento responsável pela divisão dos sentidos do fluxo foi compreendido como um desperdício diante das relações percebidas no espaço [Figura 65]. Dessa forma, optou-se por agrupar os dois sentidos de tráfego de veículos em uma mesma via e nivelar o canteiro central, a via de mão única e a calçada [de um lado da Avenida] existentes [Figura 66]. A seleção de um lado da Avenida se deu em função das atividades, atualmente, desenvolvidas que agregam e atraem maior público e que já fazem parte da experiência cotidiana dessa paisagem. Especialmente as atividades que ocorrem nas esquinas da Rua Barão Bom Retiro e Rua Júlio Furtado. Mas também pela menor interferência no acesso às quadras perpendiculares à Avenida.

Essa decisão gerou um largo boulevard prioritariamente direcionado aos pedestres e aos ciclistas e de acesso restrito a veículos motorizados [acessível somente para moradores]. O boulevard ampliou a área de contato entre as edificações e as árvores e entre as pessoas e as árvores. Além disso, possibilitou a indução da visualização e vivência da Avenida a partir de diferentes ângulos, valorizando a notoriedade e força dos Tamarindos [Figura 65].

A seguir, tem-se a explanação da construção das proposições do ensaio projetual, a partir de cada trecho.

- Legenda
- Áreas para sentar - mobiliário fixo
  - Morrote
  - Pavimento escuro
  - Pavimento claro
  - Pavimento percurso principal
  - Pavimento percurso secundário

108



*Alpinia zerumbet*



*Curculigo capitulata*



*Cymbopogon citratus*

**Figura 67** | Planta baixa geral da proposta  
Fonte: Própria, 2017.

109



*Syngonium argustatum*



*Dietes bicolor*



*Cymbopogon citratus*



*Strelitzia reginae*



*Sansevieria trifasciata*

50

100

200m

O trecho 01 é a área de caráter mais intimista da Avenida, como apontado na imersão. É um ambiente que proporciona o prazer de usufruir, principalmente, dos sons do movimento das copas das árvores, e da forte brisa dos ventos. Essa peculiaridade em relação aos outros trechos da Avenida levou à opção pela manutenção desse caráter intimista. Para isso, o projeto considerou esse trecho como o de menor intervenção na tentativa de instigar a sensação de introspecção motivada pelo ambiente.

As intervenções ocorrem com o intuito de possibilitar espaços de permanência que valorizem a percepção das diferentes nuances dos Tamarindos (folhas e seus movimentos, efeito de cobertura proporcionado pelo encontro das copas, efeito de sombra e luz desencadeado pelos espaços livres na copa, robustez dos troncos e sua construção imaginária de limite físico, dentre outros). Sendo assim, não foram propostas atividades fins. Foram concebidos ambientes de permanência contemplativos, a partir da utilização de diferentes tipos de mobiliário urbano voltados para o sentar. Esses espaços se relacionam com o que os envolve; então, o tipo de mobiliário selecionado e a sua organização formal são fruto das relações percebidas como potencialidades do trecho. De formas que esses cenários direcionam o contemplar aos atrativos presentes no contexto (Figura 68).

Na primeira quadra do trecho 01, que é a mais silenciosa da Avenida, optou-se pelo uso de redes em corda sintética (Figura 70). A intenção dessa opção é valer-se do lúdico que a rede pode proporcionar: o movimento com o balançar da rede, as visadas desencadeadas pelo ato de se deitar ou de se balançar - principalmente em direção às copas, a incitação de vivência pela presença do elemento diferenciado na paisagem, dentre outras possibilidades.

Além disso, essa quadra tem a peculiaridade de maior

aproximação com a Reserva do Grajaú, o que confere ao Pico do Papagaio destaque e expressividade e a alusão de conectividade entre a Reserva e a Avenida. Então, espera-se, com esse mobiliário urbano, introduzir uma nova perspectiva de experiência dessa particularidade, a partir da inclusão de uma visada sob a copa e as folhas dos Tamarindos.

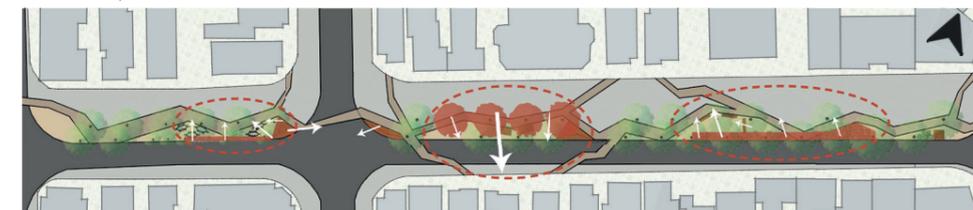
Enquanto que, na segunda quadra do trecho 01, os espaços de permanência direcionam-se, principalmente, para os dois grupos de edificações com valor patrimonial, foram dispostos bancos longilíneos em frente ao maior agrupamento e bancos convencionais próximos ao menor (Figura 71). Espera-se que os diferentes bancos possam atender as necessidades ergonômicas de crianças, adultos e idosos, mas, também, acredita-se que a sua diferenciação e organização encorajam encontros do cotidiano.

Nas duas quadras do trecho, valeu-se da formação de morrotes para promover o direcionamento de visuais interessantes do contexto e dos Tamarindos. Mas também como elemento físico de proteção e barreira ao interior do percurso. Ainda como demarcação, desfrutou-se da concepção de maciços vegetais pela reunião de exemplares da espécie *Alpinia zerumbet* (Alpinia) nas proximidades das redes (delimitando o cenário de sensibilização de ênfase lúdico) e da espécie *Curculigo capitulata* (Curculigo) nas adjacências dos bancos convencionais.

Outro elemento presente nesse trecho é o quiosque de flores e plantas. Manteve-se a sua localização atual, alterando somente a sua linguagem formal, de forma a alinhar-se aos bancos. A sua permanência é fruto da sua importância social, como apontado na imersão. É um local encontro entre vizinhos e amigos, permeado de significados (Figura 72).



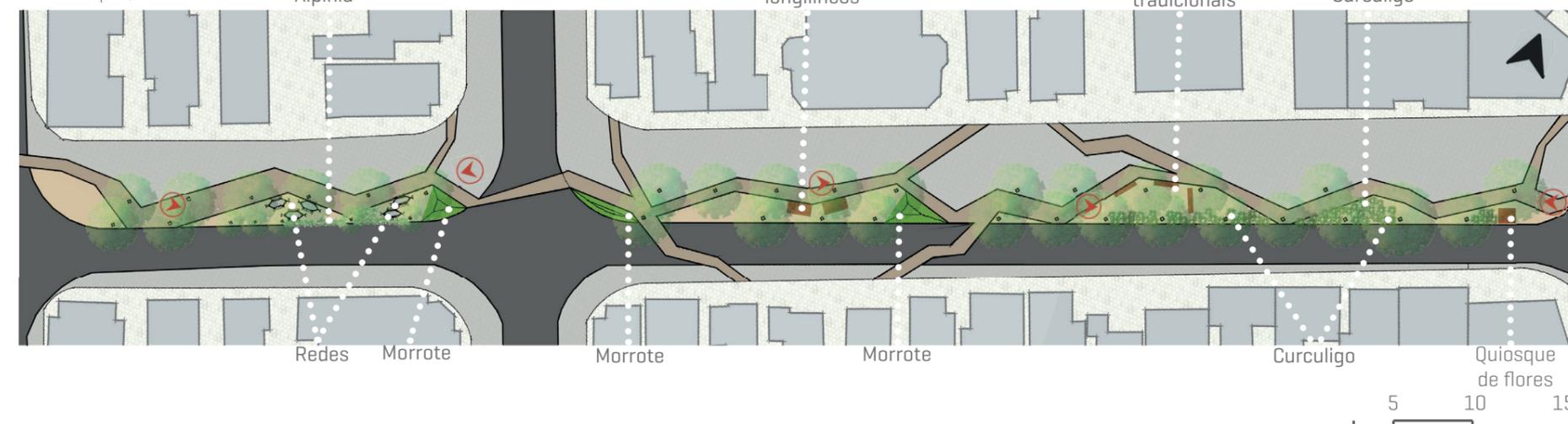
Figura 68 | Esquema explicativo da construção da proposta para o trecho 01  
Fonte: Própria, 2017.



Legenda

- Áreas para sentar - bancos tradicionais e bancos longilíneos
- Morrote
- Pavimento escuro
- Pavimento claro
- Pavimento percurso principal
- Pavimento percurso secundário

Figura 69 | Proposta - Trecho 01  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 70** | Perspectiva - Cenário de sensibilização - Redes.  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 71** | Perspectiva - Ambiente de sensibilização - Bancos tradicionais  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 73** | Perspectiva - Ambiente de sensibilização - Bancos  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 72** | Perspectiva - Quiosque de flores e plantas.  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 74** | Perspectiva - Acesso às redes  
Fonte: Própria, 2017.



A quadra 01 do trecho 03 tem três principais ambientes de sensibilização (Figura 67). O primeiro se relaciona diretamente com a Praça Edmundo Rego. Esse ambiente se constrói a partir do entendimento da noção de continuidade entre a Praça e a Avenida. O caráter de espaço público como ponto de encontro entre moradores se expande da Praça em direção à calçada da Avenida, ou seja, a dinamicidade da Praça Além disso, como abordado na imersão, essa é uma porção da Avenida que combina o extrovertido e o intimista. O extrovertido através da diversidade de público, da pulsante vida urbana [encontros cotidianos entre os moradores], e da sensação de amplitude proporcionada pela visão da cadeia de montanhas. Sendo assim, propõe-se um espaço de permanência que dialogue com a Praça e que se direcione para o interior do canteiro central e da nova configuração do canteiro central somada à calçada. Mas que também instigue o usuário a reconhecer o seu entorno (Figura 75 e Figura 76).

Então a ideia foi conferir novos limites ao espaço de forma a conformar ambiências específicas e a incitar relações entre o espaço e os usuários (Figura 77). Para isso, utilizou-se da criação de morrote na intenção de que ele seja uma barreira, mas também um ponto de “mirante” das visuais para a Reserva e Praça em um sentido e para os Tamarindos e o próprio ambiente de sensibilização no outro sentido. Outro limite do espaço seria imaginado a partir da robustez dos troncos dos Tamarindos associado à composição de um maciço de vegetação arbustiva. O maciço seria composto por duas espécies - *Sungonium argustatum* (Singônio) e *Cymbopogon citratus* (Capim limão) a fim de alcançar intenções distintas. O agrupamento de Singônio seria o elemento de transição entre a proporção da escala humana e a dos Tamarindos, numa tentativa de aproximação e de transição entre a monumentalidade e verticalidade dos Tamarindos e a altura da visada do ser humano, enquanto que o

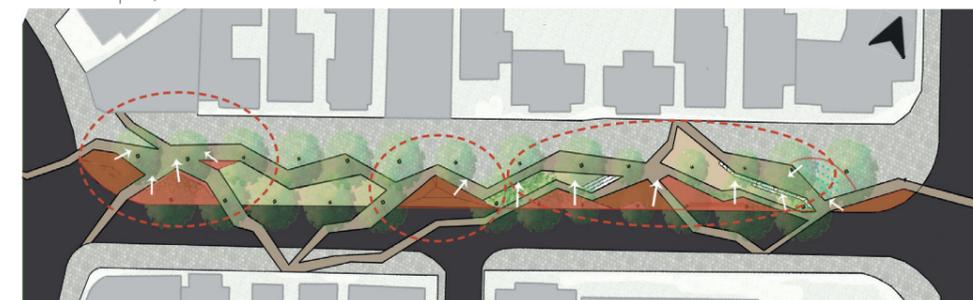
Capim limão, com o seu formato verticalizado, esboça a divisa entre a via para automóveis e o cenário de sensibilização. E o terceiro limite é um limite mais permeável que o anterior, a partir da concepção de uma extensa área para sentar/deitar. Essas três demarcações idealizam acrescentar elementos à sensação de proteção e abrigo já impulsionada pelos Tamarindos, a fim de potencializá-la (Figura 67 e Figura 79).

O segundo ambiente de sensibilização trata mais fortemente do contexto adjacente. Novamente manipulou-se o morrote para apontar potenciais observadas no espaço. Esse morrote tem como intenção explorar a noção de amplitude, a partir do enquadramento do panorama do Pico do Papagaio no percurso do usuário e também do conjunto arquitetônico de valor patrimonial presente. Além disso, a visualização dos Tamarindos a partir de um ponto mais alto do que o nível do chão (80cm acima) impulsiona a percepção do efeito de perspectiva do alinhamento dos Tamarindos e também do efeito de cobertura desempenhado pelo encontro das copas das árvores (Figura 77).

O terceiro espaço de sensibilização se aproveita da potencialidade do público infantil predominante nesse segmento do trecho. Nessa fração, a ideia foi potencializar o lúdico; então, os limites são desempenhados por elementos que apoiam o desenvolvimento de brincadeiras: os jatos de água com movimentos dinâmicos, as áreas para sentar que fazem alusão à rampas e/ou arquibancadas, a pequena escalada em cordas entre os Tamarindos e o morrote, na intenção de ser um elemento base para corridas, esconderijos e escorregar. Espera-se que as atividades propostas articuladas e ordenadas pelos maciços de vegetação introduzida e pelos Tamarindos despertem sensações prazerosas com o meio (Figura 80 e Figura 81).



**Figura 75** | Esquema explicativo da construção da proposta para quadra 01 do trecho 03  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 76** | Proposta - Quadra 01 do Trecho 03  
Fonte: Própria, 2017.

- Legenda
- Áreas para sentar - mobiliário fixo
  - Morrote
  - Pavimento escuro
  - Pavimento claro
  - Pavimento percurso principal
  - Pavimento percurso secundário



**Figura 77** | Perspectiva - Utilização do morrote  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 79** | Ambiente de sensibilização relacionado à Praça  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 81** | Perspectiva - Cenário de sensibilização dedicado ao lúdico  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 78** | Perspectiva - Elemento água como limite  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 80** | Ambiente de sensibilização dedicado ao lúdico  
Fonte: Própria, 2017.



A quadra 02 do trecho 03 tem dois ambientes de sensibilização preponderantes e um secundário. Nessa quadra, também empregou-se a estratégia de conferir limites aos ambientes, numa tentativa de evidenciar as distinções dos ambientes [Figura 82 e Figura 83].

O primeiro ambiente tem como intenção valer-se da sensação de proteção e abrigo associada a potencialidade observada [a atual presença de uma residência para idosos] para agregar elementos que agucem os sentidos, especialmente a audição e a visão, ampliando os canais de comunicação entre o usuário e o meio físico e, assim, fomentar a consciência das qualidades dessa paisagem. Com essa intenção, adotou-se novamente a proposta de um maciço, como barreira física, composto por duas espécies: o *Cymbopogon citratus* [Capim limão] pelo seu formato mais verticalizado, mas também pelo exalação de bom odor; e a *Dietes bicolor* [Moréia bicolor] pela sua floração na cor amarela numa alusão à cor das flores dos Tamarindos e na promoção de constraste com o verde das folhas dos Tamarindos. Outra ação de projeto, nessa perspectiva, foi a proposição de um limite conformado a partir do elemento água. A ideia é que os jatos de água, direcionados em diferentes alturas, criem uma 'parede' de água, conferindo um atrativo visual e sonoro ao ambiente. Além disso, pelo público destacado [idosos] dedicou-se maior atenção ao tipos de possibilidades para sentar, optando por bancos convencionais com apoio para braços e costas e bancos sem apoios. Essa escolha espera garantir maior conforto, mas também atrair outros públicos, diversificando o ambiente [Figura 84].

O segundo ambiente apontou para uma forte relação dos usuários com o marco arquitetônico da Avenida Engenheiro Richard, o Grajaú Tênis Clube. Diferentemente dos outros espaços de sensibilização que voltam a atenção para o interior do antigo canteiro central e da calçada

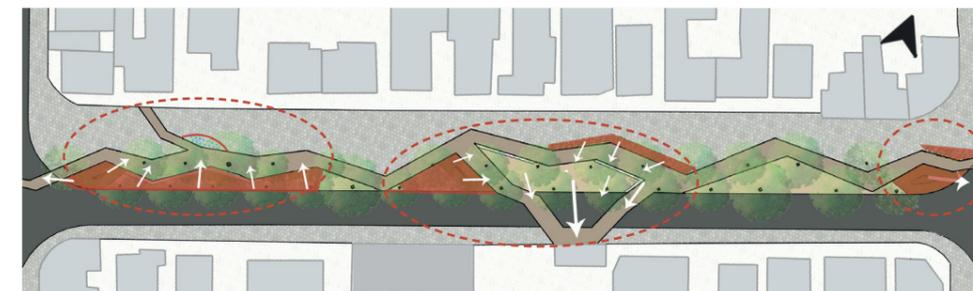
próxima, esse direciona o intercâmbio de influências para o lado oposto. A concepção considera que as 'janelas' existentes entre as copas e os troncos dos Tamarindos devem direcionar o foco dos usuários ao Grajaú Tênis Clube. Sendo assim, opta-se por conceber demarcações que envolvam e impulsionem ao marco arquitetônico. Isso ocorre por meio da criação de possibilidades para sentar, da implantação de um conjunto de exemplares da espécie *Strelitzia reginae* [Ave do paraíso e da proposição de um morrote. Além disso, espera-se que essa relevância dada ao marco também motive a edificação a se relacionar mais ativamente com o espaço público, que esse ambiente possa se tornar uma extensão de algumas atividades do clube [Figura 86].

Enquanto que o espaço de sensibilização atua na transição e conexão entre trechos. A ideia de planejar o morrote no final da quadra é para valer-se da sensação de amplitude. Evidenciar as características de monumentalidade e verticalidade dos Tamarindos por meio da ênfase na sua visualização. Além disso, elegeram-se a cor amarelo como elemento de distinção da quadra em relação às outras da Avenida; também criou-se um maciço formado por um grupo de *Strelitzia* nesse ponto, de forma relacionada ao morrote numa alusão de marcação da entrada desse trecho [Figura 85].

Vale salientar que todos os limites propostos são sempre entendididos como ferramentas que se somam aos limites já proporcionados pelos Tamarindos. As ações projetuais atuam no desejo de direcionar e/ou instigar a experiência nessa paisagem.

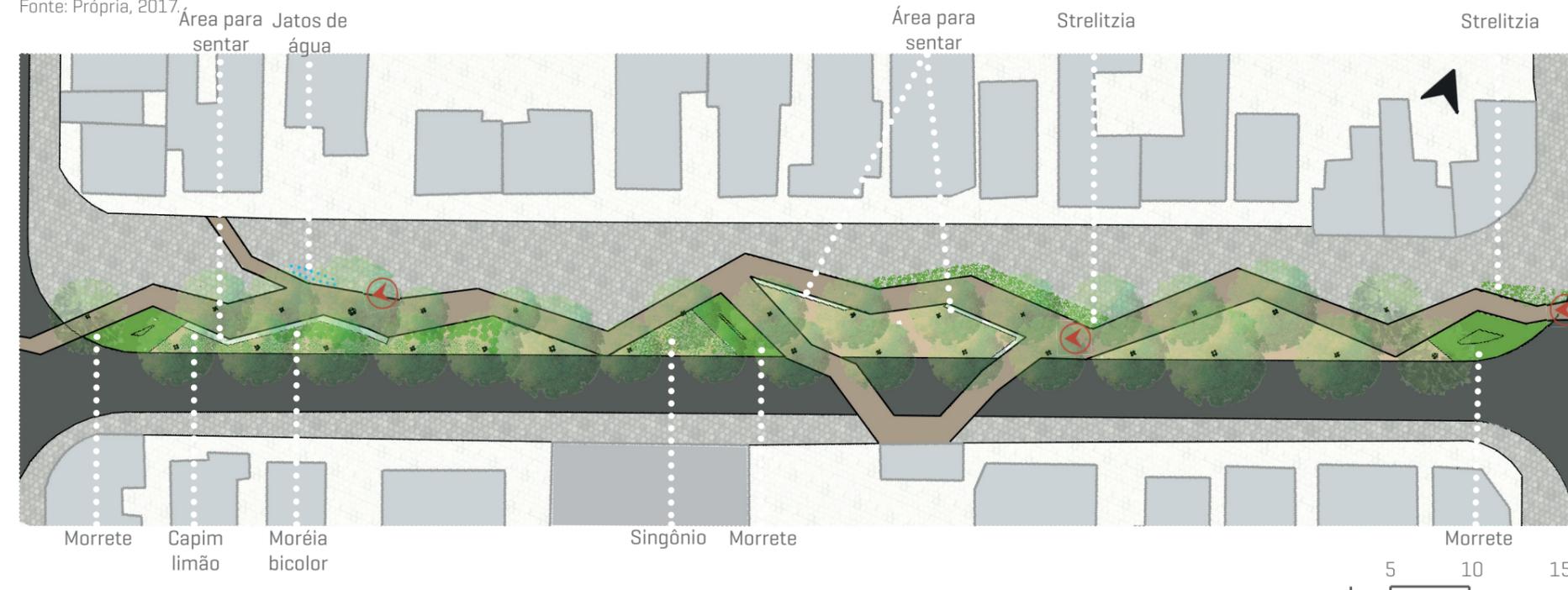


**Figura 82** | Esquema explicativo da construção da proposta para a quadra 02 do trecho 03  
Fonte: Própria, 2017.



- Legenda
- Áreas para sentar - mobiliário fixo
  - Morrote
  - Pavimento escuro
  - Pavimento claro
  - Pavimento percurso principal
  - Pavimento percurso secundário

**Figura 83** | Proposta - Quadra 02 do Trecho 03  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 84** | Espaço de sensibilização - Idosos  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 85** | Transição entre trechos  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 86** | Perspectiva - Ambiente de sensibilização marcado pelo Grajaú Clube  
Fonte: Própria, 2017.



O trecho 04 tem dois espaços de sensibilização, um mais expressivo e estruturador do trecho e outro mais articulador entre trechos (Figura 87 e Figura 88).

O primeiro ambiente desse trecho enfatiza os Tamarindos em si. Então, direcionou-se o cerne da experiência para o interior da quadra concebida. O agrupamento da espécie *Sanseveira trifasciata* [Espada de são jorge] proposto complementa o fechamento propiciado pelos troncos e copas dos Tamarindos, conferindo, assim, maior divisão entre a via de uso de veículos e a quadra. Além disso, o posicionamento do morrote idealizado oportuniza a visualização do conjunto dos exemplares dos Tamarindos e também das características da espécie [caule, folhas, formato e dimensões] (Figura 90).

Enquanto que o segundo ambiente desse trecho foi concebido a partir da transição entre a sensação de abrigo e proteção do ambiente anterior e da sensação de amplitude em relação ao acesso da Avenida. Os morrotes são utilizados como meio de proteção em relação à via de veículos, como direcionadores de Tamarindos a serem destacados e como 'arquiabancada' do próprio ambiente. A intenção dessa opção é que ele se caracterize como um elemento de transição que possibilite a imersão nas duas sensações. Também foi empregado os maciços de espada de são jorge como fomento à interpretação de limite. E em função da principal marca se expressar na apropriação do espaço por bares e restaurantes previu-se uma ampla área sem obstáculos, mas também uma área para permanência (Figura 89).

De forma geral, a intenção do ensaio projetual na Avenida Engenheiro Richard consiste na elaboração de percursos que sensibilizem os usuários em relação à paisagem urbana, especialmente em relação à

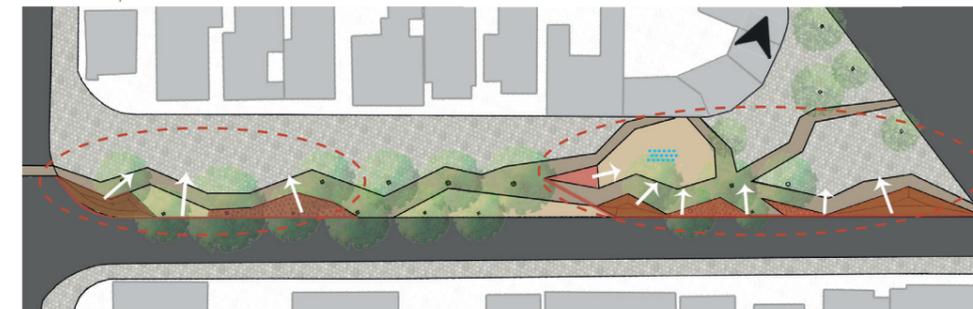
riqueza cognitiva da vegetação urbana presente na Avenida. A proposição de caminhos que, a partir da valorização de atributos qualitativos, revelam uma sequência de sensações e ambiências, podem instigar os indivíduos à se envolver e se emocionar com o espaço, sobretudo através da vegetação como elemento forte dessa paisagem sensível.

As principais atitudes projetuais para alcançar essa intenção foram: a experimentação da vegetação como recurso de prazer estético, de estimulação sensorial e de presença forte e marcante na paisagem [primeiro princípio]; a percepção, a delimitação e valorização das preponderantes ambiências significativamente excitadas pela vegetação; o enaltecimento dos exemplares vegetais em condição de destaque; o emprego da associação entre imaginação e vegetação na construção de limites físicos e na conformação e delimitação das ambiências relevantes [segundo princípio]; a assimilação das marcas dessa paisagem [terceiro princípio]; e o reforço das particularidades sociais da vivência cotidiana da Avenida [quarto princípio].

Essas atitudes se transformaram em proposições que permearam toda a construção desses percursos que sensibilizam. Utilizou-se da proposição de novos exemplares de vegetação agrupados, de forma a constituir maciços, na intenção de associação entre o agrupamento e a noção de limite físico do espaço. Também entende-se o maciço como um meio de transição e aproximação entre a escala humana e a monumentalidade e verticalidade dos Tamarindos. Na escolha das espécies a conformarem os maciços, priorizou-se espécies com alusão à verticalidade quando utilizada para proporcionar ênfase na sensação de limite [principalmente trecho 01,04 e 03, principalmente], espécies com cores de destaque quando empregadas na alusão às cores das flores

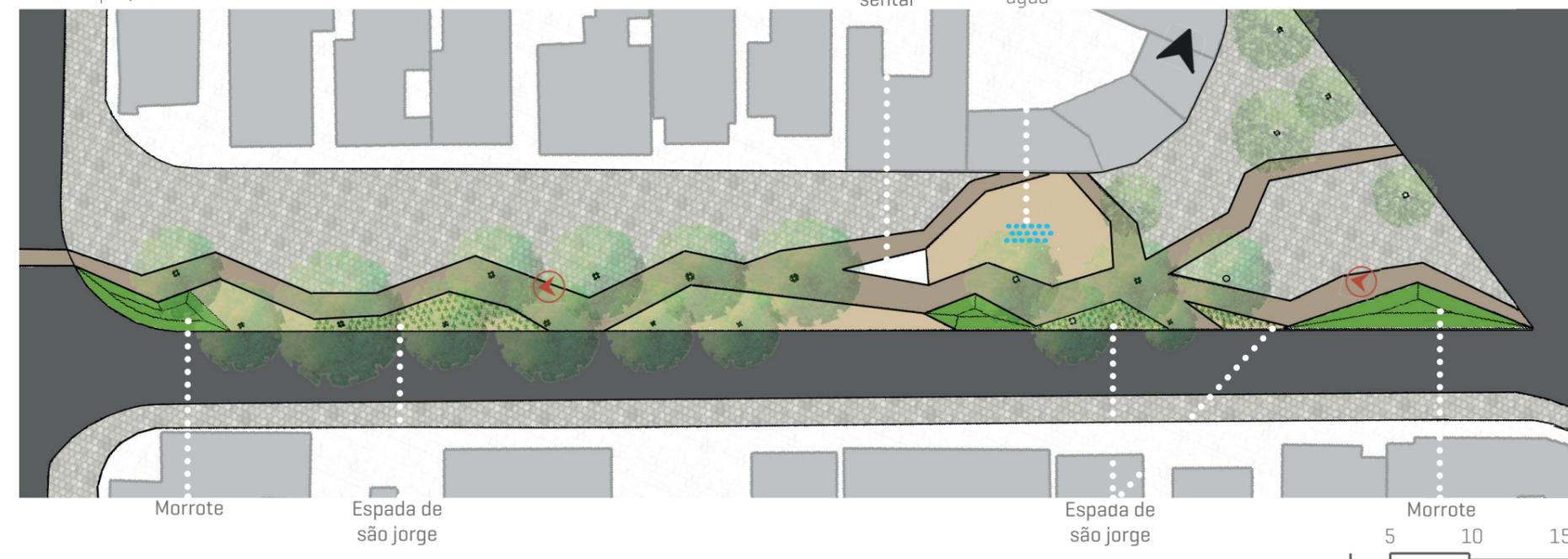


Figura 87 | Esquema explicativo da construção da proposta para o trecho 04  
Fonte: Própria, 2017.



- Legenda
- Áreas para sentar - mobiliário fixo
  - Morrote
  - Pavimento escuro
  - Pavimento claro
  - Pavimento percurso principal
  - Pavimento percurso secundário

Figura 88 | Proposta - Trecho 04  
Fonte: Própria, 2017.



**Figura 89** | Perspectiva - Cenário de sensibilização - Acesso à Avenida.  
Fonte: Própria, 2017.



124

**Figura 90** | Perspectiva - Espaço de sensibilização proporcionado pelos Tamarindos  
Fonte: Própria, 2017.



125

dos Tamarindos e também ao estímulo visual [trecho 03, especialmenre], espécies indicadas para condições de meia sombra [todos os trechos] e espécies que possuem a característica de construir maciços significativos de forma a ocupar os locais onde foram idealizados [todos os trechos].

Aproveitou-se da estruturação de morrotes como mecanismo de proteção e barreira em relação à via de veículos motorizados, mas também como direcionador das visuais das cadeias de montanhas que abraçam a Avenida [trecho 02 e 03, especialmente], do Pico do Papagaio como marco visual e referência [trecho 01, 02 e 03, principalmente], dos Tamarindos [todos os trechos]e do conjunto da Avenida [trecho 04, principalmente].

Manuseou-se dos diferentes mobiliários urbanos direcionados ao sentar para apontar riquezas sensoriais e perceptivas dos Tamarindos e do contexto da paisagem. Esse elemento também foi peça importante na delimitação das ambiências. Os espaços de permanências foram concebidos a partir das ambiências, principalmente as sensações de proteção e abrigo e amplitude; as possibilidades para sentar auxiliaram a reforçar o caráter de cada ambiência com a sua localização e a sua característica formal [bancos convencionais - trecho 01, cadeiras soltas e dispersas - trecho 04, bancos lineares e contíguos - trecho 03, planos lineares - trecho 03 e redes - trecho 01].

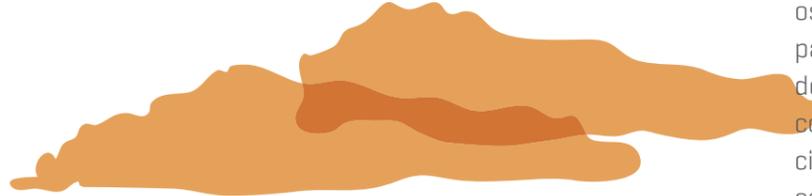
Usufruiu-se da água como elemento lúdico, de prazer estético e sensorial, mas também como recurso imaginativo para a construção de limites físicos. Esse elemento se associa principalmente às potencialidades sociais percebidas na Avenida, especificamente às escolas e à residência de idosos no trecho 03 e ao comércio e serviços no trecho 04.

Beneficiou-se das marcas da paisagem como potencialidades a serem exploradas. Essas marcas foram compreendidas como riquezas e peculiaridades da vivência cotidiana da Avenida, essenciais ao seu *genius loci*. A sua presença e as suas relações foram os articuladores da concepção do espaço [todos os trechos].

Essas ações se articularam para conceber os ambientes de sensibilização ao longo dos percursos e assim promover um encadeamento de estímulos ao usuário. Os percursos e os ambientes de sensibilização se entrelaçam na busca por equilíbrio entre a provocação intencional [desempenhada pelas ações projetuais] e a instigação inerente à riqueza da vegetação presente na Avenida.



# considerações finais



O esforço pelo relacionamento entre o repertório teórico sobre os aspectos sensíveis da paisagem e a atuação profissional do arquiteto paisagista considera-se como uma das principais contribuições e um dos maiores desafios dessa dissertação. A arquitetura paisagística consiste numa área do conhecimento que articula o saber técnico e científico à erudição cognitiva; porém, apesar dessa característica da especialidade, essa esfera subjetiva do conhecimento ainda é pouco explorada. Esse caráter de abordagem da paisagem urbana, a partir de um viés majoritariamente subjetivo e cognitivo, é mais comumente explorado por antropólogos, geógrafos e sociólogos. E as diferenças de prática profissional entre esses profissionais e os arquitetos paisagistas proporcionam enfoques que não contemplam, fortemente, as demandas de estruturação, ordenação e gestão da paisagem. Vale salientar que essas diferenças não negam os importantes subsídios desenvolvidos, porém conduzem à óticas variadas diante do campo do sensível.

Em meio à diversidade de interpretações do campo do sensível, a seleção da vegetação como o elemento direcionador da investigação, a partir do seu papel irradiador de sensações e percepções, contribuiu para aprofundar o reconhecimento das representações construídas sobre ela e sobre a sua influência na atribuição de significados ao espaço urbano. A construção do repertório teórico acerca do imaginário arbóreo, através das dimensões - simbólica, memorial e do ambiente -, apontou para elementos facilitadores da assimilação e interpretação das expressividades da paisagem. Elas foram instrumentos que incitaram, a partir da vegetação como base comum, a materialização espacial da complexa relação entre a sociedade e a natureza.

O subsídio fomentado pela dimensão simbólica ocorreu,

principalmente, através das relações de troca e influência entre a vegetação e as pessoas, do papel de elemento contrastante desempenhado pela vegetação no meio urbano, da força e expressividade da sua presença na paisagem, e da representatividade de diferentes espécies. Enquanto que a memorial revelou os seus estímulos por meio da capacidade da imaginação de instigar os sentidos a capturar sensações, de evocar vivências e lembranças, de transportar os usuários a outros momentos diferentes do presente vivido e a outros lugares, de associar elementos da paisagem e a própria paisagem às memórias e aos espaços físicos. E dimensão do ambiente potencializou a interpretação dessa relação por intermédio das particularidades e especificidades que compõem o caráter do meio e também das vivências cotidianas que agregam a essência das coisas. Essas incitações ampliam as possibilidades de construir relações afetivas entre o espaço físico e os usuários, já que elas induzem a visão da paisagem, a partir de um intercâmbio de influências e interações na qual os dois participantes dialogam e se sensibilizam.

Outra contribuição relevante da dissertação foi a investigação de situações que pudessem sugerir caminhos metodológicos, sistematizados a partir das representações do imaginário social e arbóreo, para o projeto paisagístico. Ou seja, uma busca pela concepção de um direcionamento no qual os aspectos qualitativos da paisagem são mais relevantes do que os aspectos quantitativos na condução das decisões de projeto. Com a consciência da pluralidade da temática, optou-se por abarcar, principalmente, um universo de atitudes diante do objeto de intervenção, mas também por indicar alguns elementos da paisagem aos quais percebeu-se (através do repertório teórico do imaginário arbóreo e da análise dos projetos contemporâneos) a necessidade de dedicação de maior atenção para a sua assimilação e interpretação. Além disso,

esses direcionamentos são uma observação pessoal das potencialidades a serem exploradas na paisagem, a fim de enriquecer a atribuição de significados e a estimular a atração, o envolvimento e emoção dos usuários. Então foram estabelecidos quatro direcionamentos gerais nos quais o destaque à capacidade interpretativa e sensorial do arquiteto paisagista é constantemente requerida. Um primeiro apontando a experimentação da vegetação como meio de expressão coletiva; o segundo, orientado pelo uso articulado da imaginação e vegetação na encorajamento da percepção de ambiências; o terceiro, conduzido pelo reconhecimento das marcas características do espaço que determinam o seu caráter; e o quarto, apoiado pela aproximação às especificidades culturais.

Apesar desses direcionamentos, foi extremamente significativa a clareza de que a essência para a construção da paisagem afetiva consiste na adoção de uma postura pautada na sensibilização do olhar perante a paisagem urbana pelo arquiteto paisagista. Entender-se o arquiteto paisagista como instrumento de transmissão dos desejos, significados, emoções e valores atribuídos pela sociedade ao espaço urbano.

Como experiência pessoal, a adoção dessa postura foi uma tarefa intensa de desconstrução da exclusividade dos procedimentos técnicos internalizados de leitura e apreensão da paisagem, e também do desmonte do processo de projeto conhecido até o momento para, então, reconstruir uma estrutura com as bases do sensível. Inicialmente, esse processo se deu de forma truncada; porém, a partir da familiarização com o repertório teórico dos autores Rival, Silva, Norberg-Schulz e Schroeder, da interpretação dos projetos que vislumbram o campo do sensível, da estruturação de suporte metodológico e do especial e atento uso das

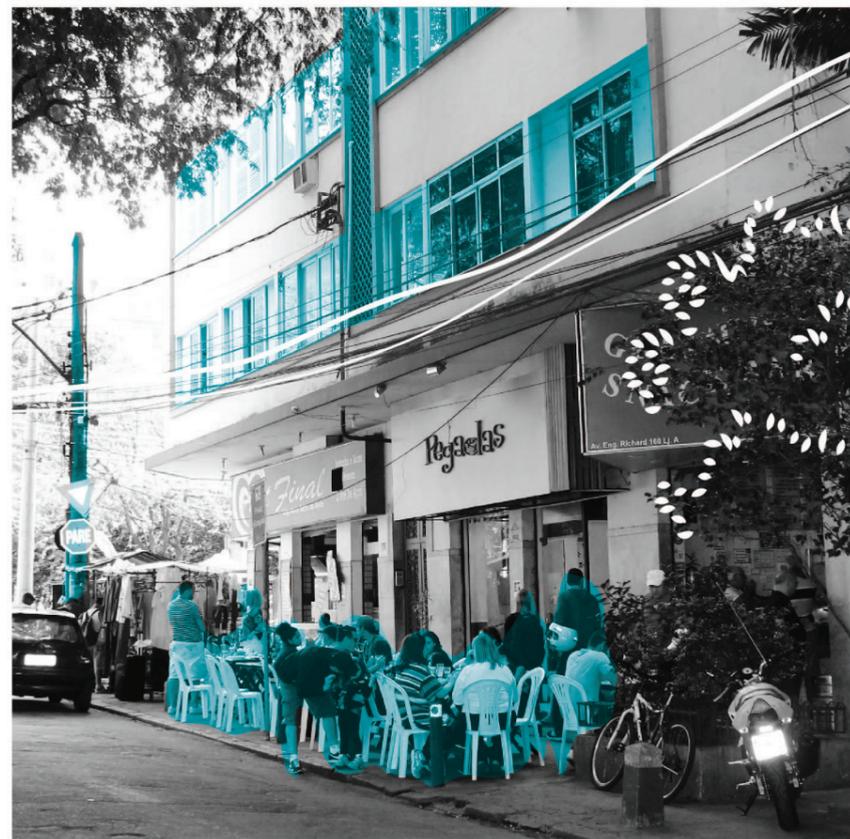
fotografias impressas, o processo desenvolveu-se paulatinamente. O repertório teórico expôs um universo a ser explorado, e direcionou o olhar em meio a um universo amplo que é o campo do sensível através da construção das dimensões. Já a perspectiva dos projetos paisagísticos, a partir da ótica das dimensões, auxiliou na elucidação de caminhos possíveis durante a construção da intervenção paisagística no Grajaú. E as fotografias impressas foram uma ferramenta para auxiliar e pautar a constituição da postura sensível perante à Avenida Engenheiro Richard.

Uma dificuldade considerável, durante o desenvolvimento da dissertação, foi a aplicação das entrevistas. A tarefa de extrair dos entrevistados as suas impressões, seus olhares, suas percepções, suas histórias e suas particularidades foi árdua. Em geral, os entrevistados tinham dificuldade de expor, através da fala ou da escrita, as suas observações. Ou esperavam uma confirmação indicando que a sua resposta estava correta e/ou incorreta ou acreditavam que não tinham nada a acrescentar. Foi necessário persistência, explicação e muita conversa na tentativa de mostrar aos entrevistados que a sua contribuição é de extrema importância e relevância. Essa contribuição relevou as experiências cotidianas, as marcas da Avenida Engenheiro Richard e principalmente a importância dos Tamarindeiros na vivência desse espaço urbano. A força da vegetação na preferência por ele e a possibilidade de exploração desse elemento na construção do projeto paisagístico. Essa postura dos entrevistados reflete que não necessariamente os significados, as conexões e as associações em relação à vegetação urbana e à paisagem ocorrem de forma consciente. De forma que nem todas as entrevistas atingiram o esperado em relação ao conteúdo alcançado e por esse mesmo motivo o reduzido número de entrevistados.

O ensaio projetual na Avenida Engenheiro Richard demonstrou a riqueza cognitiva dessa paisagem urbana. O reconhecimento da diversidade de caracteres da Avenida construiu com a sua linearidade formal. Essa diversidade é fruto, majoritariamente, das diferentes ambiências incitadas pelos Tamarindos, mas também pela vivência cotidiana, a partir da constante troca das relações interpessoais ali desenvolvidas. Uma paisagem urbana em que o espaço físico afeta prazerosamente as pessoas e as pessoas confrontam esse espaço a partir desse bem-estar.

Além das contribuições alcançadas, imagina-se que a dissertação pode gerar desdobramentos conceituais e instrumentais, se explorado a partir da ótica da fenomenologia. A busca pela essência da experiência no espaço poderia auxiliar no desenvolvimento de diferentes direcionamentos para o projeto paisagístico daqueles aqui apontados. Em função da complexidade e da profundidade do pensamento fenomenológico, os estudos desse campo do conhecimento tangenciam e influenciam essa dissertação, mas não a estruturam.

Acredita-se então ter alcançado os objetivos propostos nessa dissertação. O repertório teórico apontou algumas sutilezas da vegetação que incitam a construção do laço afetivo entre a população e a vegetação. A análise de projetos contemporâneos revelou diferentes olhares e exemplos de condutas sensíveis na concepção do projeto paisagístico. E o ensaio na Avenida Engenheiro Richard pôde experimentar o desenvolvimento das decisões projetuais a partir da vegetação como elemento forte na paisagem afetiva, instigando as pessoas a se envolverem e se emocionarem com o espaço urbano.



referências

BORDAS, David Bravo. **ULAP-Platz Berlin [Germany]**. Disponível em <<http://www.publicspace.org/en/works/f034-ulap-platz> > Acesso 10 nov 2016.

BRASIL, RIO DE JANEIRO. Decreto nº 1.921, de 22 de junho de 1978. Cria a Reserva Florestal do Grajaú, transforma, sem aumento da despesa, função gratificada e dá outras providências. Rio de Janeiro. Disponível em <[http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/1978/dec\\_1921\\_1978\\_criareservaflorestalgrajau\\_rj.pdf](http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/1978/dec_1921_1978_criareservaflorestalgrajau_rj.pdf) > Acesso em 12 dez 2017.

BRASIL, RIO DE JANEIRO. Decreto nº 27.380, de 29 de novembro de 2006. Declara imune ao corte o conjunto de espécies vegetais que menciona. Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <<https://cm-rio-de-janeiro.jusbrasil.com.br/legislacao/302201/decreto-27380-06?print=true> > Acesso em 20 ago 2017.

BRASIL, RIO DE JANEIRO. Decreto nº 32.017, de 15 de outubro de 2002. Proceda à reavaliação da reseva florestal do Grajaú, alterando sua denominação e dá outras providências. Rio de Janeiro. Disponível em <<https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/147902/decreto-32017-02> > Acesso em 12 dez 2017.

BRASIL, RIO DE JANEIRO. Decreto nº 39.102, de 19 de agosto de 2014. Cria a área de proteção do ambiente cultural do Grajaú – IX R.A., estabelece critérios para sua proteção e determina o tombamento dos bens que menciona. Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <<https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2014/3911/39102/decreto-n-39102-2014-cria-a-area-de-protecao-do-ambiente-cultural-do-grajau-ix-ra-estabelece-criterios-para-sua-protecao-e-determina-o-tombamento-dos-bens-que-menciona> > Acesso 02 ago 2017.

BRASIL, RIO DE JANEIRO. Decreto nº 36108, de 09 de agosto de 2012. Dispõe sobre a criação da Zona de Preservação Paisagística e Ambiental – ZPPA- 2 da Cidade do Rio de Janeiro para valorização da paisagem urbana e de ordenamento da exibição de publicidade. Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <[http://smaonline.rio.rj.gov.br/legis\\_consulta/42792Dec%2036108\\_2012.pdf](http://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/42792Dec%2036108_2012.pdf) > Acesso 15 ago 2017.

BRASIL, RIO DE JANEIRO. Decreto nº 41286, de 25 de fevereiro de 2016. Dispõe sobre a criação do polo gastronômico do grajaú e regulamenta as condições especiais de utilização da área pública para fins de colocação de mesas e cadeiras. Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <<https://leismunicipais.com.br/a1/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2016/4129/41286/decreto-n-41286-2016-cria-o-polo-gastronomico-do-grajau-e-regulamenta-as-condicoes-especiais-de-utilizacao-de-area-publica-para-fins-de-colocacao-de-mesas-e-cadeiras> > Acesso 20 set 2017.

BLOCH, Maurice. **Why trees, too, are good to think with: Towards an anthropology of meaning of life**. In: The life of Trees in: RIVAL, Laura [Organizadora]. The social life of trees: anthropological perspectives on tree symbolism. Berg: Oxford, New York, 1998, p. 39-57.

BROSSE, Jacques. **Postface**: The life of Trees in: RIVAL, Laura [Organizadora]. The social life of trees: anthropological perspectives on tree symbolism. Berg: Oxford, New York, 1998, p. 299-303.

CARDOSO, Elizabeth Dezouzart. **O capital imobiliário e a produção de espaços diferenciados no Rio de Janeiro: o Grajaú**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p.1-124, jan/mar, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

COSTA, Lúcia Maria Sá; PELLEGRINO, Paulo Renato M. **Perspectivas da arquitetura paisagística no Brasil** in: Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

CORNER, James. **A Discourse on Therory I**: Sounding the depths – Origins, Theory and Representation. Landscape Journal. 21 Set 1991, p. 61-77.

CORNER, James. **A Discourse on Therory II**: Three Tyrannies of Contemporary Theory and the Alternative of Hermeneutics. Landscape Journal. 21 Set 1990, p. 115-133.

DAMAZIO, Vera. **Coisas, espaços e conexões emocionais** in: Arquitetura Sensorial: A arte de projetar para todos os sentidos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017, p. 07-10.

FARAH, Ivete Mello Calil. **Arborização pública e desenho urbano na cidade do Rio de Janeiro**: a contribuição de Roberto Burle Marx. Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB- FAU. Rio de Janeiro, 1997.

FARAH, Ivete Mello Calil. **Rio de Janeiro e árvores urbanas**: uma paisagem afetiva. In: Pinheiro Machado, Denise B. [org.] Sobre Urbanismo. Coleção Arquitetura e Cidade. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora/Editora PROURB, 2006, p.159-173.

FARAH, Ivete Mello Calil. **Poética das árvores urbanas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

FARAH, Ivete Mello Calil; TARDIN, Raquel; SCHLEE, Mônica Bahia [Organizadoras]. **Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil**.

**São Paulo**: Editora Senac São Paulo, 2010.

FIALHO, Edson Soares; IMBROISI, Ernesto Gomes. **A influência dos fragmentos verdes intra-urbanos no campo térmico no alto Rio Joana – RJ**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, 2005, p. 5170-5188.

GRAJAÚ. **História**: Que orgulho do Grajaú. Disponível em < [http://www.correiocarioca.com.br/html/materias/historiaorgulho\\_2017.htm](http://www.correiocarioca.com.br/html/materias/historiaorgulho_2017.htm) > Acesso 10 Jul 2017.

GRAJAÚ. Disponível em <<http://igrejadograjau.blogspot.com.br/>> Acesso 10 Jul 2017.

GRAJAÚ. **Grajaú, 50 anos de lirismo**. Disponível em < <https://tjucarj.wordpress.com/category/historias/page/2/> > Acesso 10 Jul 2017.

LEITE, Márcia Pereira. **Grajaú, memória e história**: fronteiras fluidas e passagens. Cadernos MetrÓpole., [S.l.], n. 05, p. 91-125, maio 2012. ISSN 2236-9996. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/9298/6902>>. Acesso 20 Aug 2017.

LIMA, Natália. **Roteiro do tour histórico**: centenário do Grajaú. Expedição Cultura. Rio de Janeiro, 2014.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARQUES, Paulo Pimenta. **Fenomenologia e fenômeno em Maurice Merleau-Ponty**. Belo Horizonte. Sapere Aude. v.6, n.12, p.832-840, Jul./Dez 2015.

MURAD, Carlos Alberto. **O Fotográfico e o Fotopoético na Criação Imagética**. 4º SIGraDi. Rio de Janeiro, 2000, p.01-03. Disponível em < <http://papers.cumincad.org/data/works/att/1bae.content.pdf> >

NOGUEIRA, Marcia Batista; SCHLEE, Mônica Bahia; BARRA, Eduardo; TÂNGARI, Vera Regina [Organizadores]. **A vegetação nativa no planejamento e no projeto paisagístico**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015.

NOGUÉ, Joan. **Geografias emocionales**. Culturals. La Vanguardia. Maio, 2009.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci**: Towards a phenomenology of architecture. Nova York, Rizzoli, 1980.

PARQUE ESTADUAL DO GRAJAÚ. Disponível em <[http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/INEA\\_008676#/Sobreoparque](http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/INEA_008676#/Sobreoparque)> Acesso 10 dez 2017.

PARQUE ESTADUAL DO GRAJAÚ. Disponível em < <http://www.rio.rj.gov.br/web/smac/exibeconteudo?id=5277162> > Acesso 20 dez 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.27, n.53, p.11-23, Junho 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201882007000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882007000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 Jul 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do Urbano. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PERRONE, Maria Paula M. S. Bueno. **A imaginação criadora: Jung e Bachelard**. Disponível em < <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versoportugues/2c30a.pdf> > Acesso 20 junho 2017.

RIVAL, Laura [Organizadora]. **The social life of trees**: anthropological perspectives on tree symbolism. Berg: Oxford, New York, 1998

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHROEDER, Herbert W. **Does beauty still matter? Experiential and utilitarian values of urban trees**. In: Trees, people and the built environment. Proceedings of the Urban Trees Research Conference. Edgbaston, Birmingham, UK. Institute of Chartered Foresters, 2011.

SCHROEDER, Herbert W. **The role of imagination in experiencing natural environments**. In: Watts, Clifton E., Jr. Fisher, Cherie LeBlanc, eds. Proceedings of the 2009 Northeastern Recreation Research Symposium. Gen. Tech. Rep. Newtown Square, PA: U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Northern Research Station, 2010.

SPIRN, Anne Whiston. **The language of landscape**. New Haven: Yale University Press, 1998.

SPIRN, Anne Whiston. **The Poetics of City and Nature: Towards a New Aesthetic for Urban Design** in: Landscape Journal. Special Issue: Nature, Forma, and Meaning. Volume 7, Number 2. The University of Wisconsin Press, 1988.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

STURZA, José Adolfo Iriam. **Paisagens e lugares do cerrado**: percebendo e valorizando para a vida do homem e do ambiente. In: Conversas entre educadores: novos diálogos/ organizadora Eliane Thaines Bodah. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012 [E-book]. Disponível em <<http://www.projetoportunofundo.com.br>> Acesso 03 Maio 2016.

SUTHERLAND, Mary, WISE, Michael [Editores]. **Thailand – eyewitness travel**. London: DK, 2014.

TANG, Vincent. **Flowscape**: Landscape architecture in creating an affective landscape for performance enhancement within the creative field. Faculty of architecture. University of Manitoba. Disponível em < [https://issuu.com/vincetang20/docs/flowscape\\_paper\\_reduced](https://issuu.com/vincetang20/docs/flowscape_paper_reduced) > Acesso 20 nov 2016.

TREIB, Marc [Org]. **Meaning in landscape architecture & gardens**: four essays, four commentaries. Nova York: Routledge, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

WAGNER, P. L.; e MIKESEL, M. W. **Os Temas da Geografia Cultural**. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. [org]. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.



**anexos**

**Modelo Entrevista |**

**DADOS GERAIS**

01- Nome:

02- Gênero:

Feminino  Masculino

03- Escolaridade:  Ensino Médio Completo  
 Ensino Fund. Incompleto  Ensino Sup. Incompleto  
 Ensino Fund. Completo  Ensino Sup. Completo  
 Ensino Médio Incompleto  Pós graduação

04- Qual a sua relação com o bairro?  
 Moradia  Trabalho  Lazer  Circulação  
 Outro

05- Há quanto tempo é usuário do bairro?

**PERSPECTIVA SIMBÓLICA**

06- O que, para você, é mais marcante no bairro?

07- Como você descreveria o bairro?

08- Você acha que a vegetação pode modificar ou modifica positivamente um espaço? Se sim, como?

09- Qual sua opinião sobre as árvores da Rua Engenheiro Richard?

10- O que você acha que diferencia a Rua Engenheiro Richard de outras ruas?

11- Você sabe qual é a espécie predominante na Rua Engenheiro Richard?

12- Qual a sua relação com a vegetação da Rua Engenheiro Richard?

Relação com o fruto?  
 Proveito da sombra? De que forma?  
 Como um elemento estético/beleza? Porquê?  
 Relação histórica/afetiva?  
 Referência para localização no bairro?  
 Espaço de permanência/lazer? Como?  
 Outro. Explique

13- Você percebe as mudanças nas árvores ao longo do ano? Se sim, como isso o afeta?

**PERSPECTIVA MEMORIAL**

14- Quais são as suas principais lembranças nessa Rua?

15- Nessas lembranças, a vegetação é um elemento presente? Como ela aparece nas suas lembranças?

16- Alguma experiência da sua vida é marcada pelo verde da Rua Engenheiro Richard?

**PERSPECTIVA DO LUGAR**

12- Você acha que as pessoas percebem as árvores como uma marca da Rua?

13- Qual é a melhor característica da Rua?

14- O que você gostaria de mudar na Rua?

**Fotopoética - Utilização da metodologia proposta por MURAD |**



Sequência englobando toda a Avenida



Sequência englobando trecho 04



Sequência englobando trecho 03



Reflexão sobre trecho 04



Reflexão sobre trecho 03

